



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MEMÓRIAS DE ESTUDANTES EGRESSOS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1960-1968)**

**JOELZA DE OLIVEIRA SANTOS**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**

**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MEMÓRIAS DE ESTUDANTES EGRESSOS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1960-1968)**

**JOELZA DE OLIVEIRA SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição.

**Orientador: Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, obrigada Senhor por ter me concedido a graça de chegar até aqui e de ter cumprido a tarefa empreendida para o curso desta investigação. À santa Rita de Cássia pela intercessão desde o processo de seleção, agradeço aqui a graça alcançada!

Aos ex-alunos entrevistados do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe por terem aqui compartilhado suas memórias, abraçando a importância de se lembrar a história como fonte de conhecimento, bem como por toda gentileza e disponibilização, em especial à Eliana Andrade Porto, Rosa Maria Viana de Bragança Garcez e a Rubens Ribeiro Cardoso Filho por terem sido luz nesta caminhada.

Ao meu orientador Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição pela exímia orientação e pelo tempo a mim dedicado para a construção desta dissertação. Professor Joaquim, parabéns por todo profissionalismo e competência, pela dedicação primorosa, guiando cada passo necessário para a construção desta pesquisa. Que Deus em sua infinita bondade continue o abençoar e toda a sua família.

À querida Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, a qual desde a seleção me atendeu com muita presteza, competência e cordialidade. Profissional exemplar, que juntamente com o meu orientador Prof. Joaquim coordenam o GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED), no qual pude ter acesso às discussões teóricas sobre a educação e aprofundar meus conhecimentos.

Aos professores doutores Martha Suzana Cabral Nunes, Marco Arlindo Amorim Melo Nery e Marizete Lucini pelas contribuições pertinentes e cuidadosas para o aprimoramento desta escrita. Agradeço todo o aprendizado! À professora Josefa Eliana Souza, por meio da disciplina cursada História da Educação Brasileira, que no desempenho de seu ofício contribuiu com seu vasto conhecimento para o meu crescimento como discente, pesquisadora e profissional, meus sinceros agradecimentos. E à professora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, por toda atenção na fase inicial da pesquisa e sugestões que nortearam o desenvolvimento deste estudo.

Não poderia também deixar de reconhecer minha gratidão às pessoas que conheci ao longo desta caminhada, as quais diante das dificuldades, por intermédio de um sorriso, palavras de conforto, troca de experiências e conhecimento socializado tornaram o percurso mais leve, fortalecendo a amizade: Anne Emilie, Aristela, Beth, Elis Regina, France Robertson, Genivaldo, Fabio, Jirlan, Juselice, Laísa, Magna, Marluce, Rafaela, Renilfran,

Rísia, Sayonara e Stefany. E à Walna Patrícia (Paty) pela amizade e convívio constante ao longo de toda jornada rumo à conclusão do mestrado, obrigada amiga por todo conhecimento compartilhado, desejo-lhe muita sabedoria no desempenho da missão que Deus lhe confiou em prol da Educação Especial.

Às amigas Sheilla Silva da Conceição e Kessia Reinaldo pela amizade construída desde o curso de Pedagogia, as quais me incentivaram a participar da seleção para o Mestrado. Obrigada pela torcida!

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) pelos serviços e cordialidade prestada quando solicitados.

Por fim, minha eterna gratidão aos meus pais, Carlos Roberto e Elza, que sempre zelaram pela minha formação escolar, a meu filho Antony e sobrinhos, Tiago, Lara, Caio, Lorenzo e Leonardo, a meus irmãos, João Roberto e Robelza pela torcida, a meu esposo Anderson sempre compreensivo, à minha cunhada e comadre Ana Paula pela confiança e encorajamento, aos cunhados Marcos, Cristiane, Chico e Domício, enfim, a todos os familiares e amigos que compartilharam direta ou indiretamente de cada momento dessa trajetória.

## RESUMO

Este estudo é uma abordagem histórica do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e tem como objetivo principal compreender as percepções de estudantes egressos do Ginásio de Aplicação sobre as práticas educativas e culturais vivenciadas ao longo de suas carreiras escolares, no período compreendido entre 1960 e 1968. O trabalho está inserido no campo de estudo da História da Educação, na perspectiva da História Cultural, buscando aporte teórico em Chartier (1990), a partir dos conceitos de apropriação, representações e práticas, visando compreender o que foi rememorado por meio do discurso e das práticas culturais socialmente construídas, pautado em Bosi (1994) e Pollak (1992; 1989), quanto ao conceito de memória e identidade; Julia (2001), no que se refere à concepção de cultura escolar como categoria de análise; e em Bourdieu (2002; 2007) no tocante aos conceitos de capital cultural e reprodução cultural no campo das lutas simbólicas. Utilizou-se a metodologia da História Oral Temática, pautada em Alberti (2013; 2004), Meihy e Holanda (2013; 2015) e Meihy e Ribeiro (2011) estabelecendo relatos de memórias como fonte principal da pesquisa. Este estudo utiliza como fonte oito entrevistas do acervo audiovisual do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), resultantes da execução do projeto “Percepções da realidade”: Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995); e oito realizadas pela autora desta pesquisa. Portanto, constitui-se em uma pesquisa de cunho memorialístico acerca da carreira escolar e da cultura assimilada pelos estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, instituição de ensino criada para servir como campo de estágio e de experimentação pedagógica, vinculada à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a qual permanece na memória de seus ex-alunos até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Cultura Escolar. Ginásio de Aplicação. História da Educação. Memórias. Pertencimento.

## ABSTRACT

This study is a historical approach of the Application Gymnasium of the Sergipe Catholic Faculty of Philosophy and its main objective is to understand the perceptions of graduates of the Application Gymnasium about the educational and cultural practices experienced throughout their school careers, in the period between 1960 and 1968. The work is inserted in the field of study of the History of Education, from the perspective of Cultural History, seeking theoretical support in Chartier (1990), from the concepts of appropriation, representations and practices, aiming to understand what was remembered by discourse and socially constructed cultural practices, based on Bosi (1994) and Pollak (1992; 1989), regarding the concept of memory and identity; Julia (2001), regarding the conception of school culture as a category of analysis; and Bourdieu (2002; 2007) regarding the concepts of cultural capital and cultural reproduction in the field of symbolic struggles. The Thematic Oral History methodology was used, based on Alberti (2013; 2004), Meihy and Holanda (2013; 2015) and Meihy and Ribeiro (2011) establishing memory reports as the main research source. This study uses as source eight interviews of the audiovisual collection of the Research, Documentation and Memory Center of the College of Application (Cemdap), resulting from the execution of the project "Perceptions of reality": Memories of students graduating from the College of Application (1960-1995) ; and eight performed by the author of this research. Therefore, it is a memorialistic research about the school career and the culture assimilated by the students graduated from the Gymnasium of Application of the Catholic Faculty of Philosophy of Sergipe, an educational institution created to serve as a field of internship and pedagogical experimentation, linked to the Catholic Faculty of Philosophy of Sergipe, which remains in the memory of its former students to the present day.

**Keywords:** School Culture. Application Gym. Education History. Memoirs. Belonging.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Futura sede do Ginásio de Aplicação Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e seu fundador Luciano José Cabral Duarte em 1959.....	26
<b>Figura 2</b> – Arruamento das proximidades do Ginásio de Aplicação no ano de 1965.....	40
<b>Figura 3</b> – Alunos da primeira turma do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	44
<b>Figura 4</b> – Verso da Figura 3, elencando os nomes das pessoas que constam na fotografia da primeira turma do Ginásio de Aplicação (G.A.) .....	44
<b>Figura 5</b> – Tabela dos preços estipulados para as mensalidades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1960.....	46
<b>Figura 6</b> – Registros na caderneta de uma ex-aluna do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	52
<b>Figura 7</b> – Circular encaminhada aos pais de aluno do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	53
<b>Figura 8</b> – Certificado de aprovação em exames de admissão à 1ª série ginasial do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe .....	54
<b>Figura 9</b> – Formatura dos alunos concluintes da primeira turma do G.A. na cerimônia realizada no auditório da FCFS.....	57
<b>Figura 10</b> – Fotografia do último dia de aula da turma que concluiu o ensino colegial.....	58
<b>Figura 11</b> – Camisa da farda assinada pelos colegas da primeira turma do G.A. (1960-1963).....	60
<b>Figura 12</b> – Caderneta escolar do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1962.....	65
<b>Figura 13</b> – Informações sobre os deveres do aluno e as faltas graves que constavam nas cadernetas escolares do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1962.....	67
<b>Figura 14</b> – Emblema estampado no bolso da farda do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1960.....	71
<b>Figura 15</b> – Primeira diretora do G.A., Rosália Bispo dos Santos (1959-1965).....	74
<b>Figura 16</b> – Ex-diretora do G.A., Lindalva Cardoso Dantas.....	75
<b>Figura 17</b> – Ex-diretor do G.A., Juan José Rivas Pásqua.....	75
<b>Figura 18</b> – Prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe .....	80

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Ginásios de Aplicação criados a partir do Decreto Lei 9.053 de 1946 até 1968..	11
<b>Quadro 2</b> – Relação dos estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, entrevistados do período de 1960 a 1968.....	18
<b>Quadro 3</b> – Relação de dissertações e teses de abordagem histórica a respeito de Ginásios/Colégios de Aplicação no Brasil.....	19
<b>Quadro 4</b> – Instituições escolares de procedência dos estudantes entrevistados.....	36
<b>Quadro 5</b> – Formação profissional dos ex-alunos entrevistados e de seus pais .....	41
<b>Quadro 6</b> – Relação dos primeiros professores do Ginásio de Aplicação.....	62



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 GINASIANOS E SUAS MEMÓRIAS.....</b>	<b>25</b>
2.1 A FACULDADE DE FILOSOFIA: “UMA SEMENTEIRA DE GRANDES ESPERANÇAS PARA O ESTADO SERGIPE” E O G.A.....	28
2.2 OS ESTUDANTES: O PERFIL SOCIAL RETRATADO NAS MEMÓRIAS.....	34
2.3 O INGRESSO E A CARREIRA ESTUDANTIL.....	48
<b>3 COTIDIANO ESCOLAR: ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO.....</b>	<b>57</b>
3.1 OS PROFESSORES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	61
3.2 LEMBRANÇAS QUE O TEMPO NÃO APAGA.....	71
<b>4 ESPAÇOS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>77</b>
4.1 O JARDIM EM FORMA DE "U": O ESPAÇO ESCOLAR.....	78
4.2 PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO DO G.A. (1960-1968).....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>100</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo consiste em uma abordagem histórica do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, por meio das memórias dos estudantes egressos no período compreendido entre 1960 e 1968. A delimitação temporal tem como marco inicial a primeira turma de alunos, em 1960, até o momento em que a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi incorporada à Fundação Universidade Federal de Sergipe, juntamente com o Colégio de Aplicação (BRASIL, 1967).

O principal objetivo é compreender as percepções de estudantes egressos sobre práticas educativas e culturais vivenciadas ao longo de suas carreiras escolares na referida escola. A partir das narrativas memorialísticas dos ex-alunos, busca-se apresentar a identidade consolidada e que permanece guardada em suas lembranças. Como objetivos específicos: conhecer o perfil social dos estudantes egressos das primeiras turmas, analisar o sentimento de pertencimento dos ex-alunos com a citada instituição escolar e, por fim, compreender configurações da cultura escolar ao longo do período estudado.

O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi fundado em 30 de junho de 1959 para servir de treinamento didático dos estudantes da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe<sup>1</sup>, os quais se encontravam às vezes em dificuldades de desenvolver seus estágios nos ginásios existentes na capital. Contudo, passou a funcionar efetivamente em 1960, com a primeira série do curso ginásial, primeiro ciclo do ensino secundário, compreendendo os quatro anos iniciais, tendo como pré-requisito na matrícula a idade mínima de 11 anos, o pagamento de mensalidade, exceto para o aluno reconhecidamente pobre, mediante a aprovação no exame de admissão (CEMDAP, 1959).

Em 30 de dezembro de 1965, por ato da Inspeção Seccional do Ensino Secundário de Aracaju, foi autorizado a oferecer o segundo ciclo do ensino secundário (curso colegial), passando a ser denominado Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, atualmente denominado Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CEMDAP, 1992).

Deste modo, ao longo deste estudo serão utilizados os termos Ginásio de Aplicação (G.A.) ou Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, haja vista que

---

<sup>1</sup> Conforme Oliveira (2013), a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) também era conhecida como Fafi, nome genérico dado às referidas Faculdades em diversas regiões brasileiras.

essa instituição teve duas denominações<sup>2</sup> no período pesquisado, bem como a denominação ginásianos, porque se constatou que este termo foi marcante nas memórias dos ex-alunos.

Ao ser incorporado à Fundação Universidade Federal de Sergipe em maio de 1968, o G.A., juntamente com a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, passou a fazer parte da rede de escolas públicas federais, mantidas pelo Ministério da Educação (CEMDAP, 1959).

Com ênfase em investigar como se configuram as práticas escolares no cotidiano do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, tomando como fonte principal as memórias dos estudantes egressos, esta pesquisa apresenta os seguintes questionamentos: como se manifesta o sentimento de pertencimento nas memórias dos estudantes egressos? Quais as práticas pedagógicas e como estas foram assimiladas pelos estudantes no decorrer de suas trajetórias escolares? Quais as representações e significações do espaço escolar para os estudantes? Qual o perfil socioeconômico desses ex-alunos?

Tem-se como hipótese de que o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi uma instituição de ensino secundário voltada para a formação escolar de grupos elitizados do estado de Sergipe, cujo sentimento de pertencimento permanece vivo nas lembranças de seus estudantes egressos.

A pesquisa se insere na linha de pesquisa História da Educação, da área de concentração História, Sociedade e Pensamento Educacional, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), especialmente no eixo relacionado com a memória de instituições escolares e cultura escolar. Está vinculada ao projeto de pesquisa denominado “Percepções da realidade”: Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995), coordenado pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição, e tem como objetivo, conforme Conceição (2018), a produção de fontes orais para compor o “banco de histórias” do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap) em formato audiovisual, por meio da coleta de memórias de estudantes egressos com a finalidade de preservar a memória institucional e produzir novas compreensões acerca das configurações do colégio.

Como integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED/CNPq/UFS), após várias leituras e discussões sobre a história da educação, e posteriormente compondo a equipe executora do projeto

---

<sup>2</sup> O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, por meio do Ato nº 2 da Inspeção Seccional do Ensino Secundário de Aracaju de 30 de dezembro de 1965, foi autorizado a estender para o 2º ciclo, passando a denominar-se Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (CEMDAP, 1992).

“Percepções da realidade”: Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995), resultou a construção desse estudo com a utilização de parte da documentação produzida no mencionado projeto.

Esta pesquisa utiliza como fonte oito entrevistas do Cemdap, resultantes da execução do projeto “Percepções da realidade”: Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995), mais oito realizadas pela autora, totalizando 16 entrevistas. Ressalta-se que o material coletado no Cemdap integra a documentação audiovisual deste Centro, o qual conta com 50 entrevistas realizadas com ex-professores e ex-estudantes do Colégio no período de 1960 a 1995.

Os Colégios de Aplicação foram instituídos no Brasil a partir de 1940 sob a influência do movimento educacional da Escola Nova, uma corrente pedagógica que valorizava primordialmente o processo de ensino e não o produto, no qual a aprendizagem se dá a partir da experiência individual e concreta entre o sujeito e o objeto. O aluno é o cerne do processo educativo que está em permanente construção.

No lapso de tempo em que transcorre esta pesquisa já existiam 15 Ginásios de Aplicação no Brasil, vinculados às universidades federais e estaduais, conforme consta no Quadro 1:

**Quadro 1** – Ginásios de Aplicação criados a partir do Decreto Lei 9.053 de 1946 até 1968

	<b>Nome</b>	<b>Ano de criação</b>	<b>Vínculo institucional</b>
01	Colégio de Aplicação da UFRJ	1948	UFRJ
02	Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia	1949	UFBA
03	Ginásio de Aplicação da UFMG	1954	UFMG
04	Ginásio de Aplicação da UFRGS	1954	UFRGS
05	Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)	1956	USP
06	Colégio de Aplicação da UERJ	1957	UERJ
07	Colégio de Aplicação do Centro de Educação da UFPE	1958	UFPE
08	Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	1959	UFS
09	Colégio Estadual Professor José Aloísio Aragão (Colégio de Aplicação da Uel)	1960	UEL
10	Ginásio de Aplicação da UFSC	1961	UFSC
11	Ginásio de Aplicação da UFPA	1963	UFPA
12	Colégio de Aplicação (Cap-COLUNI)	1965	UFV
13	Colégio de Aplicação João XXIII	1965	UFJF
14	Colégio de Aplicação da UFG	1966	UFG
15	Colégio de Aplicação da UFMA	1968	UFMA

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora com base no levantamento bibliográfico realizado no decorrer da pesquisa (2018).

Observa-se no Quadro 1, que ao decorrer de duas décadas houve a expansão gradativa dos Ginásios de Aplicação no Brasil. A sua atuação como campo de formação de professores e de experimentação pedagógica favoreceu sua implantação em diversas universidades do país, o que permite inferir que tal disseminação se deu em razão da sua tradição e reconhecimento, enquanto instituições educacionais com pretensão de desenvolver práticas de ensino pautadas nos moldes mais modernos e que vinham se consolidando pelo Brasil afora. Neste sentido, o estudo realizado por Costa (1995) mostrou como o segundo Ginásio de Aplicação, fundado no Brasil em 1949, pela Universidade Federal da Bahia, influenciou na formação da elite baiana e disseminou suas práticas pedagógicas.

O conteúdo da Matemática Moderna foi testado e aprimorado no Colégio de Aplicação, e, posteriormente, expandido para toda a rede de ensino ginásial e secundário do Estado da Bahia, tanto nas escolas públicas como nas privadas. A equipe responsável por esse trabalho, quase toda com estágio na Bélgica, elaborava seus próprios textos, sob a coordenação do professor Catunda [...] Numa unidade, no período em que Brasília, capital Federal do Brasil, estava se estruturando [...] todos os conteúdos das diferentes disciplinas, versaram sobre Brasília [...] Uma outra novidade foi, a introdução da avaliação de desempenho dos alunos [...] (COSTA, 1995, p. 79-81).

De acordo com Martires (2016), os Colégios de Aplicação foram criados nos moldes observados no *Teachers College* americano e no Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, instituições reconhecidas pela excelência em pesquisa educacional e experimentação de novos métodos de ensino fundamentados na Escola Nova. Para Valdemarin (2016), “a alta qualificação do corpo docente do *Teachers College* certamente contribuiu para a conquista dessa autonomia, que estava também entrelaçada à manutenção de um padrão de excelência”, conferindo-lhe, assim, o reconhecimento de excelência pedagógica.

[...] entre os princípios norteadores da escola estavam a procedência social dos alunos, cujos valores culturais e morais eram comuns aos da instituição; os cuidados com o corpo e com a saúde, o cultivo do pensamento, da expressão e do ponto de vista ético (VALDEMARIN, 2016, p. 59).

Segundo Xavier (2002, p. 17), “a Educação Nova surge orientada por uma nova ética das relações sociais caracterizadas pelos valores da autonomia, do respeito à diversidade, igualdade e liberdade, solidariedade e cooperação social”. Logo, o movimento escolanovista representou um marco no cenário educacional brasileiro, pois buscou a mudança do ensino por meio de práticas pedagógicas modernizadoras.

Diante do exposto, constata-se que o contexto em que foram criados os Ginásios de Aplicação esteve imbuído de valores de renovação do ensino e foi condizente com os anseios políticos e sociais da época em busca de desenvolvimento. Como campos de experimentação pedagógica, esses ginásios exercitavam o novo fazer pedagógico, voltado para a valorização do exercício docente e não para a mera reprodução dos conteúdos. Desta forma, pretendiam desenvolver modernas propostas de ensino ao recorrer ao uso de práticas pedagógicas mais eficazes.

A ideia de um ensino laboratorial, ativo e que tinha o aluno como protagonista da ação educativa influenciou na consolidação de um novo tipo de escola, a partir da discussão de princípios pedagógicos que se distanciavam de um ensino tradicional. Pode-se também, atribuir ao movimento da Escola Nova o mérito de divulgar os conteúdos psicológicos dentro das escolas, pela articulação dos saberes teóricos às práticas pedagógicas (LIMA, 2016, p. 59).

Neste sentido, os Colégios de Aplicação surgiram a partir de mudanças no âmbito educacional, em oposição às práticas pedagógicas tradicionais. O que justifica o cunho inovador e em consonância com as transformações que ocorriam na primeira metade do século XX, decorrentes do desenvolvimento industrial, do aumento da população e da necessidade de redefinição de um modelo de escola que não vinha mais atendendo aos anseios da população.

A criação dos ginásios de aplicação procurou atender às preocupações com a formação de professores que estava ligada à expansão do ensino secundário. Pode-se afirmar que a criação dos ginásios de aplicação foi uma tentativa de manter a qualidade do ensino secundário, que estava se perdendo com sua expansão (CAVALCANTI, 2013, p. 422).

A presente pesquisa segue uma escrita historiográfica, com aporte teórico na História Cultural pautada em Roger Chartier (1990), visando identificar o modo como uma determinada realidade cultural é construída a partir da visão de um grupo de indivíduos, ou seja, como ela é representada. E para tanto, buscou-se estabelecer como categorias de análise destes conceitos: representação, prática e apropriação, no tocante à apreensão do mundo social a partir da visão de mundo e das experiências vividas pelos estudantes egressos, no sentido de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

No que se refere aos conceitos de memória, identidade e pertencimento, Michael Pollak (1992) trouxe grande contribuição para este estudo, nos possibilitando entender que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na

medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo. Bosi (1994) também contribuiu sobremaneira, ao evocar a memória dos velhos, destacando a importância de se valorizar no mundo social as experiências vivenciadas pelas pessoas mais velhas, as quais trazem uma riqueza e diversidade desconhecidas, capazes de serem compreendidas por quem não as viveu, humanizando o presente.

O conceito de cultura escolar, embasado em Julia (1990), busca investigar as práticas escolares desenvolvidas no dia a dia dos primeiros anos da fundação do G.A., evocando as lembranças dos ex-alunos acerca das condutas e os saberes valorizados no decorrer do cotidiano escolar. Tal conceito é descrito como:

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Desta forma, a escola, além da sua função social, tem uma cultura própria, ou seja, uma identidade cultural, que é constituída a partir das práticas cotidianas que ocorrem em seu interior. Neste sentido, “[...] abrir a caixa preta da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular [...]” (JULIA, 2001, p. 13), nos permite uma visão mais ampla dos fatos, lançando um olhar mais aprofundado em torno do espaço escolar do G.A. e da cultura ali socialmente construída, isto é, o produto das vivências apreendidas no período de sua fundação.

Segundo Bourdieu (2002), a partir do conceito de capital cultural, o modo de aquisição do conhecimento acumulado leva em consideração a estrutura de classes sociais e a influência da família na carreira escolar de seus filhos. Para o referido autor, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, que pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação, não podendo ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; no estado objetivado, que se constitui na forma de bens culturais – livros, obras de arte – e só existe como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural; e no estado institucionalizado, sob a forma do diploma que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura.

Um grupo ou estrato social pode manter sua posição social por meio da educação escolar, em razão da origem familiar. Isso porque, de acordo com Bourdieu (2002),

o sistema escolar é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural [...]; cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar [...] (BOURDIEU, 2002, p. 41).

Logo, o aporte teórico trazido para este estudo subsidiará a análise das questões suscitadas nas entrevistas e os mecanismos que contribuíram para consolidar a identidade institucional do G.A. no período de sua fundação e que permanece viva na memória dos ex-alunos.

No campo metodológico foram utilizados os procedimentos da História Oral Temática, fundamentada em Meihy e Holanda (2011; 2013; 2015), em que “[...] detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central [...]” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 40), o que implicou na realização das entrevistas como peça primordial para nortear o assunto central desta investigação. O intuito é esclarecer os questionamentos levantados pela pesquisa no decorrer da trajetória escolar dos estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, do período de 1960 a 1968. Objetiva-se, também, que as narrativas se constituam em fontes de saber para que não caiam no esquecimento e contribuam para uma maior percepção da realidade na perspectiva de priorizar o que interessa à coletividade.

A compreensão do campo empírico e das questões metodológicas que envolvem a História Oral<sup>3</sup> pautou-se também em questões teóricas que envolvem memória e história e suas distinções (NORA, 1993), os sentidos e disputas da memória, a função do “não dito”, os esquecimentos e formação de identidades e pertencimentos proporcionada por meio da recordação (BOSI, 1994; POLLAK, 1989, 1992).

---

<sup>3</sup> De acordo com Meihy e Holanda (2015), a história oral foi criada em 1948 como uma técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana. No Brasil, o trabalho com a história oral surgiu na década de 1970, com a realização de entrevistas com personalidades da política nacional pelo Programa de História Oral do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) no Rio de Janeiro, vinculado à Fundação Getúlio Vargas, que consiste num banco de dados de documentação contemporânea.



A História Oral Temática neste estudo foi utilizada como técnica, pois articulou as entrevistas com outros documentos, buscando um maior aprofundamento do tema investigado. Pretende-se que tal técnica “[...] busque a versão de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variável que seja discutível ou contestatória [...]” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 89). Pautadas nos procedimentos da História Oral, as entrevistas realizadas permitem:

[...] recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, etc. O acesso aos pormenores das escolas, nos permite adentrar em sua caixa preta, ou seja, conhecer as particularidades do seu dia a dia, a cultura escolar que se constituiu ao longo de sua trajetória (ALBERTI, 2013, p. 30).

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema com o intuito de conhecer melhor os acontecimentos rememorados pelos entrevistados e servir como subsídio para elaborar o roteiro das entrevistas, priorizando os principais pontos a serem rememorados e explorados.

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta (POLLAK, 1992, p. 8).

Segundo Meihy (2011, 2015), as entrevistas são frutos da participação e respeito mútuo do entrevistador e entrevistado, cabendo às partes envolvidas uma postura profissional nessa fase de coleta de dados tão fundamental para o estudo, devendo estar pautada numa relação de troca, de um modo de ver o mundo, a partir de uma visão mais reflexiva.

Na entrevista se processa o intercâmbio de percepções sobre acontecimentos explicáveis nos quadros da vida coletiva. Tanto os entrevistados como os entrevistadores são sujeitos ativos, unidos no propósito de produzir um resultado que demanda convivência (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 23).

Quanto às entrevistas realizadas pela autora, totalizadas em oito, destaca-se que foram feitas mediante indicações de pessoas conhecidas no decorrer da pesquisa e que tinham algum vínculo com os agentes pioneiros do G.A., as quais acabaram intermediando o contato até que ocorressem os agendamentos das entrevistas. Ao utilizar as entrevistas como procedimento

metodológico foi construído previamente, para norteá-las, um roteiro que teve como pontos principais: o perfil social dos estudantes egressos, o sentimento de pertencimento envolvido com a instituição e as práticas escolares desenvolvidas naquele contexto educacional, visando um maior entendimento sobre a memória institucional, como também um meio de melhor intervir sobre a realidade em conformidade com os propósitos deste estudo.

No primeiro momento, após a escolha dos colaboradores, foi feito o agendamento prévio do horário e local definido, os meios eletrônicos a serem utilizados na gravação, providenciado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando os direitos dos participantes por intermédio do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, através da Plataforma Brasil<sup>4</sup>. Em seguida, realizou-se a entrevista propriamente dita, considerando que a relação entre o entrevistador e o entrevistado consiste numa “[...] colaboração que não iguala as partes, mas convida a um trabalho participante em que os dois polos – os entrevistados e os entrevistadores – são sujeitos ativos, unidos no propósito de produzir um resultado que demanda convivência [...]” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 23).

No segundo momento, após a realização das entrevistas, foram feitas as transcrições para uma posterior análise das narrativas e construção da pesquisa, amparada em Meihy (2015), lembrando-se das fases finais que implicam o arquivamento, que diz respeito aos cuidados e responsabilidade na manutenção do material levantado e à devolução, isto é, o retorno ao grupo que deu origem ao estudo. Deste modo, refere-se ao compromisso social requerido como pressuposto da história oral. Segundo Meihy e Holanda (2015, p. 155), “[...] assumindo que a história oral concretiza-se somente quando chega ao texto, superando a etapa da entrevista e da formação de arquivos, deve haver um processo de ‘transcrição’ das entrevistas que assegure a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador”.

O quadro 2 em seguida apresenta a relação das entrevistas utilizadas na pesquisa.

---

<sup>4</sup> A Plataforma Brasil consiste num sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país.

**Quadro 2** – Relação dos estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, entrevistados do período de 1960 a 1968

Nº	ENTREVISTADO (A)	PERÍODO NO G.A.
Entrevistas do acervo audiovisual do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS		
01	Ana Maria Nunes Espinheiro	1968-1972
02	Rosa Maria Viana de Bragança Garcez	1966-1972
03	Rubens Ribeiro Cardoso Filho	1966-1972
04	Sergio Duarte Leite	1966-1971
05	Suzana de Menezes Faro Prudente	1966-1972
06	Arnaldo Dantas Barreto Neto	1966-1971
07	Lídia Maria Lisboa de Menezes	1962-1968
08	Paulo Roberto Dantas Brandão	1967-1973
Entrevistas realizadas pela autora		
01	Josenildo Fontes Santos	1961-1963
02	Álvaro José Paes Moreira	1960-1963
03	Eliana Andrade Porto	1960-1963
04	Eliana Costa Lima Rezende	1960-1963
05	João Conrado Guerra	1962-1963
06	Tânia Maria Sarmiento Melo	1960-1963
07	Jane Ribeiro Lisbôa	1961-1967
08	Jethro Duarte Moreira	1966-1972

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora (2019).

Aliada às fontes orais, a pesquisa também recorreu às fontes escritas levantadas no Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), no Arquivo Escolar do Colégio de Aplicação e no Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe. Além dessas fontes, o estudo em questão realizou coleta de informações no jornal *A Cruzada*, periódico que circulou no período da pesquisa, o qual, como órgão da Igreja Católica, costumeiramente publicava notícias relacionadas com às ações e instituições da Igreja e também do Ginásio de Aplicação.

As fotografias são utilizadas neste estudo como documentos na perspectiva de construção do conhecimento histórico “[...] imagens não se restringem às que se configuram na produção iconográfica e artística [...] as imagens que interessam ao historiador são imagens coletivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e que se formam, modificam-se, transformam-se [...]” (LE GOFF, 1994, p. 16).

Buscando dialogar com produções anteriores a respeito da temática aqui investigada, foi realizado um levantamento de referências bibliográficas que tratam dos Ginásios de Aplicação numa perspectiva histórica. Os levantamentos foram realizados no acervo digital da Biblioteca

Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), as quais hospedam os trabalhos produzidos nos programas de pós-graduação do Brasil.

Foram adotados como descritivos de busca os temas “Ginásio de Aplicação” e “Colégio de Aplicação”, cuja finalidade foi verificar a abordagem utilizada e o número de trabalhos já realizados, tanto a nível nacional como local. Pautada em Bardin (2011), partiu-se da leitura flutuante, ou seja, o primeiro contato com os textos coletados nos acervos digitais, a fim de ampliar o conhecimento, classificar os trabalhos de cunho histórico no marco temporal aqui proposto e de identificar também as fontes e documentos que estão sendo utilizados em outras pesquisas, isto é, a fase de pré-exploração do material. Foram constatadas 135 dissertações e 26 teses com enfoques diversos, sendo que apenas 17 trabalhos se aproximaram da temática aqui proposta. Diante disso, foi percebido como o conhecimento vem sendo abordado e problematizado em níveis nacional e local, que procedimentos metodológicos, pressupostos teóricos e tipos de fontes vêm sendo adotadas e, conseqüentemente, norteando o presente estudo.

**Quadro 3** – Relação de dissertações e teses de abordagem histórica a respeito de Ginásios/Colégios de Aplicação no Brasil

Nº	Título do trabalho	Autor	Tipo	Local	Ano
01	<i>O Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Católica de Sergipe (1959-1968)</i>	Martha Suzana Nunes de Azevedo	Dissertação	UFS	2008
02	<i>Cultura escolar no Ginásio de Aplicação/UFSC década de 1960</i>	Maria Clarete Borges de Andrade	Dissertação	Udesc	2009
03	<i>Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)</i>	Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima	Dissertação	UFS	2009
04	<i>O Colégio de Aplicação – CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa: histórias de sucesso (memórias e identidade)</i>	Duarte de Magalhães Barbalho	Dissertação	UFJF	2008
05	<i>Um olhar sobre a história da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1959-1996)</i>	Mariza Alves Guimarães	Dissertação	UFS	2016
06	<i>Cultura Escolar e Perfil Discente no Colégio de Aplicação da UFSC (1966-1973)</i>	Ademir Soares Luciano Junior	Dissertação	UFSC	2010
07	<i>"Flagrando a vida": trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014)</i>	José Genivaldo Martires	Dissertação	UFS	2016

08	<i>Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)</i>	Ane Rose de Jesus Santos Maciel	Dissertação	UFS	2016
09	<i>Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)</i>	João Paulo Gama Oliveira	Dissertação	UFS	2011
10	<i>Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de uma instituição modernizadora</i>	Diogo Franco Rios	Tese	Ufba	2012
11	<i>Prestígio Escolar: uma corrida de obstáculos – um estudo sobre o Colégio de Aplicação da UFRJ</i>	Gláucia Moreira Monassa Martins	Tese	Unicamp	2015
12	<i>O Colégio de Aplicação no contexto das universidades brasileiras</i>	Guiomar Osório de Sena	Dissertação	UFSC	1987
13	<i>Colégio de Aplicação e as práticas de ensino: questões atuais</i>	Minoru Martins Kinpara	Dissertação	Unicamp	1997
14	<i>Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. A trajetória de uma escola de ensino médio no contexto universitário</i>	Marinez Murta Collares	Dissertação	UFMG	1989
15	<i>Colégio de Aplicação: celeiro de líderes</i>	Geraldo Sampaio Costa	Dissertação	Ufba	1995
16	<i>Experiência e currículo da formação de professores: um estudo histórico no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil</i>	Rita de Cássia Prazeres Frangela	Dissertação	Uerj	2002
17	<i>Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o Arquivo e a Memória Oral (1954-1981)</i>	Valeska Alessandra de Lima	Dissertação	UFRS	2016

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora<sup>5</sup>, conforme levantamento no BDTD e Capes em 2018.

O levantamento realizado permitiu identificar 12 estudos que estiveram amparados metodologicamente na História Oral e tiveram como objetos diferentes questões acerca dos Ginásios/Colégios de Aplicação.

A dissertação de Maria Clarete Borges de Andrade, intitulada *Cultura Escolar no Ginásio de Aplicação/UFSC Década de 1960*, e a de Valeska Alessandra de Lima, *Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o Arquivo e a Memória Oral (1954-1981)*, analisaram aspectos da cultura escolar, identificando a categoria de análise proposta neste estudo, evidenciando que as práticas pedagógicas inovadoras diferenciavam o

---

<sup>5</sup> Ressaltando, que a dissertação intitulada “Colégio de Aplicação: celeiro de líderes”, cujo autor é Geraldo Sampaio Costa, foi encaminhada via e-mail, pois não estava disponibilizada nos bancos da BDTD e CAPES. O e-mail do autor foi localizado através da busca pelo nome do próprio autor na internet e em seguida realizada a solicitação.

Ginásio de Aplicação de outros colégios da cidade, pois este oferecia um ensino de qualidade, e por isso sua reputação era reconhecida no âmbito social. A autora Maria Clarete Borges de Andrade destacou, também, as dificuldades enfrentadas durante a pesquisa nos arquivos consultados, diante da falta de zelo com os documentos oficiais e de profissionais habilitados, o que pode pôr em risco a memória de uma instituição e comprometer o andamento de uma pesquisa.

Os problemas enfrentados nos arquivos citados por Maria Clarete Borges de Andrade também foram, em parte, constatados durante as visitas aos arquivos consultados. E, ao visitar as antigas instalações físicas<sup>6</sup> do G.A. e da FCFS em busca da coleta de dados, foi constatada a falta de preservação da memória do patrimônio institucional desses locais. Contudo, ocorreu uma experiência positiva no Colégio de Aplicação, que conta com o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), o que permitiu o levantamento de diferentes documentos para a construção do projeto e do desenvolvimento da pesquisa.

Ao buscar informações no local onde hoje funciona o Plano de Assistência à Saúde do Estado de Sergipe (Ipesaúde) sobre as antigas instituições que haviam se instalado naquele prédio, o G.A. e a FCFS, ninguém soube informar, até mesmo o setor de comunicações. Percorrendo o interior do prédio em busca de marcas sobre o passado, foi verificado que no rol de entrada constam apenas quatro placas, mas que nenhuma delas registra informações sobre as instituições ali sediadas. Fazem menção apenas à gestão governamental. Com a observação foi percebido ali o descuido com a preservação da memória institucional.

O estudo de Valeska Alessandra de Lima, ao traçar de forma detalhada o percurso metodológico, também serviu de parâmetro para esta pesquisa, pois a autora priorizou a produção de narrativas como meio de conhecimento, de modo que deu visibilidade às práticas e inovações educativas que materializaram um modo de pensar o fazer educacional.

A dissertação de Duarte de Magalhães de Barbalho, intitulada *O Colégio de Aplicação CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa: histórias de sucesso (memórias e identidade)*, e a tese de Diogo Franco Rios, com o título *Memórias de ex-alunos do colégio de Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de uma instituição modernizadora*, abrangendo o marco temporal de 1966 a 1976, contribuíram ao recorrerem aos procedimentos da História Oral para evidenciar como se construiu um sentimento de pertencimento no discurso produzido pelos agentes sociais envolvidos com a

---

<sup>6</sup> O prédio atualmente pertence ao Estado de Sergipe e nele está instalado o Plano de Assistência à Saúde do Estado de Sergipe – Ipesaúde.

instituição, por intermédio do cruzamento entre fontes orais e documentais com viés memorialístico.

As pesquisas *Cultura Escolar e Perfil Discente no Colégio de Aplicação da UFSC (1966-1973)*, de Ademir Soares Luciano Junior, e *Colégio de Aplicação: celeiro de líderes*, de Geraldo Sampaio Costa, trouxeram como contribuição a análise do perfil social de seus discentes e familiares, visando demonstrar a cultura escolar assimilada pelos egressos.

Ademir Soares Luciano Junior constatou que a escola é dependente do capital cultural e social de quem frequenta suas salas de aula. Quanto maior o capital cultural do egresso, mais fácil pode se tornar o diálogo com as propostas da instituição. O exame de seleção escolar foi um instrumento que favoreceu a seletividade, pois valorizava a vasta bagagem cultural do aluno. O número de alunos com menor poder aquisitivo era ínfimo. A escola atendia, em sua maioria, a alunos com condições econômicas mais elevadas. Teve como contribuição também a discussão em torno do conceito de cultura escolar a partir do historiador Dominique Julia, considerando a cultura escolar como um instrumento teórico que descreve tanto a cultura assimilada quanto a produzida pela escola.

Geraldo Sampaio Costa analisou que o Ginásio de Aplicação da Bahia se distinguiu das demais escolas de sua época porque seus ex-alunos galgaram posições de destaque na sociedade baiana. Também porque a condição de servir como campo de estágio acadêmico para os futuros professores favoreceu o desempenho de práticas pedagógicas inovadoras, voltadas para o desenvolvimento das potencialidades de seus alunos, os quais eram previamente selecionados por meio de um exame, o que atribuiu a essa instituição a característica de um centro irradiador de renovação no processo educacional, que deixou marcas significativas na memória de seus ex-alunos e da sociedade baiana.

Das produções acadêmicas produzidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, a dissertação de Martha Suzana Nunes de Azevedo tratou da história da criação e consolidação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no período compreendido entre 1959 e 1968, a partir de um levantamento amplo e primoroso de diversas fontes, dentre elas: escritas e orais, as quais no decorrer da pesquisa dialogam entre si, enriquecendo a investigação. Como ex-aluna do Colégio de Aplicação, vivenciou o cotidiano daquela instituição, buscou revelar a história da instituição além dos registros dos documentos oficiais, não se restringindo, mas o fez a partir da memória de seus agentes pioneiros: professores, funcionários e alunos, demonstrando o porquê de ser considerado um “Ginásio de Ouro” para a época e reconhecidamente até os dias atuais, possibilitando, por intermédio de sua investigação, que outros estudos ampliem o conhecimento acerca do referido Ginásio de

Aplicação, bem como sobre a história da educação sergipana, pois uma pesquisa não se esgota nela mesma. Sendo assim, a citada dissertação subsidiou este estudo, que optou por utilizar primordialmente a memória como fonte principal, ampliando e buscando, a partir das subjetividades, outras possibilidades para conhecer a história dessa instituição escolar.

A pesquisa de João Paulo Gama Oliveira, intitulada *Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)*, por ter dedicado um capítulo sobre a história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, local onde o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe se instalou até 1981, e a de Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima, *Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)*, analisaram as contribuições para a área educacional do fundador do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, Dom Luciano José Cabral Duarte, e sua atuação ante à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) e à Universidade Federal de Sergipe (UFS), berços culturais da sociedade sergipana e de relevada importância por servirem como espaços de formação profissional e geradores dos futuros estagiários que atuaram no Ginásio de Aplicação.

Foram constatados três trabalhos que versavam sobre a trajetória intelectual e as práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, a saber: a pesquisa de José Genivaldo Martires, “Flagrando a vida”: trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014), a de Ane Rose de Jesus Santos Maciel, *Entre fatos e relatos : as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)*, e o estudo de Mariza Alves Guimarães, *Um olhar sobre a história da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1959-1996)*. Mariza Alves Guimarães mostrou também como o currículo da Educação Física esteve atrelado ao desenvolvimento curricular da instituição.

Quanto aos demais trabalhos, estes colaboraram no sentido de apresentarem informações de cunho historiográfico acerca dos Ginásios de Aplicação no Brasil, bem como auxiliaram no aprofundamento teórico que embasou os pressupostos desta pesquisa. Foi destacado também, que o presente levantamento permitiu constatar que já foram defendidas em nível local pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe dez dissertações que tiveram como cerne o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, hoje conhecido como Colégio de Aplicação (Codap). No tocante às demais instituições de ensino superior de Sergipe, não constam em seus repositórios trabalhos defendidos sobre a temática aqui abordada.



A dissertação intitulada *Pés -de- Anjo e Letreiros de Neon: ginásianos na Aracaju dos anos dourados*, defendida por Tereza Cristina Cerqueira da Graça, na UFS, em 1998, apesar de não tratar especificamente dos Ginásios de Aplicação, também contribuiu para a construção deste estudo porque recorreu à história oral para analisar, a partir das práticas escolares e culturais, as formas de viver e sentir de ex-alunos ginásianos num determinado momento histórico.

Esta pesquisa está organizada em quatro seções seguidas das considerações finais. Na seção 1, “Introdução”, são apresentados o objeto de estudo, o aporte teórico, o recorte temporal, os objetivos, hipótese, o trato sobre a exploração das fontes e os procedimentos metodológicos utilizados, baseados na História Oral Temática.

A seção 2, intitulada “Ginásianos e suas Memórias”, trata, a partir das narrativas dos estudantes egressos da trajetória histórica do G.A. e da FCFS no marco temporal de 1960 a 1968, do perfil social retratado nas memórias e como se dava o ingresso na instituição, levando em consideração o rígido processo seletivo do exame de admissão. Está dividida em três subseções: “A Faculdade de Filosofia: uma sementeira de grandes esperanças para o estado de Sergipe e o G.A.”, “Os Estudantes: o perfil social retratado nas memórias” e “O Ingresso e a Carreira Estudantil”.

A seção 3, denominada “O Cotidiano escolar: aspectos da cultura escolar e o sentimento de pertencimento”, busca apresentar a identidade consolidada ao longo da carreira estudantil dos ex-alunos e que permanece guardada em suas lembranças. Está dividida em duas subseções: “Os professores e as práticas pedagógicas” e “Lembranças que o tempo não apaga”.

A seção 4, intitulada “Espaços da memória”, dividida em duas subseções: “O jardim em forma de ‘U’: o espaço escolar” e “Práticas de socialização do G.A. (1960-1968)”, na qual dialoga sobre o espaço escolar e as práticas educativas de socialização evocadas ao longo das trajetórias escolares dos estudantes egressos. Por fim, as “Considerações finais”, em que são apresentadas as conclusões com base nos objetivos propostos e hipótese que subsidiou a pesquisa, baseadas na visão dos ginásianos que vivenciaram as transformações ocorridas no processo da fundação do G.A. no recorte temporal aqui proposto.

## 2 GINASIANOS E SUAS MEMÓRIAS

No decorrer da trajetória da fundação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi construído, pelos seus agentes pioneiros, um conjunto de práticas educativas e culturais, isto é, de experiências do que acontecia em seu interior, que se constituíram na história desta instituição. E como a origem dos Ginásios de Aplicação está atrelada às Faculdades de Filosofia por força do Decreto nº 9.053/46, que a criou, ao analisar o contexto em torno do G.A., conseqüentemente se trará à tona aspectos sobre a história institucional desses dois estabelecimentos educacionais, em que a Faculdade de Filosofia serviu de palco para formação de professores e o G.A. como campo de práticas pedagógicas para os futuros licenciandos.

Por meio do olhar da ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez, percebe-se como as interações cotidianas de ambas instituições estavam relacionadas:

veja bem [...] quando a gente estava lá, a gente não entendia essa relação de estar dentro da Faculdade Católica de Filosofia. Sabíamos que era um colégio que foi criado como se fosse um laboratório, porque naquela época no Instituto de Filosofia, existiam os cursos de formação de professores. Então... a gente sabia que era um laboratório, mas no Ginásio de Aplicação a gente não tinha essa dimensão. Eu acho que no científico que começamos a ver que fazia parte da Universidade. Depois que eu entrei na Universidade eu tive conhecimento, me apropriei dessa situação, mas lá para gente, era o Colégio de Aplicação que era vinculado à Faculdade (GARCEZ, 2018).

Conforme foi apontado na narrativa acima, os estudantes não tinham uma percepção mais ampla do contexto em que estavam inseridos, no sentido de perceberem que se tratava de um ambiente acadêmico. Tal constatação ocorria nas séries finais, quando já estavam mais amadurecidos.

O espaço no prédio da Faculdade destinado ao Ginásio de Aplicação “ocupava as salas do andar térreo e os estudantes da Faculdade, as salas do primeiro andar. O tempo todo havia um pessoal circulando. O convívio com estudantes em outro nível de ensino era interessante” (MENEZES, 2018). De acordo com o que foi apontado anteriormente, o ginasiano Arnaldo rememorou que:

o prédio do Colégio de Aplicação funcionava nas dependências da Faculdade de Filosofia e era um prédio amplo para a época. Eram dois andares, tinha uma praça central que a gente convivia e atrás, uma pequena quadra de esportes. Na época era muito [...] o colégio foi inovador, trouxe os primeiros conhecimentos que eu tenho, os primeiros professores de educação física. Eu

não participava muito e nunca fui muito de atividade física, mas outros colegas gostavam, inclusive um colega de turma chamado Aragão foi um dos pioneiros nessa área de educação física, o qual até hoje tem uma academia aqui em Aracaju/SE, tomou gosto por essa atividade que já acontecia dentro do colégio (BARRETO NETO, 2018).

Neste sentido, com base no que foi narrado pelos ginásianos, preservar a memória é de suma importância, pois permite ter uma melhor compreensão da realidade em que se vive, se faz necessário conhecer os fatos historicamente vivenciados pelas gerações anteriores. Aquilo que não é registrado ou guardado está suscetível ao esquecimento.

**Figura 1** – Futura sede do Ginásio de Aplicação Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e seu fundador Luciano José Cabral Duarte em 1959



Fonte: Moraes (2008).

Logo, o presente estudo, ao fazer uso das fontes orais, almeja compreender as percepções dos ex-alunos do G.A. no curso do ensino secundário, isso como um meio de compartilhar e ampliar o conhecimento sobre a história da instituição registrada na figura 1.

Alberti (2013), ao falar da importância da História Oral, afirma que:

o pesquisador que consulta um documento de história oral pode obter dados significativos, além de permitir uma análise de discurso propriamente dita, que, em se tratando de um acervo de depoimentos, pode engendrar estudos

comparativos por gerações, grupos sociais, formação profissional etc. [...] É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo [...] (ALBERTI, 2013, p. 33).

Nesta perspectiva, a ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez destacou a importância de dar visibilidade à memória, isto é, propagar as experiências vividas no passado como meio de conhecimento:

primeiro teve um trabalho anterior que foi de Martha Suzana, um livro dos anos dourados do Colégio de Aplicação. A nossa turma foi privilegiada porque se propagou, através do nosso ex-professor de Matemática, Antônio Freitas. Aí começou depois com outros alunos da pós-graduação, como o caso de Joelza, e aí veio e culminou com essa entrevista sobre o Ginásio ou Colégio de Aplicação, que para mim é um presente. Segundo a gente sabe, isso vai ficar registrado, isso é memória. Em algum momento, seja por minha fala ou pelos outros que ainda venham, é uma memória viva do colégio e quero que isso se perpetue porque o que a gente vê hoje como professora universitária, você pergunta alguma coisa aos alunos e eles não têm lembranças, o que representou para ele o colégio onde estudou ou o colega. Eu faço sempre que eu posso, cito que sou egressa do Colégio de Aplicação, como a gente diz, sou literalmente UFS, desde o Ginásio de Aplicação, e falo também dos nossos professores da graduação para que não se percam no tempo e agora que a gente tem uma Universidade plural com pessoas vindas, oriundas de outros estados é importante se contar a história do Ginásio de Aplicação e da Universidade (GARCEZ, 2018).

A ginásiana Rosa Maria Viana de Bragança Garcez enfatizou, ao fazer uso da memória e da oralidade, que aquilo que não é dito não é conhecido e se perde no tempo. A partir da rememoração do passado surgem muitas informações importantes que ajudam a compreender o contexto em que se vive. Pollak (1992) pontuou que:

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5).

Neste sentido, esta investigação permite apresentar uma versão da história do G.A. por meio da visão de sujeitos integrantes do período em que se constituiu a fundação da instituição.

Pollak (1992) caracteriza o fenômeno da memória como seletivo; assim, nem tudo fica guardado ou registrado. Ele diz que “[...] a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas

à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada [...]” (POLLAK, 1992. p. 4).

Logo, a rememoração que se faz presente nas memórias dos ex-alunos do G.A. evidencia que esta instituição de ensino esteve atrelada à história da Faculdade de Filosofia, a qual foi idealizada para oferecer uma proposta pedagógica eficaz e que para isso esteve subsidiada por meio de profissionais qualificados. Os saberes teóricos articulados com a prática do exercício docente possibilitaram que esta instituição educacional se tornasse um diferencial na carreira estudantil de seus ex-alunos.

## 2.1 A FACULDADE DE FILOSOFIA: “UMA SEMENTEIRA DE GRANDES ESPERANÇAS PARA O ESTADO DE SERGIPE” E O G.A.

O surgimento dos Ginásios de Aplicação está intrinsecamente atrelado ao das Faculdades Católicas de Filosofia. O primeiro Ginásio de Aplicação foi inaugurado em 1948, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, criado em decorrência do Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946, o qual foi responsável por mencionar, pela primeira vez no Brasil, a formação didática do professor no nível superior, definindo que todas as Faculdades Federais de Filosofia, reconhecidas ou autorizadas a funcionar no território nacional, ficavam obrigadas a manter um Ginásio de Aplicação, devendo funcionar na própria sede da Faculdade ou em local próximo, sob a responsabilidade do diretor e do inspetor federal junto à Faculdade (BRASIL, 1946).

De acordo com Oliveira (2013), a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) iniciou suas atividades nas instalações do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que pertencia à Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, onde, durante o dia, realizavam-se as atividades do colégio, frequentado por moças, e no turno noturno destinava-se um espaço para o funcionamento da FCFS, onde frequentavam alunos de ambos os sexos, localizado na rua Itabaianinha, nº 586, no centro da cidade de Aracaju/SE. Foi fundada em 1950, por intermédio da Igreja Católica, e mantida pela Sociedade Sergipana de Cultura, cujo fundador foi Luciano José Cabral Duarte<sup>7</sup>, passando a funcionar em 1951 e tendo como objetivo principal a formação de professores para atuarem no ensino secundário e normal. No ano de 1959 passou a ser

---

<sup>7</sup> Conforme Moraes (2008), Luciano José Cabral Duarte, conhecido como Dom Luciano, foi ordenado padre em 18 de janeiro de 1948, tendo recebido o título de monsenhor em 1965, e em 1966, quando ordenado bispo auxiliar da diocese de Aracaju, passou a ser chamado de Dom Luciano José Cabral Duarte. Após o falecimento de Dom José Vicente Távora, em 3 de abril de 1970, Dom Luciano assume o cargo de Vigário Capitular, sendo nomeado, em 12 de fevereiro de 1971, arcebispo metropolitano de Aracaju/SE.

sediada em prédio próprio – o que representou um marco na história da instituição, pois passou a ter mais visibilidade no cenário educacional sergipano –, situado na rua Campos, nº 177, bairro São José, em Aracaju/SE, tornando-se uma Faculdade de Educação e dois institutos, o Instituto de Letras, Artes e Comunicação e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

A ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes, ao ser questionada sobre o local de funcionamento do G.A., mencionou que o Ginásio de Aplicação passou a funcionar nas dependências da FCFS, “[...] funcionava ali na Rua Campos, onde hoje atualmente é o Ipes, era naquele prédio que funcionava a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe”. Foi instituído por meio da Inspeção Seccional do Ensino Secundário de Aracaju, órgão do Ministério da Educação e Cultura que providenciou as medidas cabíveis para dar início ao seu funcionamento, por intermédio da Sociedade Sergipana de Cultura, sob o Ato nº 34, de 28 de agosto de 1959, e em decorrência do Decreto 9053/46, o qual determinava a criação de Colégios de Aplicação, vinculados às Faculdades de Filosofia, cujo objetivo era servir como campo de estágio acadêmico e de experimentação pedagógica (BRASIL, 1946; 1959).

Ao rememorar os tempos de estudante, o ginásiano Sergio Duarte Leite explicita que o ambiente da faculdade influenciou no seu comportamento enquanto aluno e atribuiu sua ida à biblioteca ao vínculo que os alunos do G.A. tinham com a Faculdade de Filosofia, e assim citou:

eu fui à biblioteca da Faculdade de Filosofia consultar um livro de Biologia do professor Pavan, eu me recordo de uma prova que eu ia ter do professor José Geraldo e que falava de cromossomo, etc [...] eu fui lá pegar um livro sobre genética (LEITE, 2018).

Portanto, sua iniciativa de ir até a biblioteca para consultar um livro se deu graças ao vínculo com a Faculdade de Filosofia, bem como uma possibilidade de ampliar os conhecimentos para se obter um melhor aproveitamento na prova.

Em Sergipe, os recursos destinados para a criação do Ginásio de Aplicação estavam a cargo da própria Faculdade de Filosofia e de pagamentos provenientes das subvenções, bem como de verbas oriundas do empenho de personalidades expoentes da sociedade sergipana, que se uniram para conseguir auxílios para a construção do citado Ginásio de Aplicação, a exemplo das quotas destinadas por Passos Porto, Armando Rollemberg e Seixas Dória, personalidades do cenário político sergipano (Jornal *A Cruzada*, 29/08/1959).

As atividades escolares foram iniciadas efetivamente apenas com uma turma da primeira série ginásial do 1º ciclo, equivalendo à antiga 5ª série, com 24 alunos, no turno

vespertino, funcionando sob o regime de externato, admitindo matrícula para candidatos de ambos os sexos, mediante a submissão a um exame de admissão para ingresso no Curso Ginásial e o pagamento de mensalidades (CEMDAP, 1959). O artigo 9º do Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946, preceituava acerca da organização das turmas dos Ginásios de Aplicação no Brasil, limitando a matrícula a uma turma, no máximo de 30 alunos, em cada série (BRASIL, 1946).

O número de alunos que fizeram parte da 1ª turma do G.A. foi constatado por meio de consulta à documentação referente à fundação do colégio no acervo do Cemdap, a qual mencionava os nomes dos alunos matriculados para a primeira turma, tais como: livro atas de resultados finais, de prova oral, parciais, com o intuito de esclarecer de fato o número de alunos que fizeram parte da 1ª turma, pois ao compulsar as outras fontes que subsidiaram este estudo, foi percebida uma inconsistência quanto a este quantitativo. Portanto, em consulta aos documentos originais sobre o histórico do colégio e os nomes dos alunos efetivamente matriculados da 1ª turma, foi visto que o primeiro exame de admissão no ano de 1959 teve 26 alunos inscritos e, destes, 24 concluíram a primeira turma de alunos (CEMDAP, 1959; 1960a).

Neste sentido de conhecer a realidade dos fatos sobre o quantitativo de alunos da primeira turma do G.A., cabe ao pesquisador buscar as informações que esclareçam as divergências. E Prost (2008) é ilustrativo a este respeito, “[...] a história comporta dois momentos: em primeiro lugar, conhecer os fatos, em seguida, explicá-los, concatená-los em uma exposição coerente [...]” (PROST, 2008, p. 53). Logo, o referido autor propõe uma reflexão sobre o método crítico da pesquisa, ou seja, é função do historiador explorar e interpretar as fontes de forma reflexiva.

O Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946 ao mencionar que a quantidade máxima de 30 alunos por turma nos Ginásios de Aplicação, não fez menção ao número mínimo de alunos por turma, todavia, de acordo com a ata de resultados finais, a primeira turma, na 1ª série ginásial, era composta por 24 alunos no ano de 1960. Nos anos seguintes foi constatado que em 1961 a 2ª série teve 30 alunos, a 3ª série 26 alunos e a 4ª série, última série do curso ginásial com duração de 4 anos, concluiu com 17 alunos.

A ex-aluna Tânia Maria Sarmiento Melo recordou que, ao concluir o primeiro ciclo: “tive que ir para outra escola, fui para o Colégio Atheneu porque não tinha no G.A. o segundo ciclo” (CEMDAP, 1960a).

A ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez conta que, quando ingressou no G.A., no ano de 1966, sua turma distinguiu-se das demais porque iniciou com duas turmas da mesma série, diferenciando-se dos anos anteriores. Neste sentido, ela relata que:

era um colégio pequeno, turmas exatamente com 30 alunos e na época do nosso ingresso, foi a única turma, o único ano em que o acesso não teve como não ter duas turmas porque foram notas muito próximas, já que todos tinham obtido quase a mesma classificação. Nesse ano, em 66, foi o único ano, e isso se perpetuou o ginásio inteiro até o científico, porque as turmas normalmente eram medidas, tinham o quantitativo ideal para que se passasse o conhecimento e houvesse um aprendizado esperado (GARCEZ, 2018).

A ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez explicou também que, no decorrer de sua vida escolar, o G.A. foi denominado Colégio de Aplicação porque passou a ter, além do curso ginásial, o curso colegial dividido em científico e clássico.

As turmas eram separadas em função da área, ciências, tecnologia e saúde ficariam no científico e a área de humanas, sociais eram os alunos que ficavam no clássico, onde eram abordados conteúdos com mais ênfase naqueles que eram exigidos no vestibular da UFS e de outras instituições (GARCEZ, 2018).

O funcionamento dos Ginásios de Aplicação foi regulamentado pela Lei Orgânica do Ensino Secundário, conhecida como Reforma Capanema, de 1942, a qual regulamentou a criação desses ginásios por todo o Brasil, e o ensino secundário seria ministrado em dois ciclos: o primeiro ciclo, com duração de quatro anos, e conforme seu Art. 3º visava “dar aos adolescentes elementos fundamentais do ensino secundário”. O segundo ciclo equivalia ao ensino colegial, desdobrado em dois cursos: clássico e científico, com duração de três anos, tendo como objetivo, segundo o seu Art. 4º:

consolidar a educação ministrada no curso ginásial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la. O curso clássico estava voltado para a formação intelectual, com ênfase no conhecimento de filosofia e um acentuado estudo das letras antigas e o curso científico, direcionado para o estudo de ciências (BRASIL, 1942).

No entanto, a partir de 1961, os Ginásios de Aplicação passaram a ser regulados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 4.024/61<sup>8</sup>, permanecendo o ciclo ginásial com duração de quatro anos, e o colegial de três, no mínimo (BRASIL, 1961).

Conforme o propósito de que tais ginásios deveriam desempenhar a função de escola-laboratório, tendo em vista a sua função de campo de experimentação pedagógica, o Ginásio de

---

<sup>8</sup> Primeira lei de diretrizes e bases (LEI 4.024/61), publicada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart, quase 30 anos após ser prevista pela constituição de 1934. Entretanto, o primeiro projeto de lei foi encaminhado pelo poder executivo ao legislativo em 1948, foram necessários treze anos de debate até o texto final.



Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia representava para a sociedade sergipana uma escola de nível secundário que possibilitaria aos discentes dar continuidade aos seus estudos num colégio com melhores possibilidades de aprendizagem, conforme foi evocada nas lembranças da ex-aluna Eliana Andrade Porto. Segundo ela, “[...] era um colégio que ia funcionar junto à Faculdade de Filosofia, então era uma oportunidade para que a gente tivesse um bom nível de escolaridade” (PORTO, 2019). Sendo assim, a proposta pedagógica de caráter inovador vinculado a FCFS fez com que o G.A. pretendesse, por meio da característica de colégio laboratório, se distinguir de outras escolas de sua época e ser valorizado no meio social.

Era um colégio onde o funil do vestibular estava feito aos nove, dez anos de idade e nesse funil, é que era salutar porque só passava gente boa e que tinha um prévio preparo. A prova disso é que os alunos eram de muito bom nível, os meus colegas eram todos de muito bom nível, com alto grau de interesse em aprender porque se não tivesse interesse nem sequer adentravam ao colégio porque não conseguia passar nesse funil (BARRETO NETO, 2018).

Ao dizer isso, se constata que mesmo se tratando de um colégio recém-inaugurado, ingressar nesse Ginásio de Aplicação significava uma grande vitória, digna de comemoração, pois o acesso na instituição se dava por meio de um concorrido exame de seleção. O exame de admissão se restringia em atestar a capacidade do aluno apenas por meio de uma prova de conhecimentos, o que contribuía para que apenas os alunos mais bem preparados obtivessem êxito. A forma como o exame admissional era proposto favorecia que apenas os melhores alunos fossem aprovados. O potencial intelectual do aluno era determinante para que se obtivesse um resultado exitoso. Logo, a elevada concorrência acabava contribuindo para que apenas os alunos mais bem preparados ingressassem na instituição.

Desta forma, de acordo com as narrativas dos ginásianos, constata-se que o perfil de alunos que ingressavam no G.A. era resultado dos princípios norteadores da instituição, os quais favoreciam que apenas os alunos mais aptos ingressassem no estabelecimento educacional. E, com isso, contribuindo para que se desenvolvesse um sentimento de pertencimento por parte do grupo de ex-alunos, pois os instrumentos utilizados pelo colégio legitimavam o perfil de estudantes que constituiu o corpo discente do G.A., o convívio entre os alunos, os saberes e discursos ali incorporados fortaleceram a construção da identidade presente nas memórias dos estudantes egressos.

O ex-aluno Arnaldo Dantas Barreto Neto, ao recordar-se sobre a qualidade do ensino ofertado pelo G.A., citou:

o colégio de aplicação era um colégio de ponta no Brasil, e eu posso falar isso porque tive a oportunidade de compará-lo com outros considerados de ponta. O convívio e a prova disso é que diversas pessoas da nossa turma e do nosso período lá se tornaram profissionais muito bem sucedidos em diversas áreas em Sergipe e fora daqui e fora do Brasil. Então realmente não tem atestado maior do que esse. Não eram todos os colégios de Sergipe que conseguiram realizar esse feito (BARRETO NETO, 2018).

Sobre a mesma questão, o ex-aluno Sérgio Duarte Leite esclarece como era o desempenho escolar dos ginásianos:

fiquei no G.A. até o segundo ano científico e fui para São Paulo porque queria fazer Engenharia e fui fazer o terceiro ano científico em São Paulo para fazer cursinho e foi aí que vi o quanto o ensino do G.A. era bom. Eu fui para o Colégio Mackenzie. E duas coisas que registro: primeiro, por exemplo, Matemática, Física e Química, eu só tirava 10 por conta do ensino que tive no G.A., da base escolar e segundo, a liberdade que a gente tinha no G.A., quando eu fui para o Mackenzie e eu entrei com o meu cabelo grande porque na época era moda e eles não permitiram. Eu tive que ir ao barbeiro para cortar. Eu disse não é possível, eu venho de Aracaju e vou para São Paulo e tive que cortar o cabelo para entrar no colégio. Bom, fiz então o vestibular e passei na Universidade de São Paulo, na Escola Politécnica, fiz Engenharia Civil e me formei em 1977 (LEITE, 2018).

Ao lembrar-se das experiências vividas da época de estudante, Sérgio Duarte Leite destacou também que fatos que marcaram suas trajetórias escolares podem revelar informações capazes de elucidar questionamentos atuais.

O G.A. marcou uma época de ensino em Sergipe de primeiríssima qualidade uma coisa que pode se repetir, se já houve pode se repetir, então, o depoimento das pessoas, daqueles que conviveram no G.A. é extremamente importante, exatamente por conta disso, que pode balizar aquilo que vai acontecer ou aconteceu (LEITE, 2018).

Quanto à sua função de campo de estágio para a formação de professores dos alunos matriculados no curso de Didática da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, conforme os relatos que seguem dos ex-alunos, a presença de estagiários nas salas de aula não era frequente. Quando aparecia um estagiário, foi recordado que era sob a supervisão do professor. A ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa assim citou: “inclusive eu me lembro tinha um que era muito bom, excelente professor, muito amigo nosso também chamado Antônio Carlos Viana, escritor já falecido também, mas que fez estágio na nossa turma” (LISBOA, 2019).

Ainda sobre a presença de estagiários nas salas de aula do G.A., foi detalhado que “naquela época apesar de ser uma escola que estava dentro da Faculdade de Filosofia, eu

pessoalmente não me recorde de, entre 1966 e 1972, a gente ter tido aula com pessoas do curso superior” (GARCEZ, 2018). O mesmo aspecto foi representativo na rememoração da ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende: “[...] me lembro, que de vez em quando aparecia um estagiário, ficava a professora lá no fundo anotando, observando e eles dando aula na frente e a gente achava aquilo uma maravilha” (REZENDE, 2019).

Após a incorporação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe à Fundação Universidade Federal de Sergipe, no ano de 1967, ocorreu o fim de suas atividades, fundamentada no Decreto Lei nº 269 de 28 de fevereiro de 1967, o qual insere também à Universidade, o Colégio de Aplicação (CEMDAP, 1992). Contudo, A FCFS se manteve instalada no mesmo prédio, situado na rua Campos, nº 177, bairro São José, Aracaju/SE, até 1981, juntamente com o Colégio de Aplicação, e a partir desse ano é que foi transferida para a Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, localizada no município de São Cristóvão/SE. Sendo que o Colégio de Aplicação só passou a ter prédio próprio a partir de 1995, instalado no próprio campus universitário Prof. José Aloísio de Campos.

A reformulação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi necessária, pois conforme relato de seu fundador, Luciano José Cabral Duarte, publicado num jornal que circulava na cidade de Aracaju na segunda metade do século XX, havia recebido a incumbência, como representante do Conselho Estadual de Educação, de coordenar os trabalhos em prol da implantação da Universidade Federal de Sergipe e por este motivo acabou acatando a ampliação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. (*A Cruzada*, Aracaju/SE, 02/11/1968).

Desta forma, por meio das narrativas dos estudantes egressos do G.A., se pôde constatar que embora os ex-alunos não tenham rememorado a presença constante de estagiários no G.A. a criação da FCFS contribuiu para o desenvolvimento do ensino superior em Sergipe, pois foi responsável pela formação docente de professores que atuaram no ensino secundário e por intermédio do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe permitiu o aperfeiçoamento da prática pedagógica dos futuros professores, culminando com a instalação da Universidade Federal de Sergipe, o que representou um grande avanço na área cultural e educacional para o estado. Assim, a semente de grandes esperanças no campo educacional deu-se com a criação da FCFS.

## 2.2 OS ESTUDANTES: O PERFIL SOCIAL RETRATADO NAS MEMÓRIAS

Delinear o perfil social dos estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe por meio das narrativas dos estudantes egressos do período de 1960 a 1968 possibilita conhecer a origem social da clientela atendida majoritariamente por essa instituição escolar. Embasada em Meihy e Holanda (2015), os aspectos suscitados pela memória dos estudantes egressos do G.A. constituem-se em fontes de conhecimento. Segundo estes autores, “[...] a memória coletiva e a identidade social se fundem para dimensionar o social, e mais do que objetos isolados de estudos elas se constituem no fundamento da história oral” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 131).

A respeito da procedência familiar e das marcas pessoais relatadas pelos ginasianos no conjunto das entrevistas, a entrevistada Tânia Maria Sarmiento Melo diz que “era um padrão de classe média para alta porque eu acho que quase todos vieram de colégios particulares e que também na época fizeram o primário em escola particular” (MELO, 2019).

Já a ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende ressaltou que entre os alunos a situação financeira dos colegas não importava: “a gente não era ligado nessas coisas não, ninguém se interessava se fulano ou cicrano era mais rico ou menos rico, todos eram iguais, não existia esse negócio com a gente”.

Segundo o ex-aluno Sérgio Duarte Leite:

meus pais moravam na Usina Oiteirinhos. Quando eu fiz seis anos vim morar em Aracaju com uma governanta. Meu pai comprou um apartamento no edifício Atalaia, o primeiro edifício residencial de Aracaju, pois era um lugar estratégico, vizinho ao colégio Brasília das professoras dona Helena, Alaíde e dona Selma onde fiz o primário [...] não tenho muitas lembranças como tenho do G.A. [...] O padrão das pessoas no G.A. era alto, classe média e média alta (LEITE, 2018).

Outra questão sobre o perfil dos alunos que ingressavam no G.A. também foi apontada pela ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa:

eu acho que seria mais uma classe média mesmo não seria alta que ingressava no G.A., pois não me lembro de ninguém muito alto não porque também se costumava mandar os seus filhos para fora quem podia, para um colégio de freiras lá no Rio de Janeiro, as moças iam para aqueles colégios católicos internato e externato, isso aí eu ainda me lembro. Então eu creio que todo mundo era assim médio padrão ou um pouco menos também primeiro porque a gente não tinha muito recurso assim entendeu, e lá era praticamente gratuito tinha uma taxazinha coisa assim mais nada tão alto entre um colégio grande e um particular, pois não dava porque éramos três filhos na história da escola,

não dava para fazer isso e para ir para um colégio grande como Atheneu meus pais tinham receio de colocar no Atheneu não pelo colégio Atheneu, mas porque era um colégio maior e foi quando surgiu o G.A. que também era muito bom. Quando abriu o G.A a gente já sabia que era bom porque tinha algumas amigas de mamãe por exemplo a professora Aldeci Figueiredo que ainda era parente de papai, prima distante, aí tinha essa recomendação e porque tinha os três filhos (LISBÔA, 2019).

Sendo assim, o grupo social que compunha o G.A. contribuiu para definir o tipo de público que a instituição buscou selecionar durante o período pesquisado, pois o distinguiu das demais escolas de sua época. Com isso, acabou priorizando, ao longo da carreira estudantil dos estudantes egressos, o desempenho escolar diferenciado, tornando seus alunos capazes de terem bons aproveitamentos e resultados. Quando o assunto dizia respeito à aprendizagem, ser estudante do G.A. representava para a sociedade da época sinônimo de reconhecimento pelo serviço prestado.

**Quadro 4** – Instituições escolares de procedência dos estudantes entrevistados

	<b>NOMES DOS EX-ALUNOS</b>	<b>INSTITUIÇÃO ONDE CURSOU O ENSINO PRIMÁRIO</b>
01	Ana Maria Nunes Espinheiro	Menino Jesus Imaculada Conceição Colégio Patrocínio São José
02	Rosa Maria Viana de Bragança Garcez	Mater Admirabilis Educandário Brasília
03	Rubens Ribeiro Cardoso Filho	Jardim de Infância de Dona Bebê Educandário Brasília
04	Sergio Duarte Leite	Educandário Brasília
05	Suzana de Menezes Faro Prudente	Educandário Brasília
06	Arnaldo Dantas Barreto Neto	Jardim de Infância Augusto Maynard (Rede Pública) Educandário Mater Admirabilis Educandário Modelo
07	Lídia Maria Lisboa de Menezes	Colégio Patrocínio São José Educandário Menino Jesus
08	Paulo Roberto Dantas	Educandário Brasília
09	Álvaro José Paes Moreira	Educandário Modelo
10	Eliana Andrade Porto	Jardim de Infância Augusto Maynard (Rede Pública) Educandário Brasília
11	Eliana Costa Lima Rezende	Educandário Brasília
12	João Conrado Guerra	Jardim de Infância Augusto Maynard (Rede Pública)
13	Josenildo Fontes Santos	Educandário Brasília
14	Tânia Maria Pires Sarmento	Educandário Brasília
15	Jane Ribeiro Lisbôa	Educandário Brasília
16	Jethro Duarte Moreira	Colégio do Salvador

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2019).

O Quadro 4 informa o nome das escolas onde os ginásianos entrevistados cursaram o ensino primário, e dentre elas, apenas o Jardim de Infância Augusto Maynard pertencia à rede

pública de ensino. Embora essa instituição fosse gratuita, conforme estudo realizado por Leal (2004) foi criada em 1932 com o propósito de oferecer o atendimento médico, higienista associado com as atividades escolares independentemente do segmento social a que pertenciam, contudo na prática observou-se que a maioria das crianças matriculadas era proveniente de famílias mais abastadas financeiramente. E conforme foi relatado pela ex-aluna Eliana Andrade Porto, podemos verificar que realmente a clientela do Jardim de Infância Augusto Maynard tinha maiores condições sociais, pois a própria ex-aluna informou que após ter concluído os estudos na fase pré-escolar ingressou no Educandário Brasília, colégio da rede particular, o qual foi reiteradamente citado nas memórias dos ex-alunos como um colégio que também esteve voltado para um grupo mais favorecido economicamente, conforme foi evidenciado na narrativa que segue.

Era um pessoal de uma classe mais favorecida porque era um colégio particular. Eu acho que se você fizesse a equivalência hoje seria igual a esses colégios que são os maiores que a gente tem hoje na cidade de Aracaju/SE, tipo o Colégio Master, tipo o Colégio Ideal<sup>9</sup>, então no início como ele era um colégio particular então era frequentado pelo pessoal do colégio Brasília, talvez porque o colégio Brasília ficasse localizado no bairro Treze de Julho com um pessoal mais bem favorecido (MENEZES, 2018).

A ex-aluna Eliana Andrade Porto destacou que, apesar do Jardim de Infância Augusto Maynard pertencer à rede pública de ensino, não deixou de oferecer uma educação de qualidade. Era conhecido no meio social como uma escola que também se destacava pela excelência no ensino ofertado. Ficava situado na rua Dom José Thomaz, próximo ao Colégio Arquidiocesano. Eliana Andrade Porto citou também que após a sua saída do Jardim de Infância Augusto Maynard foi matriculada no Colégio Brasília e em seguida foi para o Ginásio de Aplicação, onde concluiu o ginásial, e após prosseguiu os estudos a nível científico no Colégio Estadual de Sergipe, o Atheneu, sendo aprovada posteriormente no vestibular de medicina pela Universidade Federal de Sergipe.

Conforme a entrevistada Lídia Maria Lisboa de Menezes, grande parte dos alunos morava nas proximidades do bairro Treze de Julho, localizado numa das regiões nobres da cidade de Aracaju/SE. “O pessoal do Brasília já morava por ali onde hoje é a Avenida Ivo do Prado, perto daquele edifício Atalaia, que foi o primeiro edifício de Aracaju próximo à Capitania dos Portos, ali perto do colégio Brasília”. Contudo, tais informações indicam que

---

<sup>9</sup> Os colégios Master e o Ideal são estabelecimentos de ensino da rede particular, situados na cidade de Aracaju/SE, cujos valores de suas mensalidades estão entre as mais altas do setor privado do Estado.

esses alunos eram oriundos de um estrato social mais favorecido economicamente ou intelectualmente, pois frequentavam escolas bem conceituadas da cidade de Aracaju/SE e moravam relativamente no mesmo perímetro urbano.

Outro aspecto relevante sobre as escolas citadas no Quadro 4 é que estas faziam parte do mesmo espaço geográfico onde estavam situados o Colégio Brasília e o G.A. Ambos os colégios estavam localizados em regiões circunvizinhas, próximas aos bairros São José e Treze de Julho, situados nas imediações do centro da cidade de Aracaju/SE. Conforme relatos dos ginásianos, a maioria dos alunos morava no entorno do G.A. Porto contou que “era comum ir a pé [...] somente quando chovia tinha um amigo que passava por lá para me dar uma carona”, demonstrando que se tratava de uma mesma região geográfica na zona central da cidade.

Ao ser questionada sobre o trajeto da escola, a ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes narrou que ia a pé para a escola. Disse que:

nos três primeiros anos o pai de uma colega ia levar. Eu vinha caminhando até a casa de uma colega porque minha casa ficava três trechos anteriores, e o pai dela nos levava, agora mais adiante no final do ginásio e científico aí sim a gente vinha caminhando mesmo. Eu morava na rua Estância e descia a rua Estância no sentido avenida Ivo do Prado, na Beira-Mar, aí encontrava a colega na rua Arauá, subíamos a avenida Barão de Maruim virando a praça Camerino e aí íamos caminhado pela rua Dom José Thomaz ou qualquer uma daquelas ruas ali até chegar a rua Campos (MENEZES, 2018).

A ex-ginásiana Rosa Maria Viana de Bragança Garcez, ao rememorar o percurso da escola, contou o seguinte:

a gente morava na Hermes Fontes, descíamos a rua Riachuelo e ia fazendo as traquinices que todo adolescente fazia na época né, pular lata de lixo, tocar a campainha e sair correndo, isso já foi diminuindo à medida que você vai amadurecendo, ficando mais compenetrado, mas esse era o nosso dia a dia. Quando eu residia na rua Santa Luzia... eu fui para o Colégio de Aplicação, meus pais estavam construindo uma casa na avenida Hermes Fontes, ainda se não me falha a memória no Governo de Godofredo Diniz, quando prefeito e eu acho que Dr. João Alves era um dos secretários dele e foi quando se deu a urbanização da avenida Hermes Fontes que era de piçarra. Então quando nós construímos a casa, a rua era de piçarra, parecia que a gente estava num sítio, foi exatamente onde hoje funciona a primeira farmácia Pague Menos da avenida Hermes Fontes, exatamente naquela quadra eram duas casas vizinhas à Pague Menos e tinha um sítio que hoje é a Clínica Santa Helena, tinha a minha casa e a casa da esquina que era de seu Jacinto Figueiredo e na frente tinha um grande sítio que quem foi da época se lembra de dona Marinete, que depois teve a primeira floricultura em Aracaju e ali tinha uma vila de casas que hoje é a casa da eletricidade na av. Hermes Fontes, ali se transformava como se a gente tivesse num paraíso, um lado piçarra outro lado gramado que a gente jogava, brincava, andava de bicicleta e para chegar à escola, na ida

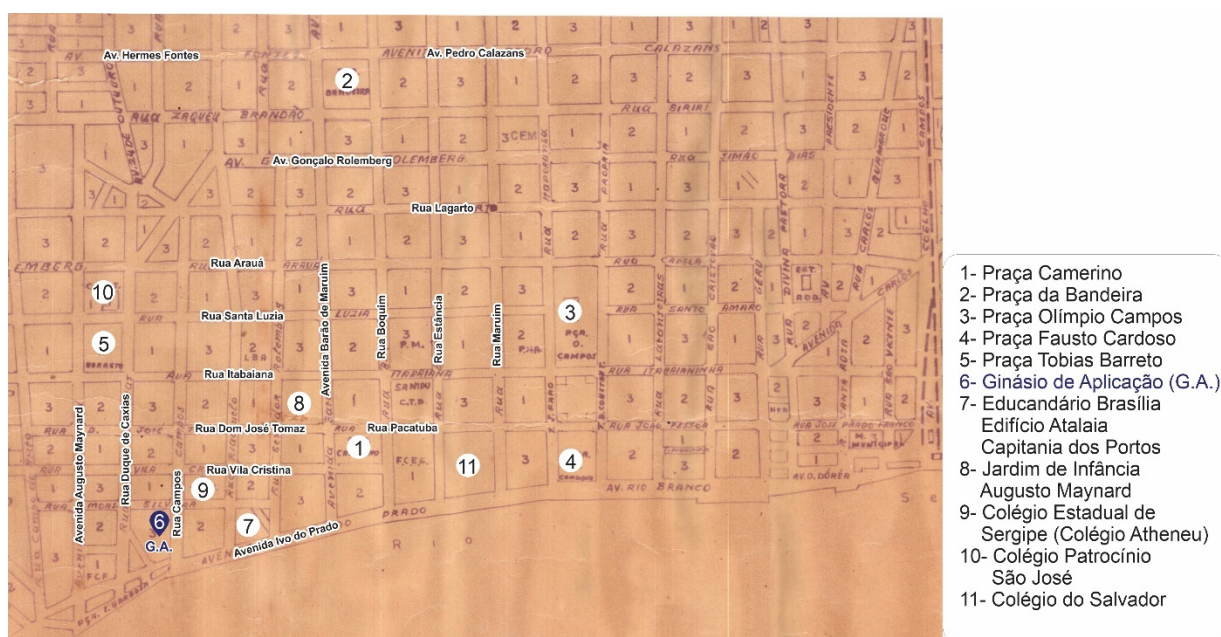
geralmente meus pais levavam porque também era a hora que iam para o trabalho (GARCEZ, 2018).

Portanto, foi observado que as residências de grande parte dos ex-alunos eram localizadas nas imediações do Ginásio de Aplicação. Segundo o ginásiano Josenildo Fontes Santos, “eu morava ali na Rua Campos, nº 244, ia a pé”. Tais lembranças permanecem vivas na memória dos estudantes egressos. Conforme Bosi (1994), “[...] quando um grupo é efêmero [...] se dispersa, como uma classe para o professor, é difícil reter a fisionomia de cada aluno [...] Para os alunos as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias [...] são convivência de anos a fio” (BOSI, 1994, p. 414). Deste modo, se constata que as vivências recordadas pelos ex-alunos são carregadas de significados por se tratarem de um passado comum de um grupo que conviveu anos a fio e que não se dispersou.

O mapa do arruamento das proximidades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe mostra adiante a planta da cidade de Aracaju (Figura 2) com os nomes destacados das ruas citadas nos relatos dos ex-alunos quando interrogados a respeito do trajeto percorrido até chegar à escola, bem como os nomes de algumas praças e de alguns colégios da época que foram citados no decorrer das narrativas, com o objetivo de demonstrar que a localidade onde os ginásianos residiam ou já haviam estudado ficava próxima das regiões adjacentes do G.A. Ao rememorarem o trajeto da escola, os ex-alunos foram representativos, informando que o G.A não ficava longe de suas residências, conforme podemos ver na quadra 6 da Figura 2, onde estava situado o G.A., e na quadra 7 onde ficava situado o edifício Atalaia, onde informou, na entrevista, residir o ex-aluno Sérgio Duarte Leite. Os alunos que iam de carro, quando havia alguma necessidade, passavam a fazer o percurso a pé tranquilamente, demonstrando que não se tratava de uma longa distância. O fato de irem para a escola de carro, conforme foi relatado, seria mais por uma questão de comodidade porque se dava no momento em que os pais estavam saindo para o trabalho, em dias de chuva ou também por motivos de segurança, quando ainda estavam menores, cursando as primeiras séries do ensino ginásial, mas à medida que foram crescendo passavam a fazer o percurso da escola a pé.



**Figura 2** – Arruamento das proximidades do Ginásio de Aplicação no ano de 1965



Fonte: Planta da cidade de Aracaju, DNER, 1965, Desenho: José Cardoso Dantas, acervo pessoal de France Robertson Pereira da Silva.

Como podemos perceber nos relatos, no trajeto da escola os laços de amizade entre os ex-alunos eram fortalecidos, no caminho para a escola muitas experiências foram compartilhadas. De acordo com as percepções dos ex-alunos, o contexto escolar propiciou a construção de uma identidade pertencente àquela geração de ex-alunos de afeição. A ginásiana Rosa Maria Viana de Bragança Garcez assim revelou: “tenho um pouco de emoção, a maioria se tornou funcionários públicos, profissionais liberais, colegas que foram para as forças armadas, tivemos colegas na área liberal, empresários, professores universitários”, o que comprova que se tratava de um grupo de indivíduos oriundos de um perfil social pertencente a uma parcela diferenciada, seja de ordem financeira ou letrada. De acordo com Alberti (2004, p. 27), “[...] a constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade”. Ou seja, a visão dos ginásianos quanto às carreiras profissionais bem-sucedidas revela a parcela social que a instituição atendeu ao longo desse período.

**Quadro 5** – Formação profissional dos ex-alunos entrevistados e de seus pais

	ENTREVISTADO	ATUAÇÃO PROFISSIONAL	OCUPAÇÃO DOS PAIS
01	Ana Maria Nunes Espinheiro	Formada em Letras Estrangeiras/Inglês Professora	Bancário do Banco do Brasil (pai) Prendas do Lar (mãe)
02	Rosa Maria Viana de Bragança Garcez	Odontologia/Funcionária Pública – UFS	Médico (pai) Dentista (Mãe) Funcionários Públicos
03	Rubens Ribeiro Cardoso Filho	Oficial Aviador da FAB	Comerciante (pai) Dona de Casa (mãe)
04	Sergio Duarte Leite	Engenheiro Civil	Usineiro
05	Suzana de Menezes Faro Prudente	Professora (Letras Vernáculas)	Advogado (pai) Dona de Casa (mãe)
06	Arnaldo Dantas Barreto	Veterinário e formado na Faculdade de Matemática especializada em computação	Empresário (pai) Dona de Casa (mãe)
07	Lídia Maria Lisboa de Menezes	Médica	Professor da Escola Técnica (pai) Dona de Casa (mãe)
08	Paulo Roberto Dantas Brandão	Economista Advogado Atuou como jornalista	Bancário do Banco do Brasil (pai) Dona de Casa (mãe)
09	Álvaro José Paes Moreira	Engenheiro Civil	Empresário (pai) Dona de Casa (mãe)
10	Eliana Andrade Porto	Médica	Promotor (pai) Dona de Casa (mãe)
11	Eliana Costa Lima Rezende	Professora	Médico (pai) Professora (mãe)
12	João Conrado Guerra	Médico	Médico (pai) Professora (mãe)
13	Josenildo Fontes Santos	Bancário concursado (Banco Central) Não fez curso superior	Funcionário Público/Tesoureiro da Prefeitura de Aracaju (pai) Dona de Casa (mãe)
14	Tânia Maria Pires Sarmiento	Médica	Bancário (pai) Dona de Casa (mãe)
15	Jane Ribeiro Lisbôa	Auxiliar Administrativo – UFS Professora Letras Português e Francês – UFS	Comerciante (pai) Prendas do Lar (mãe)
16	Jethro Duarte Moreira	Engenheiro Civil – Deso	Fiscal do INSS (pai) Funcionária Pública – Caixa Econômica Federal (mãe)

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2019).

O Quadro 5, neste sentido, é ilustrativo, pois revela que os ex-alunos eram provenientes de famílias oriundas de segmentos socioeconômicos médio ou alto, o que lhes garantia a manutenção de seus filhos em escolas particulares de boa qualidade. Na entrevista do ex-aluno Paulo Roberto Dantas Brandão, foi destacado que a maioria de seus colegas de turma, ao fazer o vestibular, optou pelos cursos de medicina, engenharia e direito, que alguns estudaram fora.

O fato de ele ter escolhido cursar inicialmente economia causou estranheza na época. A respeito da carreira escolar, Bourdieu (2007) mostrou que:

o sucesso escolar depende, principalmente, do capital cultural herdado e da propensão a investir no sistema escolar e de que, para determinado indivíduo ou grupo, esta será tanto maior quanta mais dependentes estiverem dela para manter ou melhorar sua posição social, compreende-se que a parcela dos alunos oriundos das frações mais ricas em capital cultural será tanto maior em uma instituição escolar quanta mais elevada ela estiver na hierarquia propriamente escolar das instituições de ensino - avaliada, por exemplo, pelo índice de sucesso escolar anterior, atingindo seu ápice na instituição encarregada de garantir a reprodução do corpo docente (BOURDIEU, 2007, p. 113).

Observando o Quadro 5, percebe-se, a partir das profissões dos pais dos estudantes egressos do G.A., uma estreita relação da família, oriunda de uma parcela da população de estratos sociais mais elevados, com a carreira escolar dos estudantes, “ [...] o capital escolar e a profissão que, por sua vez, é determinada, em parte, pelo capital escolar e, ao mesmo tempo, por outros fatores mais bem dissimulados, tais como sexo ou capital cultural e social herdado” (BOURDIEU, 2007, p. 99). De acordo com as narrativas dos ex-alunos, havia uma grande preocupação dos pais em manter seus filhos em um colégio de qualidade, com o intuito de que eles obtivessem um bom desempenho escolar, portanto, tal influência consistia numa maneira de manutenção das estruturas econômicas e sociais. Neste sentido, o conceito de classes remete aos “conjuntos de agentes situados em condições homogêneas de existência [...] além de possuírem um conjunto de propriedades comuns [...] a posse de bens ou poderes [...]” (BOURDIEU, 2007, p. 97).

Bourdieu (2007) destacou os modos de aquisição como marcadores privilegiados de classe:

as maneiras de adquirir sobrevivem na maneira de utilizar as aquisições: a atenção prestada às maneiras tem sua explicação se observarmos que, por meio destes imponderáveis da prática, são reconhecidos os diferentes modos de aquisição, hierarquizados, da cultura, precoce ou tardio, familiar ou escolar, assim como as classes de indivíduos que elas caracterizam (tais como os “pedantes” e os “mundanos” (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Desta forma, a origem social dos estudantes egressos do G.A. era propícia para que estes ascendessem socialmente, pois se constata que o perfil econômico e a atenção das famílias com a educação de seus filhos favoreceram para que os ex-ginásianos tivessem êxito

na escola, e sendo assim, reproduzindo a identidade social daquela clientela que o G.A. atendeu naquele período e que corroborou para sua distinção no âmbito social.

Qualquer herança material é, propriamente falando, e simultaneamente, uma herança cultural, além disso, os bens de família têm como função não só certificar fisicamente a antiguidade e a continuidade da linhagem e, por conseguinte, consagrar sua identidade social, indissociável da permanência no tempo, mas também contribuir praticamente para sua reprodução moral, ou seja, para a transmissão dos valores, virtudes e competências que servem de fundamento à filiação legítima das dinastias burguesas (BOURDIEU, 2007, p. 75).

A fotografia que segue (Figura 3), pertencente ao acervo pessoal da ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende, registra uma passagem dos alunos da primeira turma do G.A. do ano de 1960, devidamente uniformizados, conforme pode ser percebido na fala de outra ex-aluna contemporânea, Rosa Maria Viana de Bragança Garcez. Conforme esta, “as meninas usavam uma saia pinçada azul com blusa branca e os meninos eu acho que uma calça caqui, a lembrança não tá permitindo, mas depois foi que se aderiu o fardamento com calça jeans, isso já estava no curso colegial” (GARCEZ, 2018).

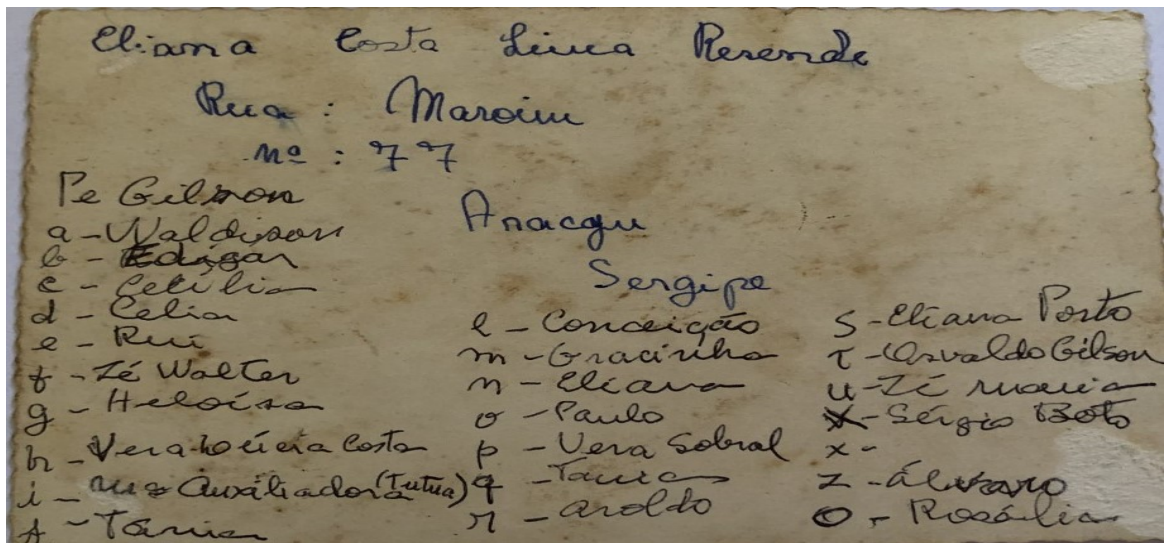
De acordo com a ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende tratou-se de um período de sua vida muito significativo e de boas recordações, que a passagem registrada na Figura 3 representa um dia especial, em que a turma foi reunida com a presença da diretora Rosália, a qual “conversava muito com a gente [...] era muito pedagógica, orientava mais no sentido de educar” (REZENDE, 2019).

**Figura 3** – Alunos da primeira turma do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe



**Fonte:** Acervo pessoal da ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende (1963).

**Figura 4** – Verso da Figura 3, elencando os nomes das pessoas que constam na fotografia da primeira turma do Ginásio de Aplicação (G.A.)



**Fonte:** Acervo pessoal da ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende (1963).

O ex-aluno Rubens Ribeiro Cardoso Filho, ao se referir ao Colégio Brasília do qual foi egresso, lembrou:

a grande maioria dos alunos que ingressavam no Colégio de Aplicação eram alunos do Brasília. No Brasília, eu concluí todo o ciclo primário, com excelentes lembranças, um colégio maravilhoso, é [...] naquela época. Nesse primeiro grau, existiam poucos colégios aqui em Sergipe e ele era um dos que se destacava, juntamente com o Colégio Salvador, o Colégio Arquidiocesano e

outros. Esse casamento entre o Brasília e o Ginásio de Aplicação era feito de uma forma natural, os dois eram escolas, digamos assim, de um bom nível, tá certo [...] O Brasília procurava nos preparar dentro de uma orientação natural do que seria esperado lá no Ginásio de Aplicação, razão pela qual eles tinham um sucesso no meu ponto de vista, acima do normal (CARDOSO FILHO, 2018).

É importante ressaltar que, ao recordar os tempos vividos pelos ginásianos por meio de suas experiências escolares e cotidianas, foram suscitados aspectos da cultura escolar produzida no decorrer do processo de escolarização desses estudantes egressos que permitiram refletir sobre as técnicas de aprendizagem utilizadas pelo corpo docente que se tornaram determinantes para seu reconhecimento no âmbito social. Deste modo, a memória coletiva representa o conjunto das percepções construídas no decorrer do processo educativo desses ex-alunos, às quais o grupo se identifica e que ao falar sobre a instituição acaba destacando as marcas impressas em suas lembranças a respeito da qualidade do ensino. Consoante Bosi (1994), “[...] lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição” (BOSI, 1994, p. 20).

A narrativa que segue confirma o sentimento de pertencimento rememorado pela ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende, a respeito do perfil dos professores que compunham o G.A., bem como o modo de ensinar desses docentes:

eram os melhores possíveis. O professor Leão Magno, de Matemática, era muito exigente, tinha a de Geografia, História eram bem preparados [...] me lembro quando a gente se formou e teve um passeio para Recife, nós fomos de ônibus com o padre João de Deus que era na época nosso professor de religião que nos acompanhou e foi muito bom o passeio, nunca me esqueci, marcou (REZENDE, 2019).

A ex-ginásiana Rosa Maria Viana de Bragança Garcez ressaltou como aspecto positivo sobre a organização da instituição e competência profissional que:

cada professor tinha o seu estilo. Eles se preparavam desde o vestir até o conteúdo pra dar aula. Eles não chegavam cansados, geralmente muito dispostos e sempre alegres, cada um na sua rigidez, mas não deixavam de transparecer que estavam alegres em estar ali e talvez por isso, por esse compromisso com os alunos, era primordial. Eles olhavam isso, eles procuravam ver o que estava havendo, a gente tinha nota para passar, era uma nota alta, não me lembro se 7, mas a gente tinha prova final e depois com a evolução da educação, eu me lembro que no científico a gente tinha a recuperação, então a gente passou algumas fases na evolução do processo de ensino, mas tudo isso era feito com muita disciplina, com muito rigor (GARCEZ, 2018).



Deste modo, a representação do passado a partir das memórias coletivas reflete que as percepções acerca do G.A. são decorrentes da atuação da instituição, dos bons serviços prestados, bem como das carreiras promissoras alcançadas pelos estudantes egressos, cujo sentimento latente foi recordado, conforme relatado:

nós pagávamos a mensalidade, não era alta quando era ainda da Faculdade de Filosofia, depois quando passou para a Universidade Federal, nós pagávamos uma taxa semestral, algo que não pesava no bolso dos nossos pais [...]. Os filhos da classe média alta de Aracaju, então esse era o ambiente que a gente se encontrava no G.A. de modo geral, isso facilitava bem os níveis de aprendizado, a gente trazia todo esse background (base) de dentro de casa, não estou defendendo, isso era uma realidade (BARRETO NETO, 2018).

Com relação ao pagamento das mensalidades das turmas dos anos de 1960 a 1968 do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, ao compulsar as pastas individuais dos ex-alunos foi constatado, também, o registro de pagamentos de outras taxas referentes aos serviços prestados pela instituição, tais como: o exame de admissão, taxa de matrícula, taxa de transferência, taxa de material didático, grêmio, taxa de requerimento de exame de 2ª época.

**Figura 5** – Tabela dos preços estipulados para as mensalidades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1960

GINÁSIO DE APLICAÇÃO  
da  
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

Tabela de preços para 1960.

ANUIDADE Cr\$8.000,00

MODALIDADE DE PAGAMENTO

Março .....	Cr\$1.000,00
Abril .....	1.000,00
Maió .....	1.000,00
Junho .....	1.000,00
Agosto .....	1.000,00
Setembro .....	1.000,00
Outubro .....	1.000,00
Novembro .....	1.000,00
	Cr\$8.000,00

Aracaju, 27 de junho de 1959.

*Mons. dr. Luciano José Cabral Duarte*  
Mons. dr. Luciano José Cabral Duarte

Fonte: CEMDAP, pacotilha nº 25.

**Tabela 1** – Mensalidades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1962-1967)

ANO	VALOR MENSAL								
	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
1962	-	-	CR\$ 2.125,00	CR\$ 2.125,00	CR\$ 2.125,00	CR\$ 2.125,00	CR\$ 2.525,00	CR\$ 2.525,00	CR\$ 2.525,00
1963	CR\$2.000,00	CR\$ 3.500,00	CR\$ 3.500,00	CR\$ 3.500,00	CR\$3.500,00	CR\$ 3.500,00	CR\$ 3.500,00	CR\$ 3.500,00	CR\$ 3.500,00
1964	CR\$ 3.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00	CR\$ 9.000,00
1965	-	CR\$ 14.000,0		CR\$ 14.400,00	CR\$ 14.400,00	-	CR\$ 14.400,00	CR\$ 14.400,00	-

**Fonte:** Recibos das mensalidades doados pela ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes. Acervo Digital do Centro de Memória, Pesquisa e Documentação do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (Cemdap).

Quanto ao pagamento das mensalidades, no capítulo XI do Regimento Interno do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe do ano de 1960, Art. 30, publicado num jornal em circulação da época, este informou que o aluno em atraso com seus pagamentos poderia, a juízo da direção do estabelecimento, ser impedido de prestar as provas parciais ou finais, porém o G.A. não poderia recusar emitir certificado ou transferência ao aluno que tivesse prestado provas finais, contudo previa penalidades para os inadimplentes (Jornal *A Cruzada*, 27/05/1961).

Desta maneira, o aluno que não estivesse quite com as mensalidades poderia sofrer penalidades embasadas no regimento interno do colégio, denotando que o capital econômico era primordial para a manutenção do aluno na instituição, pois havia a cobrança dos pagamentos caso não estivessem regularizados.

Com o intuito de verificar se as mensalidades cobradas no G.A. se diferenciavam das demais instituições da rede particular de ensino da cidade de Aracaju/SE no mesmo período, buscou-se identificar o valor da mensalidade do Colégio do Salvador, tendo em vista que o referido colégio foi citado nas memórias dos ex-alunos como uma instituição que também absorvia alunos oriundos de escolas primárias do setor privado da época, a exemplo do Educandário Brasília, tal como o G.A. Desta forma, foi constatado que enquanto a anuidade do Ginásio de Aplicação em 1964 equivalia a CR\$ 75.000,00, o Colégio do Salvador cobrava como anuidade no mesmo ano CR\$ 76.000,00<sup>10</sup>, portanto percebemos que os valores cobrados entre as duas instituições escolares não tinham tanta disparidade. A pesquisa realizada por Silva

<sup>10</sup> O valor da anuidade do Colégio do Salvador foi obtido do acervo pessoal de France Robertson da Silva, o qual cedeu gentilmente para consulta.



(2016) constatou que a maioria dos alunos do Colégio do Salvador pertencia às famílias mais ricas do estado de Sergipe, “as melhores colocações nos exames, as melhores notas expostas em jornais para mostrar a qualidade dos seus alunos eram sempre obrigatórias ao final de cada ano letivo, constituindo estratégias para preservar e propagar o prestígio alcançado pelo Colégio” (SILVA, 2016, p. 142).

Logo, conforme as impressões relatadas pelos ex-alunos, por se tratar de um colégio particular e frequentado por um grupo elitizado, o G.A. era visto como um colégio diferenciado. A localização geográfica dessa instituição de ensino abrangia imediações valorizadas, o que indicava o perfil de alunos que frequentavam esse colégio. O ex-aluno Álvaro José Paes Moreira falou que “era próximo do Iate, eu morava na praça Getúlio Vargas, depois chamada de Minigolfe”. Em suma, era uma área nobre da cidade de Aracaju/SE, bem localizada e valorizada pelo mercado imobiliário, onde residia boa parte dos ginásianos da geração de 1960 a 1968.

### 2.3 O INGRESSO E A CARREIRA ESTUDANTIL

Ingressar no Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no período compreendido entre 1960 e 1968, se dava mediante a aprovação do aluno no exame admissional. O critério adotado consistia numa seleção prévia dos alunos que adentrariam na instituição por meio da aplicação de provas oral e escrita para aferir o nível de conhecimento dos alunos que concluíam o curso primário e que estariam aptos a ingressarem no curso ginásial. O exame de admissão prestado pelos primeiros alunos do G.A. foi destacado nas entrevistas com os ex-alunos, como um processo seletivo de acirrada concorrência e que havia na época cursos preparatórios, em que pais matriculavam seus filhos com o intuito de prepará-los melhor para o referido certame.

Por sua vez, ao explorar as fontes no Cemdap sobre os referidos exames de admissão, foi verificado no livro de abertura das inscrições do exame de admissão que o número de inscritos que participariam do processo seletivo, no período compreendido entre 1959 e 1966, totalizou 302 inscritos (CEMDAP, 1959).

O ex-aluno Paulo Roberto Dantas Brandão recordou que:

o famoso exame de admissão era quase um minivestibular [...] o exame de admissão do Colégio de Aplicação era, sem sombra de dúvidas, o mais concorrido [...] não eram questões objetivas; era uma prova considerada

difícil, à qual muita gente se submetia e não lograva êxito (BRANDÃO, 2018).

Ainda sobre o processo seletivo, no qual os alunos eram submetidos, a ex-aluna Eliana Andrade Porto destacou que havia um programa de conteúdos, no qual os alunos se baseavam acerca dos assuntos abordados na prova, estudavam bastante para obter um bom desempenho e aprovação.

O ex-aluno Rubens Cardoso Filho informou como eram organizadas as duas fases do exame admissional na sua época. Dentre os professores que participaram do certame, estavam lá, com certeza, o professor Leão, de Matemática, e a professora D. Carmelita, e a prova era aplicada diante de um quadro negro, pautada nos conhecimentos básicos das disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências, e que mesmo se tratando da parte oral, caso necessitasse fazer algum complemento, o aluno poderia usar o quadro.

O ex-aluno Álvaro José Paes Moreira citou, ao lembrar-se do curso preparatório, que “no quarto ano, eu lembro muito bem, estudávamos um livro amarelo chamado programa de admissão e aí por esse livro a gente se preparava para fazer o famosíssimo exame de admissão para ingressar no ginásio”.

Também foi destacado por outros ex-alunos durante as entrevistas, como um aspecto que conferia prestígio ao G.A., que normalmente as diretoras do Colégio Brasília orientavam os pais para matriculem seus filhos no curso ginásial do G.A. porque se tratava de um ginásio vinculado à Faculdade de Filosofia, com uma nova proposta de ensino e que possibilitaria um bom nível de escolaridade aos seus discentes no decorrer de suas trajetórias escolares. Com duração prevista para quatro anos em nível de primeiro ciclo, mais três anos no nível colegial, englobando sete anos de estudo no estabelecimento de ensino. Ressalta-se que, para a primeira turma só foi oferecido o primeiro ciclo ginásial, portanto a previsão de vínculo com a instituição foi de quatro anos.

Era como se as vagas do Colégio de Aplicação estivessem quase todas destinadas a um colégio que existia que era o Colégio Brasília. Aí teve uma reunião lá no Colégio Menino Jesus, antipedagógica totalmente no sentido de me desincentivar e mais dois colegas que era uma menina e um menino, para que a gente desistisse do exame de admissão do Colégio de Aplicação, mas os três eram teimosos e os três não desistiram e passaram e ficamos no Colégio de Aplicação até terminar. A menina fez o clássico na época e eu e o menino fizemos o científico e depois a faculdade de medicina e com esse colega fiz o primário, ginásio, científico e Faculdade, o que é uma coisa rara de acontecer (MENEZES, 2018).

De acordo com as documentações sobre o exame de admissão do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, os alunos que pretendessem ingressar na primeira série ginásial (5ª série do 1º grau) tinham que frequentar um curso preparatório prévio antes de se submeterem ao exame de admissão, o que lhes garantia melhores oportunidades de aprovação (CEMDAP, 1959).

Contudo, alguns alunos informaram que ao concluir o curso primário não se submeteram a uma preparação prévia para o exame de admissão, os conhecimentos adquiridos no nível primário foram suficientes para prestarem a prova. Numa das entrevistas, o ginasiano Josenildo Fontes Santos relatou que em virtude de um problema de saúde, no qual ele quase faleceu, acabou perdendo o ano no Colégio Estadual Atheneu, onde havia prestado o exame de admissão e cursado o primeiro ano ginásial. E após uma conversa do seu pai, irmão da diretora Rosália Bispo dos Santos, primeira diretora do G.A., foi decidido que iria matriculá-lo no Ginásio de Aplicação, pois surgiu uma vaga, daí como já havia prestado o exame admissional no Colégio Estadual Atheneu foi liberado de realizar a prova no G.A. Diante deste fato, percebe-se que houve caso em que o ingresso no G.A ocorreu sem a realização prévia do exame admissional na própria instituição.

Em consulta às documentações referentes aos ex-alunos no arquivo do Codap, foram encontradas nas pastas, além de documentações sobre as matrículas, o histórico escolar, cartão de vacinação, atestado médico, comprovando que o aluno não sofria de moléstia infecto contagiosa, defeito físico e íntegro funcionamento dos órgãos dos sentidos, como também os certificados emitidos pelo colégio informando a aprovação do aluno no referido exame de admissão, habilitando-os a cursarem o ensino ginásial nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário. Os certificados continham os dados dos alunos, bem como eram mencionadas as notas tiradas nas quatro áreas do conhecimento que eram abordadas nas provas, Português, Matemática, Geografia e História do Brasil. Nos certificados constavam também os dias em que o exame foi aplicado, totalizando quatro dias para a aplicação das provas no processo seletivo (Arquivo Escolar do Codap).

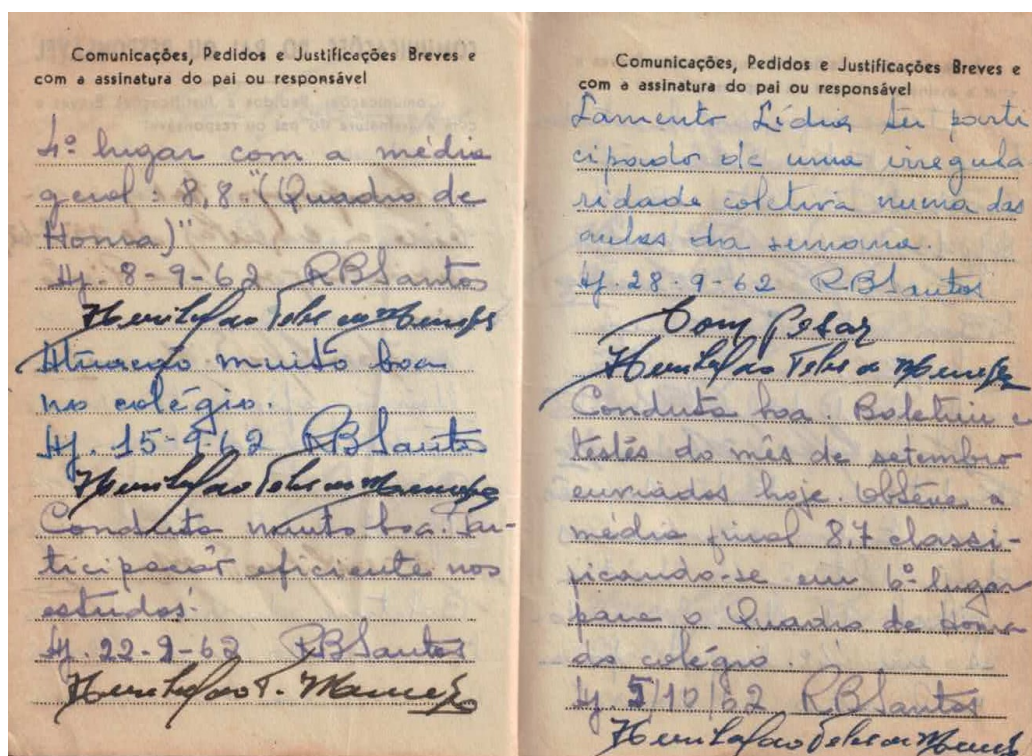
Ao analisar as pastas no arquivo do Codap dos alunos que ingressaram no colégio entre 1960 a 1968 foram encontradas, também, circulares emitidas pelo colégio, comunicando o envio do boletim escolar, da média geral do aluno naquela unidade, seguida da classificação perante a turma e com observações a respeito das matérias que o aluno havia apresentado dificuldades e com baixo rendimento, ressaltando para os responsáveis a necessidade de um maior estímulo, a fim de que nas próximas unidades obtivessem melhores resultados. Na circular eram mencionadas também informações sobre a conduta dos alunos no colégio e a

existência de um quadro de honra, o qual consistia em destacar os nomes dos alunos que alcançavam a média geral a partir da nota 7,0. Bourdieu (2007) discutiu que:

a posição social e o poder específico atribuídos aos agentes em um campo particular dependem, antes de mais nada, do capital específico que eles podem mobilizar, seja qual for sua riqueza em outra espécie de capital – que pode exercer, todavia, um efeito de contaminação. Assim explica-se que a relação descoberta pela análise entre classe e as práticas pareça estabelecer-se, em cada caso, por intermédio de um fator ou de uma combinação particular de fatores, variável segundo o campo [...] (BOURDIEU, 2007, p. 107).

O quadro de honra acabava também representando um mecanismo para enaltecer a capacidade intelectual dos alunos que se sobressaíssem nas provas, suas potencialidades e com isso reforçando as desigualdades perante o grupo de alunos que compunham a sala de aula, pois os classificavam por meio da nota, os alunos que não alcançavam a nota mínima, isto é, a média geral 7,0, não tinham seus nomes expostos no quadro de honra. Conforme consta comprovado na Figura 6, a caderneta da ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes denota que ela havia obtido a média geral 8,8 e que teria seu nome exposto no referido quadro de honra, em virtude de sua atuação diferenciada. Outro aspecto também a ser observado na Figura 6, sobre o acompanhamento do aluno, é que no dia 28/09/1992 foi registrado na caderneta da ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes a sua participação numa irregularidade coletiva, numa das aulas da semana, visando informar a família acerca da indisciplina, ao tempo que a mesma aluna teve no dia 08/09/1992, o reconhecimento pelo bom desempenho escolar.

**Figura 6** – Registros na caderneta de uma ex-aluna do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

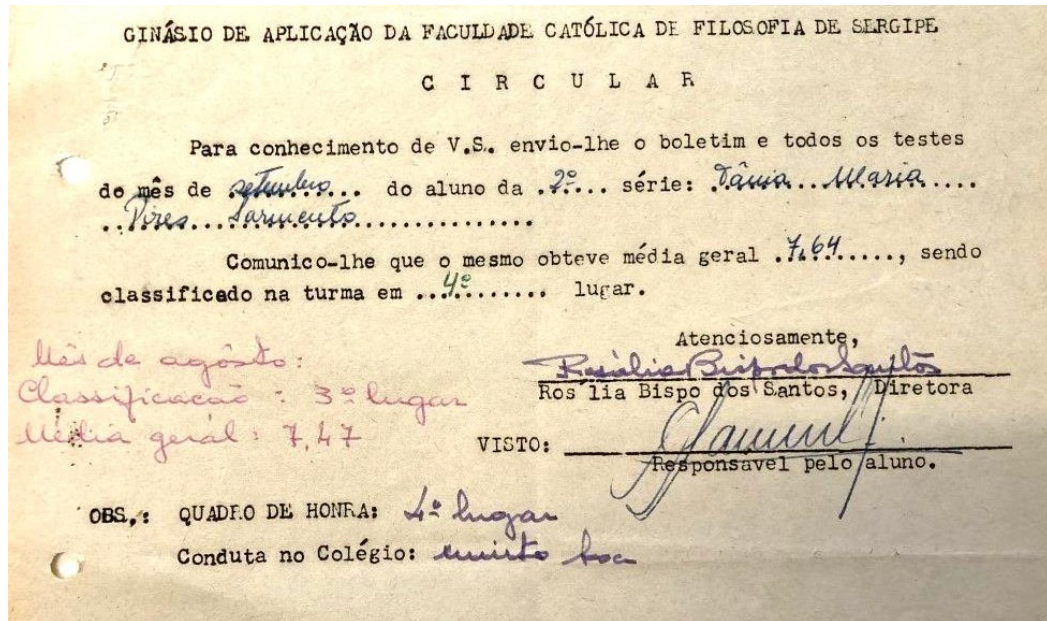


Fonte: Acervo audiovisual do Cemdap.

Como o próprio nome já revela, apenas os nomes ali expostos foram dignos de serem honrados, favorecendo a distinção entre os alunos e conseqüentemente reproduzindo, por meio da escola, a cultura de valorização dos mais bem capacitados. Isso resultava no que Bourdieu (2002) considerou como disputas simbólicas, em que as diferenças significavam sinônimo de fracasso, a exemplo da exposição do aluno do Ginásio no quadro de honra, como forma de premiação. Ainda segundo o autor, é o mesmo sistema de classificação que continua a funcionar ao longo do *cursus* escolar onde todo mundo é classificado, sendo que os melhores classificados tornam-se os melhores classificadores daqueles que entram no circuito, logo, através desta prática a escola acaba valorizando as potencialidades individuais do aluno sem levar em consideração as diferenças sociais, isto é, a realidade de cada sujeito.

A ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes, ao recordar sobre os quadros de honra, citou que “tinha um quadro de honra para os cinco primeiros classificados, aí os nomes iam para esse quadro de honra” (MENEZES, 2018).

**Figura 7** – Circular encaminhada aos pais dos alunos da primeira turma do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe




Fonte: Arquivo Escolar do Codap.

Desta maneira, verifica-se também, que a circular encaminhada aos pais, demonstrada na figura 7, tinha o intuito de manter a família ciente da classificação do aluno perante aos demais discentes da classe. Com isso, a publicidade do nome do aluno no quadro de honra representava, conforme destacado em Bourdieu (2002), um meio de legitimar as disputas simbólicas existentes no âmbito escolar em prol de privilegiar os alunos que mais se destacavam em razão da nota.



**Figura 8** – Certificado de aprovação em exames de admissão à 1ª série ginásial do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

  
 GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA  
 DE FILOSOFIA DE SERGIPE  
 RUA DE CAMPOS, 117  
 ARACAJU - SERGIPE

N. 17

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO À 1ª. SÉRIE GINÁSIAL**

Certificamos que Cláudia Andraze Goto  
 Filho de Aloysio Barbosa Goto  
 e de Maria Valdeir Andraze Goto  
 natural de Aracaju nascido em 20 de novembro  
 de 1947 foi considerado aprovado em exames de admissão à 1ª. Série Ginásial,  
 prestado em 12, 24 de agosto de 1959 nos termos da  
 Lei Orgânica de Ensino Secundário (Decreto-lei nº. 4.244 de 9 de Abril de  
 1942 e 8.347 de 10 de Dezembro de 1945), tendo obtido os seguintes resultados:

Português oitenta e cinco (8,5) Matemática cinco, cinco (6,5)  
 Geografia noventa, quatro (9,4) Hist. do Brasil sete, cinco (7,5)  
 Média Geral sete, oito (7,8)

Aracaju, 30 de agosto de 1959.  
Helina Oliveira Lima  
 O INSPECTOR  
Rosalina Bispo das Antas  
 O DIRETOR

MODELO 1

Issuado de acordo com o Decreto-lei nº. 8.029, 2-10-1945

Fonte: Arquivo Escolar do Codap.

Portanto, o processo seletivo por intermédio do exame de admissão para o ingresso no G.A. se constituiu num mecanismo de seleção escolar, pois eram selecionados os indivíduos detentores de um perfil econômico e cultural privilegiado, que tinham os melhores desempenhos e uma vasta bagagem intelectual. Apesar do colégio ter sido criado com a dupla finalidade, de servir para as práticas didáticas dos alunos matriculados no curso de Didática das Faculdades de Filosofia e de campo experimental de novas práticas pedagógicas no ensino secundário, percebe-se que a instituição esteve voltada, salvo raras exceções, para um público seletivo, pois a forma de ingresso legitimava vasta bagagem de conhecimentos que no decorrer dos anos lhe atribuiu o caráter elitista. A ex-aluna Rosa Maria Viana Bragança Garcez citou na entrevista: “me recordo, era uma angústia receber o resultado do exame de admissão, naquela época não eram listas coladas nas paredes, mas o resultado era lido nominalmente com os nomes dos aprovados [...] todos nós no pátio esperando que a lista fosse lida, dos aprovados” (GARCEZ, 2018).

Esses elementos analisados permite inferir que alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas e que não possuísem os melhores desempenho tinham ínfimas condições de ingressar no G.A., por isso imprimiu ao longo dos anos uma identidade decorrente da diferenciação do ensino ofertado. Rosa Maria Viana de Bragança Garcez também afirmou que a concorrência para ingressar no Ginásio de Aplicação se dava por se tratar de um colégio que estava iniciando, vinculado à Faculdade de Filosofia, e que tinha como diretor José Luciano Cabral Duarte, personalidade de notável conhecimento e respeitada perante a sociedade sergipana. Portanto, se podia concluir que um empreendimento em que o Pe. José Luciano Cabral Duarte estivesse à frente conferia a ideia de responsabilidade e qualidade, motivando os pais a optarem em matricular seus filhos no G.A.

O art. 9º do Decreto nº 9053, de 12 de março de 1946, que instituiu a criação dos Ginásios de Aplicação no Brasil estipulou que a matrícula nos ginásios de aplicação seria limitada a uma turma, no máximo de 30 alunos em cada série (BRASIL, 1946). Na época em que teve a inauguração do G.A., foi noticiado por meio do jornal *A Cruzada* que dentro do plano desse ginásio as turmas não ultrapassariam uma média de 25 alunos, tendo como justificativa que o baixo rendimento do ensino secundário no Brasil era decorrente do número exagerado de alunos em sala, chegando a uma média de 40 a 50 numa só turma, e desta forma, dificilmente alcançariam bons resultados. Assim, no caso do G.A, a primeira turma, 1ª série ginásial, encerrou-se em 7/12/1960 com 24 alunos (Jornal A Cruzada em 12/12/1959).

O ex-aluno Arnaldo Dantas Barreto Neto, ao lembrar da seleção para o exame de admissão, destacou a quantidade permitida de alunos por turmas, bem como a procedência escolar dos discentes aprovados no exame admissional, os quais normalmente eram oriundos de algumas escolas consideradas naquela época de ponta, tais como o Colégio do Salvador e o Educandário Brasília:

o exame de admissão para o Ginásio de Aplicação tinha um número de vagas pequeno, eram 30 vagas apenas. O colégio disponibilizava um curso preparatório que eu fiz também, e digamos assim, era um mini-vestibular para crianças, eu tinha dez anos e realmente para mim foi meu primeiro grande desafio [...]. Na minha época, os ingressantes para o Colégio de Aplicação eram principalmente dos colégios Brasília e do Salvador, então para mim foi um desafio muito grande (BARRETO NETO, 2018).

Isso significa que a escola, por meio do exame admissional, contribuía para manter os privilégios de classes, pois apenas os mais bem preparados tinham condições de ingressarem no G.A.



O G.A. era considerado o melhor colégio do Estado e isso fez com que quase toda turma do colégio Brasília, que era à época um dos melhores colégios de Aracaju, disputasse essa primazia com o colégio Salvador, mas toda a turma do colégio Brasília, praticamente toda a turma optou por fazer o exame de admissão para o G.A. e todos que fizeram o exame de admissão foram aprovados (DANTAS, 2018).

Os mecanismos para o processo seletivo por intermédio do exame de admissão contribuíam para que apenas um grupo seletivo de alunos adentrasse a instituição, pois priorizava-se o conhecimento trazido pelos discentes, avaliado por meio de uma prova de conhecimentos, que eram obtidos nas melhores escolas particulares da cidade. Desta forma, o aluno que não tivesse uma boa bagagem cultural ficava excluído, legitimando a reprodução de uma elite cultural no cenário educacional.

A entrevistada Rosa Maria Viana de Bragança Garcez contou que a comunidade dizia que se tratava de um colégio de elite porque achava que lá havia pessoas da classe média para média alta. A instituição era representada socialmente por um grupo de indivíduos detentores de uma vasta bagagem de conhecimento e com elevado poder aquisitivo.

Com o passar dos anos, o processo de seleção para ter direito a uma vaga no G.A. foi modificado. O exame de admissão aplicado mediante uma prova de conhecimentos ocorreu até a década de 1970.

### 3 COTIDIANO ESCOLAR: ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

No dia 10 de dezembro 1963 foi noticiado por meio dos meios de comunicação da cidade de Aracaju/SE que a FCFS estava em festa, pois comemorava a formatura da primeira turma de alunos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. A imprensa divulgou também que no turno da manhã seria celebrada uma missa em ação de graças e à noite, no salão nobre da FCFS, haveria uma sessão solene com a entrega de certificados aos concluintes, conforme registrado na Figura 9 a seguir, o evento que aconteceria no auditório da mencionada Faculdade de Filosofia. A cerimônia foi seguida de uma homenagem dedicada a Dom Luciano, à diretora Rosália Bispo dos Santos e aos professores, pela dedicação dispensada e ao alto nível de aproveitamento daquela modelar casa de ensino secundário (Jornal *A Cruzada* em 07/12/1963).

**Figura 9** – Formatura dos alunos concluintes da primeira turma do G.A. na cerimônia realizada no auditório da FCFS



**Fonte:** Acervo pessoal da ex-aluna Eliana Andrade Porto (1963).

**Figura 10** – Fotografia do último dia de aula da turma que concluiu o ensino colegial



**Fonte:** Acervo pessoal da ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa (1967).

Como podemos ver, a fotografia (Figura 9) guardada até hoje pela ex-aluna Eliana Andrade Porto revela um momento de orgulho e vitória, pois representa o fim de um ciclo da carreira estudantil. A figura 10 também demonstra momentos vividos com muita satisfação, as expressões faciais das ex-alunas exprimem o convívio no G.A., conforme foi relatado pela ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa, a qual guarda até hoje essa lembrança do último dia de aula e da vasta bagagem cultural assimilada no decorrer do seu processo educativo.

Como se pôde ver por meio das fotografias, o sentimento de pertencimento permanece latente até os dias atuais nas memórias dos ex-alunos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, pois o fato de terem pertencido e participado do ambiente escolar no G.A. deixou muitas marcas em suas memórias por terem feito parte daquele contexto escolar. Para Bosi (1994, p. 53), “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”, portanto, as fotografias registraram passagens da vida das ex-alunas no G.A que são recordadas até os dias atuais.

As lembranças recordadas pelos agentes pioneiros por intermédio de imagens e objetos representam o sentimento de identidade daquele grupo. Consoante Pollak (1992, p. 5), “[...] a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. A camisa do uniforme escolar guardada durante 59 anos representa uma lembrança da época de estudante e zelada pela ex-aluna da primeira turma

do G.A., Eliana Andrade Porto, marcada pela força do tempo, mas que não foi apagada de sua memória, permanecendo vivas as identidades nela registradas para que não caíssem no esquecimento os tempos vividos na época de estudante.

Outra ex-aluna, Ana Maria Nunes Espinheiro, recordou durante as entrevistas que as lembranças da época de estudante no G.A. permanecem guardadas em sua memória até hoje, citou que:

o tempo que passei na Faculdade, quatro anos, não guardo na memória. Quando passo hoje pelo Ipes, eu olho e digo: meu G.A., aqui eu estudei, aqui eu fui feliz, aqui foram os melhores anos da minha vida [...] foi aqui nesse prédio. Mas aí se alguém pergunta, não foi aí nesse prédio que você fez a Faculdade? Eu nem me lembro [...] aí foi o meu G.A., o meu Colégio de Aplicação (ESPINHEIRO, 2019).

O costume de assinar na blusa do fardamento escolar ao final do ano letivo configurava-se numa prática de reprodução cultural, própria dos alunos, pois representava uma forma de eternizar um momento de suas vidas, isto é, da carreira estudantil. Tal prática consistia em registrar, por meio da assinatura pessoal de cada aluno, na blusa de um outro colega, a identidade construída pelo grupo ao longo do período em que conviveram. Ao analisar os diferentes aspectos no decorrer do processo educativo, Julia (2001) destacou que no espaço escolar são desenvolvidas práticas cotidianas que são próprias da cultura escolar, fruto das interações entre sujeitos presentes e o contexto onde se está inserido. De acordo com o referido autor, a escola não é somente um lugar de transmissão de conhecimentos, mas é, ao mesmo tempo e talvez principalmente, um lugar de “inculcação de comportamentos e de *habitus*” (JULIA, 2001, p. 14).

Sob a ótica bourdieusiana o *habitus* é entendido como:

[...] o organismo do qual o grupo se apropriou e que é apropriado ao grupo, funciona como o suporte material da memória coletiva: instrumento de um grupo, tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores, ou simplesmente, os predecessores nos sucessores. A hereditariedade social dos caracteres adquiridos, assegurada por ele, oferece ao grupo um dos meios mais eficazes para perpetuar-se enquanto grupo [...] (BOURDIEU, 2002, p. 113).

Por intermédio das palavras escritas, das mensagens, uma rede de significados e recordações vem à tona, desde os que já partiram, faleceram, até aqueles que marcaram ou marcam a vida de cada um. A blusa guardada até hoje pela ex-aluna expressa o sentimento de

pertencimento enquanto ginásiana, ou seja, do grupo a que pertenceu e que merece ser lembrado.

**Figura 11** – Camisa da farda assinada pelos colegas da primeira turma do G.A. (1960-1963)



**Fonte:** Foto retirada pela autora da blusa da farda, Cemdap (2019).

Por meio do relato que segue da ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez, verifica-se que o sentimento de pertencimento permanece latente entre os ginásianos. Apesar do tempo transcorrido, a lembrança permanece acesa, “cada turma tinha o seu local de preferência e também se tinham as paqueras, os primeiros flertes, os namoros foi nesse ambiente onde a gente viveu nossa adolescência”.

De acordo com Ecléa Bosi, “[...] uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” (BOSI, 1994, p. 21). O ato de rememorar o passado consiste numa reflexão do agora a partir do outrora. Embasado neste pensamento, este estudo busca

compreender as percepções de estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe sobre as práticas educativas e culturais vivenciadas ao longo de suas trajetórias escolares, no período compreendido entre 1960 e 1968:

[...] é preciso estar confrontando, comunicando e recebendo impressões [...] Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomponemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral... (BOSI, 1994, p. 414).

Portanto, ao tomar conhecimento das práticas escolares desenvolvidas no G.A., compreendemos a função a que esse estabelecimento de ensino se propôs, identificando, por meio das fontes orais, a clientela a que se destinou e as apropriações culturais assimiladas pelos ginásianos no decorrer de suas trajetórias escolares. Conforme o ex-aluno Rubens Ribeiro Cardoso Filho, “a formação que nós tivemos no G.A. criou uma base muito forte, não só na parte educacional, mas principalmente na parte moral e disciplinar. Acho que todos mostraram bons resultados, e com certeza muitos devem a essa formação”.

### 3.1 OS PROFESSORES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Quanto ao corpo docente, o ex-aluno Arnaldo Dantas Barreto Neto evocou que havia muito respeito aos professores, que “os alunos se levantavam quando o professor entrava na sala de aula e só se sentavam mediante a autorização do docente” (BARRETO NETO, 2018). Para os ginásianos, as condições de estudo no G.A. eram favoráveis para que a aprendizagem se desenvolvesse de forma mais significativa, pois o colégio era formado por um corpo docente qualificado, o que permitiu que diversas pessoas da turma tivessem êxito nos vestibulares de diversas faculdades do Brasil, dentre elas: a Universidade Federal da Bahia e a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), alcançando carreiras bem-sucedidas. O ex-aluno Arnaldo Dantas Barreto Neto comenta sobre a qualificação dos professores do G.A.:

era a elite dos professores nessa área aqui em Sergipe, tínhamos [...] rivalizava com o G.A., o Atheneu, tínhamos o Atheneu e o G.A., o G.A. menor e o Atheneu maior, e o G.A. com uma diferenciação porque os seus professores faziam parte do corpo docente das Faculdades e posteriormente Universidade, então eram professores todos eles vinculados a alguma faculdade e de

altíssimo nível tanto na área de humanas quanto na área de exatas, professores que se destacaram. Eu tive por exemplo Carmelita Fontes como professora de Português, Chico na área de Química, professor Freitas na área de Matemática, Leão Magno na área de Matemática, Geraldo na área de Biologia, Carlos Carvalho, já falecido, na área de Física, então só pra citar alguns, tivemos outros, Lígia Pina na área de História, diversas pessoas que se notabilizavam ou já eram notáveis nessa época na área do ensino (NETO, 2018).

**Quadro 6** – Relação dos primeiros professores do Ginásio de Aplicação

DISCIPLINA	PROFESSOR (A)
Português	Rosália Bispo dos Santos Carmelita Pinto Fontes
Matemática	Leão Magno Brasil
Francês	Rosália Bispo dos Santos Tereza Prado Leite Iara Silveira Teixeira
Inglês	Maria Lúcia Ribeiro Consuelo D'Ávila Melo Ferreira
Latim	Maria José Pizzi de Menezes
Ciências	Maria Simone Matos Lindalva Cardoso Dantas
História	Maria Matos de Andrade Maria de Lourdes Amaral Maria Auxiliadora Diniz
Geografia	Adelci Figueiredo Maria da Glória Monteiro Cacilda Whiltshire
Trabalhos manuais	Rosa Maria Nascimento Freire
Música e Canto orfeônico	Maria Lúcia Ribeiro Nair Ribeiro Porto
Desenho	Cecília Teixeira
Religião e Latim	Padre João de Deus Gois Padre Gilson Garcia de Melo

Fonte: NUNES, 2012, p. 47, Livro de Atas do G.A.

De acordo com a maioria dos relatos dos ex-alunos, a equipe composta de bons profissionais permitiu que se desenvolvesse no âmbito escolar propostas de ensino em que se articulavam os saberes teóricos e as práticas pedagógicas, o que contribuiu para uma aprendizagem mais eficaz. Era essencial que o aluno soubesse bem a disciplina de Português, pois, se não soubesse interpretar, dificilmente ele poderia resolver um problema com a autonomia necessária para aplicá-lo na prática cotidiana.

Quanto às práticas pedagógicas, o ex-aluno Rubens Ribeiro Cardoso Filho relatou que se lembrava de variadas atividades, incluindo aulas de canto, desenho e religião, e de educação sexual, as quais eram ministradas de forma muito natural e profissional pelos excelentes professores.

Com relação às práticas que circulavam no G.A., foi destacada por ex-alunos a existência da caderneta escolar de uso pessoal em que eram feitas as anotações como um meio de comunicação entre a família e a escola ou eram carimbadas com o objetivo de acompanhar o desempenho escolar dos alunos. De acordo com o ginásiano Álvaro José Paes Moreira, “inclusive para entrar na outra semana tinha que apresentar a caderneta”. Tais cadernetas serviam como uma ferramenta de acompanhamento dos alunos. Quaisquer irregularidades quanto à frequência dos alunos, descumprimento de algumas normas ou uso irregular do uniforme eram registradas, ou seja, representavam um mecanismo de controle do colégio, pois eram utilizadas como um meio de fiscalizar os alunos. Como pontuou Julia (2001):

não existe na história da educação estudo mais tradicional que o das normas que regem as escolas ou os colégios, pois nós atingimos mais facilmente os textos reguladores e os projetos pedagógicos que as próprias realidades [...] Pouco a pouco, ao longo das experiências de revolta ou de abandonos, emergiu a evidência de que o colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos [...] (JULIA, 2001, p. 19-22).

Ao tratar sobre a questão disciplinar, durante as entrevistas com os ex-alunos, todos tiveram o mesmo posicionamento, destacaram que o rigor imposto aos alunos tinha o intuito de manter a ordem no colégio e de inculcar respeito mediante uma relação de subserviência. Conforme as narrativas, mesmo o G.A. prezando pela disciplina, foi lembrado pelos ginásianos que o colégio respeitava a liberdade do aluno, não tolhia suas vontades desde que não infringissem as normas expressas no regimento escolar. Em sala de aula os professores transmitiam os conhecimentos de forma dinâmica, tanto que os alunos não se sentiam reprimidos, diferentemente de outra escola congênere da época que era conhecida no âmbito social pelo trato severo com os alunos. Foi lembrado pelos ex-alunos que:

o G.A. era um colégio rigoroso e que realmente se exigia um bom desempenho do aluno, preocupadíssimo, eu acho que isso era uma coisa incrível, semanalmente ia uma anotação na caderneta, mensalmente falavam das provas de como era não só o seu desempenho de conhecimento como também a sua conduta de comportamento porque antigamente tinha nota de comportamento na escola (MENEZES, 2018).



De modo geral havia disciplina no colégio, o parâmetro de colégio rigoroso era o colégio Salvador, não havia nada parecido com o Salvador, o G.A. era um colégio bem liberal, mas havia rigor, havia orientador educacional que acompanhava, havia bedéis [...] ficavam lá na sala vendo a disciplina, atrás da gente [...] (BRANDÃO, 2018).

Se falava muito do Colégio do Salvador, da rigidez excessiva, então eu mesmo dizia que para lá eu não ia, não iria me adaptar lá. Para mim o G.A. foi na medida, me ofereceu bons cursos e uma disciplina que eu aceitava de bom grado eu achava justa (GUERRA FILHO, 2019).

Tia Rosália, todos eram duros com a gente, tinha disciplina, sempre foram muito duros, muito rígidos, tocava a campainha tinha que ir pra fila, a fila de mulher, a fila de meninos. Na sala aí você entrava e quando o professor chegava você tinha que levantar [...] (SANTOS, 2019).

Com base no que foi apresentado nas memórias dos ex-alunos sobre as práticas disciplinares utilizadas pelo G.A. nos primeiros anos de sua fundação, constatou-se que o colégio prezava em manter a disciplina por meio do diálogo e conscientização dos direitos e deveres inerentes aos alunos, conforme os princípios regidos no regimento escolar, e em caso de indisciplina estariam sujeitos às penalidades previstas no referido documento. Ao recordarem a maneira como um aluno era repreendido, foi dito unanimemente pelos entrevistados que os métodos aplicados para chamar a atenção do aluno não eram tão rigorosos como em outras escolas, segundo o ex-aluno Jethro Duarte Moreira havia “liberdade com responsabilidade, você tinha seus limites e teria que assumir seus atos, tudo que você faz tem uma consequência, então tinha que cumprir as regras” (MOREIRA, 2019).

E para manter a disciplina foi recordado que existia a caderneta escolar dos alunos, que servia como um instrumento de comunicação entre a escola e a família para acompanhar o comportamento dos alunos, nesta caderneta era registrado qualquer desvio do aluno que interferisse no bom andamento das atividades pedagógicas. No corpo das cadernetas escolares do aluno havia as seguintes informações: a identificação do aluno com foto, o regime de notas, cômputo das notas, resultado das provas parciais e finais, notas de aproveitamento, disciplina escolar, mensais de falta, pedido dos pais ou responsáveis, horário e espaços destinados para as comunicações do estabelecimento escolar e para os pais.

**Figura 12** – Caderneta escolar do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1962



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes.

Também sobre o controle dos alunos, foi dito que havia funcionários com a incumbência de fiscalizar o comportamento deles. A ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez contou que:

o Zé bedel, era aquele que controlava a nossa alegria, digamos assim, a nossa inquietude, ordenava, tocava o sino, depois foi uma sirene, anteriormente era um sino e a gente tinha que entrar na hora que tocava o sino porque o professor chegava minutos, segundos depois, mas tinha que estar todo mundo em sala de aula. Tinha uma pessoa que ficava à porta nos finais da tarde, que se chamava dona Pureza que ficava com um tabuleiro vendendo mariola, rosário de amendoim torrado e rolete de cana, eram pessoas que não eram formadoras profissionalmente, mas que desde aquele tempo tinha esse convívio e eu posso dizer que foram formadoras porque eram pessoas simples, como seu Nelson e dona Maura da cantina, mas que davam disciplina para a gente também, mostravam seu trabalho honesto e com toda dedicação (GARCEZ, 2019).

Segundo a ginásiana Rosa Maria Viana de Bragança Garcez sobre a caderneta escolar, recorda que:

era carimbada por seu Nelson, esposo de dona Maura que cuidava da cantina, a cada momento que você entrava na escola, tinha um carimbo lá, de compareceu ou presente. Acho que algo assim e havia algumas anotações na caderneta que eram informes aos pais, eu não me recordo se ali botavam algumas notas, mas tinha essa caderneta, alguns colegas nossos ainda guardam isso de lembrança (GARCEZ, 2019).

Outro ex-aluno, Paulo Roberto Dantas, ao recordar a época de estudante do G.A., citou que dona Maura e seu Nelson moravam numa casa que ficava no fundo da escola e que eles eram os zeladores, mas quando o G.A. foi incorporado à UFS tiveram que se mudar. Recordou também que o G.A. não era tão rigoroso no que diz respeito à disciplina quanto o Colégio do Salvador<sup>11</sup>, onde havia estudado anteriormente; o G.A. era mais liberal e flexível nos assuntos referentes ao comportamento dos alunos. O rigor tinha um cunho de orientação educacional. O ginásio Paulo Roberto Dantas citou, também, que havia dois irmãos que eram bedéis, João e José, os quais ficavam fiscalizando o comportamento dos alunos no fundo da sala de aula e nas dependências do colégio.

A questão disciplinar era cobrada com rigor. Em caso de alguma irregularidade a pessoa era repreendida. Conforme a ex-aluna Eliana Andrade Porto, caso o aluno não tivesse uma boa conduta “perdia ponto em alguma matéria, eles cobravam além da aprendizagem o comportamento, você tinha que se levantar quando o professor chegava à sala, ninguém podia estar conversando, tinha respeito” (PORTO, 2019).

Outra ex-aluna, Tânia Maria Sarmiento Melo, recordou que a disciplina era muito rigorosa:

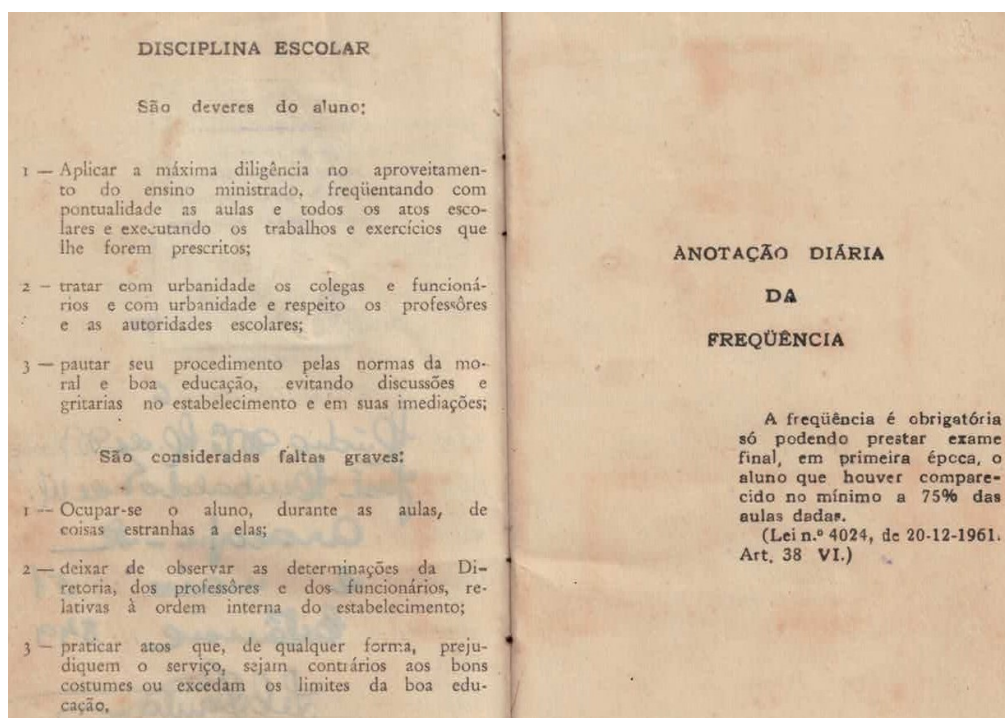
o uniforme tinha que ser todo mundo do mesmo jeito, a largura das pregas das saias tinha que ser tudo iguaizinhas, o comprimento, isso aí tudo lá era muito rigoroso, mas no sentido de padronizar [...] com relação ao aluno a disciplina era algo também assim muito rígido em termos de disciplina. (MELO, 2019).

O Art. 22 do regimento interno do G.A. expressava que era dever do aluno levantar-se em classe à entrada e à saída do professor, de diretor de autoridade do ensino ou de visitantes (CEMDAP, 1960c). Já no corpo das cadernetas escolares estava expresso como dever e faltas graves inerentes aos alunos:

---

<sup>11</sup> De acordo com o estudo realizado por Silva (2016), o Colégio do Salvador foi criado em 1935 em Aracaju/SE e atendia em grande parte a uma clientela de alunos oriundos de estratos sociais mais elevados da sociedade sergipana. Desde sua criação sempre esteve localizado próximo das residências das classes mais abastadas da capital sergipana, reconhecido tradicionalmente no meio social por utilizar métodos disciplinares duros e tradicionais para o ensino.

**Figura 13** – Deveres e as faltas graves do aluno do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1962



Fonte: Acervo audiovisual do Cemdap.

Deste modo, leva a refletir que as cadernetas escolares eram utilizadas como instrumento de controle e faziam parte da cultura escolar da época, servindo como um meio de fiscalização do aluno e incorporada no cotidiano nas escolas como forma disciplinar e de interlocução com as famílias para não incorrer em transgressões por parte dos alunos. A entrevistada Tânia Maria Sarmiento Melo contou que o boletim também tinha o cunho de controle, pois se não apresentasse boas notas os pais repreendiam: “o meu geralmente era excelente, mas quando tinha comportamento bom meu pai não gostava e dizia, tá bom já foi excelente” (MELO, 2019).

Conforme o regimento interno do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe publicado no jornal *A Cruzada* em 27 de maio de 1961, no capítulo XI, art. 28, sobre as cadernetas escolares informa que foram adotadas pelo colégio:

art. 28- Com a finalidade de proporcionar aos pais e responsáveis do aluno o conhecimento diário de suas atividades, o estabelecimento, adotará uma caderneta escolar, destinada:

- a) anotação diária da presença do aluno;
- b) ao registro, das notas mensais de exercícios;
- c) à notificação das infrações disciplinares e de faltas de cumprimento das obrigações escolares;

- d) ao lançamento do resultado das provas parciais e finais (Jornal *A Cruzada*, 27/05/1961).

A ex-aluna Tânia Maria Sarmento Melo evidenciou que os pais utilizavam o boletim como parâmetro. As idas ao cinema nos finais de semana dependiam do grau do desempenho escolar e esta conduta de cunho disciplinar consistia num meio de reprimir uma atitude inapropriada.

Sobre os professores foi destacado, a partir da memória dos estudantes egressos do G.A., que estes prezavam pela aprendizagem, eram bem qualificados e exerciam a profissão docente com muita seriedade e competência. E, embora fosse uma escola exigente, havia harmonia entre os alunos e funcionários. O respeito prevalecia.

Ao tratar sobre os professores e as práticas escolares desenvolvidas no G.A. foi mencionado sobre a postura pedagógica inovadora dos docentes ao ministrarem as aulas, conforme recordou a ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes:

a queridíssima Carmelita Pinto Fontes que eu tive assim uma sorte imensa de tê-la como professora porque ela foi, ela foi não ela está viva, ela foi uma mulher revolucionária e ela criou na época a Academia Sergipana de Letras dos Jovens Escritores e eu fui chamada para fazer parte. Era assim, isso é uma lembrança que eu me acho uma pessoa de muita sorte em ter podido participar de um movimento desses semanalmente, cada dia na casa de um e como dona Carmelita morava perto da minha casa, morava todo mundo assim um pouco perto porque Aracaju era bem menor né, e a gente a cada dia da semana, quer dizer a cada semana durante um dia que eu não me lembro mais qual foi que a gente... Acho que eram às terças-feiras, a gente tinha uma reunião da Academia Sergipana dos Jovens Escritores e a gente tinha que levar uma produção e aí quer dizer é uma coisa riquíssima você ter esse privilégio. Aliás eu me acho uma pessoa de muita sorte. O professor de matemática era um dos famosos professores de matemática do nosso estado (MENEZES, 2018).

A ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez citou o seguinte:

Magno Brasil era o professor de matemática muito rígido, ninguém dava um piu na aula dele, parecia que ele tinha um olhar de 360°, ele controlava a sala de aula dessa forma, era muito rígido, alto, magro, mas dava aula lá no Colégio Tobias, no Colégio de Aplicação e matemática com Leão Magno Brasil hoje se diz: é um horror, mas ele ensinava de forma que a gente aprendia. A professora Carmelita Pinto Fontes, era da área de conhecimento de português e uma coisa interessante que tinha, é que ela era contista, ela escrevia e ela usava na dinâmica das aulas, escritos que eram dela e a gente só veio saber acho que quase no científico que era ela, ela usava um

pseudônimo<sup>12</sup>. Tivemos também a professora Conceição Ouro, a professora Selma Duarte que depois se tornou empresária na área de eventos, mas foi nossa professora de inglês. Tivemos a professora Lourdes Amaral que depois se tornou professora universitária, ocupou vários cargos, inclusive pró-reitora de graduação, e professor Antônio Freitas que já foi no científico que era professor de matemática, também muito rígido. Ahh! Tinha outra professora também que era elegantíssima, era professora Adelci Figueiredo de geografia, pra mim ela deu geografia, como professora Lourdinha de história, eu me lembro dela que a professora Lourdinha do Amaral dando história, mas alguns tiveram geografia com ela que tinha os olhos azuis, professora Aldeci belíssima e eram pessoas que assim cada um no seu estilo. Eles se preparavam desde o vestir até o conteúdo pra dar aula. Eles não chegavam cansados, geralmente muito dispostos e sempre alegres cada um na sua rigidez, mas não deixavam de transparecer que estavam alegres em estar ali e talvez por isso, por esse compromisso como todo colégio tem alunos que não passam de ano, mas eu posso dizer que era um colégio que esse processo da aprendizagem era primordial. (GARCEZ, 2018).

No decorrer das entrevistas foram citados pelos entrevistados os nomes dos professores que marcaram a trajetória escolar dos ex-alunos, tais como: Manoel Messias de Vasconcelos, considerado um professor de personalidade marcante, que ministrava a disciplina de Desenho Geométrico com grande imposição na sala de aula; muito exigente no ensinar o desenho que hoje não se vê mais como disciplina nas escolas. A professora de Francês, Jussara, a de Geografia, dona Carminha, e a de História dona Lourdinha, bem como o professor de Física, Carlos Carvalho, o professor de Química, Chico, o professor de Biologia, José Geraldo, dentre outros. Segundo os ex-alunos, todos os professores eram muito bons e bem preparados.

Ainda sobre os professores, a ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa destacou que:

a professora Carmelita Pinto Fontes trabalhava muito bem a parte de caligrafia e eu gostava muito de literatura, tinha muita redação, não gritava, mas todo mundo acho que prestava atenção [...] a gente fazia concursos literários, ela organizava concursos de fora também, tinham os concursos nacionais, a gente fazia também tinha uns da Unesco promovido por algumas editoras, eu tenho certificados, mas eu não sei por onde andam. Ela fundou a Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores, então aqueles alunos que tinham mais tendência para escrita ou para outra coisa por exemplo, tinha dois meninos que trabalham com filmes, Super 8, parece que é o Super 8, Caio e Vinícius Dantas. Caio é professor da Universidade Federal de Sergipe também de sociologia alguma coisa assim e Vinícius depois foi embora ficou lá pelo Sul, tinha também Augusto César, Eduardo Sérgio, uma turma muito boa. Ela fazia a reunião na casa dos pais e cada reunião ia mudando, eventualmente alguém chamava para fazer um recital. Isso foi muito bom para todo mundo que participou e a maioria do G. A. e depois foi crescendo né [...] o professor

---

<sup>12</sup> A professora Carmelita Pinto Fontes usava um pseudônimo de Gratia Montal ao escrever seus textos, os quais muitos foram publicados no jornal *A Cruzada* que circulou no estado de Sergipe nos períodos entre 1918 a 1926 e 1935 a 1969.

de português João Costa, também foi meu professor, inclusive quase que eu perco o vestibular por causa da prova de português porque para o vestibular eram indicadas dez obras de literatura brasileira e eu acho que algumas da portuguesa também, o que acontece o livro *Vidas Secas* eu não consegui e quem tinha não ia emprestar, pois era um livro raro, procurei na livraria e não tinha, a prova de português era quase toda de interpretação e foi em cima de *Vidas Secas*. O que me salvou foi a outra parte que eu tinha domínio, fechei a prova. Eu disse meu Deus eu não consegui esse livro para ler e ninguém abria a boca para dizer eu empresto e eu ficava com vergonha de pedir, mas um dia eu leio, não apareceu ninguém que emprestasse [...] João Costa também foi meu colega na universidade, sempre nos demos muito bem, ele tinha uma bagagem enorme, inclusive com teatro, era uma figura, desde que fundada a sociedade de cultura artística de Sergipe foi um grande entusiasta das artes, ele foi um dos fundadores com doutor Zé Carlos Teixeira, eles criaram a sociedade de cultura artística do teatro de fora e teatro local e outras atividades do colégio Atheneu, então ele era um profundo conhecedor de teatro e ator [...] às vezes soltava uma piadinha, era descontraído e também quando ele queria tinha esse domínio de ser sarcástico, quando queria ser era mortal [...] (LISBÔA, 2019).

Então, conforme foi demonstrado nas entrevistas, os professores permanecem nas lembranças dos estudantes egressos como os grandes responsáveis pelas suas formações escolares, que o rigor e o nível de exigência que o G.A. mantinha contribuíram para que o aprendizado fosse eficiente, conforme se atestava com os bons resultados obtidos pelos alunos do G.A., mas que também, como em toda escola, existiam os alunos que tinham dificuldades e reprovavam. Conforme o ex-aluno Rubens Ribeiro Cardoso Filho, fazia parte do corpo docente a professora Edna, de Educação Física, de quem ele se recorda mais. Segundo ele, “a formação que nós recebemos lá no G.A. e depois Colégio de Aplicação teve uma base muito forte e não só na parte de conteúdos, mas principalmente na parte moral, ética e disciplinar”.

Rubens Ribeiro Cardoso Filho pontuou, também, que quando o G.A. foi incorporado à Universidade Federal de Sergipe veio para Sergipe um quadro de professores de educação física do Rio de Janeiro, os quais revolucionaram o esporte no Estado. Esses docentes desenvolveram a modalidade do handebol, juntamente com o professor Homero, e fizeram convênio com a Associação Atlética Desportiva (CARDOSO FILHO, 2018).

O ex-aluno Josenildo Fontes Santos – como gostava muito de esporte, lembra que jogava futebol de salão na época de estudante – recordou que no início o G.A. não tinha quadra de esporte e que se deslocava para fazer a educação física na rua Propriá (SANTOS, 2019).

O ex-aluno Paulo Roberto Dantas Brandão assim lembrou:

a professora Conceição Ouro era professora de literatura, uma belíssima professora, além da professora mais elegante que havia no colégio. O padre Arnóbio, que depois se tornou meu amigo, nós tínhamos aula de religião. Eu



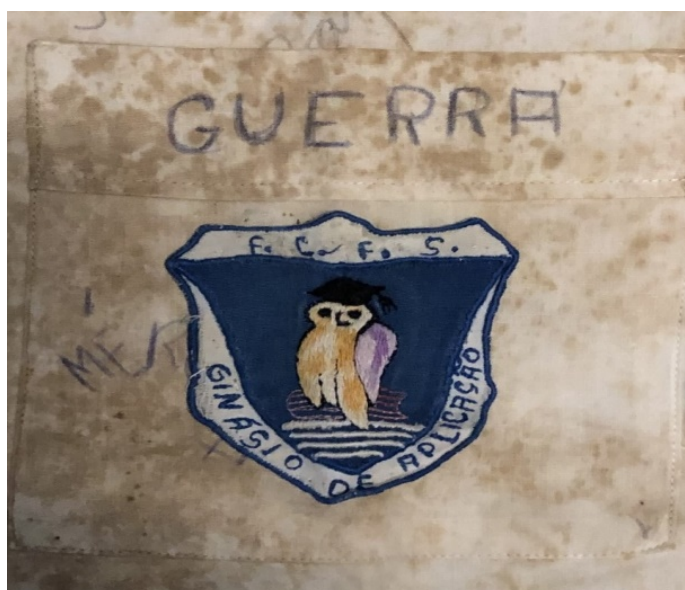
era meio rebelde, não gostava muito dessa aula não e fazia de tudo para gazeir as aulas de religião. O professor Padilha que foi padre, Padilha, até hoje é meu amigo. Fazemos parte de um grupo de estudo. Araújo foi professor de português também (BRANDÃO, 2018).

Contudo, ao rememorem o ambiente escolar, os ex-alunos resgataram lembranças que revelaram as práticas, os modos e os sujeitos que vivenciaram momentos da história do G.A. que imprimiu a identidade construída ao longo dos tempos. Com base em Meihy e Holanda (2015), os aspectos suscitados pela memória dos estudantes egressos do G.A. se constituem em fontes de conhecimento. Conforme estes autores, “a memória coletiva e a identidade social se fundem para dimensionar o social, e mais do que objetos isolados de estudos elas se constituem no fundamento da história oral” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 131).

### 3.2 LEMBRANÇAS QUE O TEMPO NÃO APAGA

Identificando os aspectos sobre a cultura escolar, vivenciados ao longo do processo de consolidação dessa instituição de ensino, a ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez informou que, no período de 1966 a 1972, o fardamento das meninas era constituído de uma saia pinçada azul com uma blusa branca, com um emblema no bolso da camisa. Para os meninos, o uniforme escolar era formado pela blusa e uma calça caqui, mas que depois se passou a adotar ao fardamento a calça jeans (GARCEZ, 2018).

**Figura 14** – Emblema estampado no bolso da farda do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1960



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Eliana Andrade Porto.



Já a ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes descreveu o modelo do uniforme:

tem um lance interessante e horroroso... para as meninas a cor da saia era belíssima, com pregas, um verde ou azul petróleo. A cor está aqui na minha retina, a blusa de manga, com um bolsinho aqui onde a gente colocava o escudo, o sapato [...] aí vem o horror, no ginásio era um sapatinho com uma correia e meia curta, sempre se usou assim e a camisa branca [...] Os meninos tinham um uniforme horroroso com um casaco horroroso, o tempo acho que era muito mais frio né, porque ninguém ficava se derretendo. Eles tiravam e ficavam com uma camisa branca, mas a maior parte do tempo tinha que ficar com esse casaco abotoado, a calça e o casaco parecendo assim como se fosse uma coisa meio militar, um uniforme da polícia. Agora no ginásio aí esse sapato com essa minha horrorosa transformou-se numa coisa mais horrorosa ainda, era um sapato Vulcabras, só quem é do tempo sabe o que é aquele sapato Vulcabras (MENEZES, 2018).

Entre as narrativas, a ex-aluna Tânia Maria Sarmiento Melo lembrou sobre a pontualidade exigida naquele tempo “no horário de entrada não podia se chegar atrasada. Eu lembro também que não podia namorar de farda, Dona Rosália disse certa vez que tinha me visto, não fui eu dona Rosália, foi você, o seu caminhado eu conheço de longe” (MELO, 2019).

Quanto à expressão “naquele tempo” destacada pela ex-ginasiana Tânia Maria Sarmiento Melo, Bosi (1994) esclarece que o tempo diz respeito, na verdade, ao tempo em que se pertenceu, isto é, passado e presente. Segundo essa autora, “o tempo social absorve o tempo individual”:

[...] O ciclo dia e noite é vivido por todos os grupos humanos mas tem, para cada um, sentido diferente. A noite pode ser um florescimento do social, uma intensificação do amor e da amizade. A noite pode ser um lapso de abandono e de medo para a criança, para o solitário que vê as ruas se esvaziarem, para o doente ou o asilado. A noite tem durações diferentes para o trabalhador braçal, para a dona de casa, para o escolar [...] Curiosa é a expressão *meu tempo* usada pelos que recordam. Qual é *meu tempo*, se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém, pois ela me pertence tanto quanto a outros, meus coetâneos? [...] fica a ideia de uma apreensão do tempo dependente da ação passada e da presente, diversa em cada pessoa. Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória [...] (BOSI, 1994, p. 417-422).

A ex-aluna Tânia Maria Sarmiento Melo também se lembrou das recomendações que sua mãe, Maria Amélia Pires Sarmiento, dava com relação aos estudos. Mesmo sua mãe não tendo tido acesso ao nível superior, ela tinha muita atenção com os estudos. Segundo essa ginasiana, para a época, sua mãe tinha muita visão. Embora sua mãe não tivesse se formado,

sempre orientava os filhos a estudarem porque casamento não era meio de vida. Exigia demais dos filhos para que não deixassem os estudos esquecidos, ainda lembra da figura materna sentada em casa toda tarde, tomando a lição dos filhos, dando todo o acompanhamento necessário para que obtivessem êxito na carreira escolar (MELO, 2019).

A relação entre alunos, direção e corpo docente era cordial; consistia numa boa convivência com o objetivo de despertar o interesse pelos estudos. De acordo com a pesquisa realizada por Nunes, “o objetivo de todos era fazer daquele um ginásio modelo, que apresentasse bons resultados no rendimento dos alunos, provendo-os de um capital cultural suficiente para se desenvolverem nas diferentes etapas de suas vidas” (NUNES, 2012, p. 113).

No dia 05 de março de 1960, a ex-diretora Rosália Bispo dos Santos realizou uma reunião de professores, registrando em ata que a meta do Ginásio de Aplicação era oferecer bons esclarecimentos nas aulas. A preocupação desta gestora era que o ensino fosse realmente de qualidade. Ressaltou que era de primordial importância a aproximação entre professores, alunos e pais de alunos para que houvesse maior aproveitamento entre os estudantes e um melhor padrão para o estabelecimento de ensino (CEMDAP, 1960a).

**Figura 15** – Primeira diretora do G.A., Rosália Bispo dos Santos (1959-1965)



**Fonte:** Acervo fotográfico do Cemdap.

Na fala da ex-aluna Lídia Maria Lisboa de Menezes sobre a primeira diretora do G.A., Rosália Bispo dos Santos, foi dito que:

dona Rosália era uma pessoa superinteressante, muito rígida, pois o cargo exigia, mas também não comia o fígado das criancinhas não. Mas eu não posso esquecer que dona Rosália ficava passeando nos corredores, vigiando pelas janelas das salas de aula, mas ela também era alta, quando chegava, ficava olhando as salas através das janelas, quando a gente olhava via a cabecinha de dona Rosália ali fiscalizando para ver como a turma estava se comportando (MENEZES, 2018).

Após a gestão de Rosália Bispo dos Santos quem assumiu a direção foi a professora Lindalva Cardoso Dantas, no período de 1965 a 1968, e no período de 1968 a 1969, o professor Juan José Rivas Pásqua.

Nas palavras da ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez, ao ingressar no G.A. no ano de 1966 quem esteve na direção foi Dona Lindalva:

a professora Lindalva, Lindalva [...] Agora eu esqueci o sobrenome, professora Lindalva, então, uma pessoa muito elegante, muito compenetrada, impunha muita disciplina, mas com liberdade. Então, o colégio de aplicação tinha essa característica, isso no ano de 1966, tinha o acolhimento, né? Tinha disciplina, tinha regramento, mas tinha uma coisa que seria cultivar amizades, os professores eram professores extremamente respeitados, com muita

competência ministravam as aulas, mas existia isso, o respeito dos colegas entre si, o respeito entre professores e amizade (GARCEZ, 2018).

Figura 16 – Ex-diretora do G.A., Lindalva Cardoso Dantas



Fonte: Nunes (2012).

Figura 17 – Ex-diretor do G.A., Juan José Rivas Pásqua



Fonte: Acervo fotográfico do Cemdap (2018).

De acordo com o regimento interno do G.A. de 1960, competia à direção gerir todas as atividades escolares, junto aos professores, alunos, orientação educacional e à comunidade, fazendo cumprir as leis de ensino, bem como representar oficialmente o estabelecimento perante as autoridades federais, estaduais e municipais e em caso de ausência do diretor, assumiria a direção o vice-diretor, cabendo-lhe administrar os trabalhos escolares e os demais atos para os quais fosse convocado, na forma da lei (Jornal *A Cruzada* em 27/05/1961).

Conforme rememorado nas entrevistas e no levantamento teórico sobre a história G.A., a equipe pedagógica deste estabelecimento de ensino foi composta por meio de um criterioso planejamento do seu fundador, José Luciano Cabral Duarte, dentre os profissionais da cidade de Aracaju/SE mais bem capacitados e que exerciam a função do magistério com muita competência e responsabilidade.

Ao questionar a ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa sobre a atuação do fundador e funcionários no colégio na sua época de estudante, recordou que:

dom Luciano quem articulou a criação da Faculdade de Filosofia, como o próprio G.A. e a Universidade Federal de Sergipe. Sergipe teve essa benção porque alavancou a educação no estado, eu sempre digo que tive a graça de ter nascido nesse período [...] foi fruto mesmo do trabalho nas mãos de pessoas competentes [...] eu me lembro de seu Nelson, era um tipo de bedel que chamava na época, inclusive o pessoal do científico que às vezes tínhamos aulas em comum quando era parte de física e química, aí eu me lembro que às vezes os meninos pegavam a vassoura de seu Nelson e derrubava a vassoura lá do primeiro andar do científico, cadê a vassoura, ele ficava furioso coitado procurando a vassoura e fora isso tinha dona Valdice a secretária muito séria e responsável (LISBÔA, 2019).

Portanto, pudemos verificar que a escolha das pessoas que iriam compor o quadro de funcionários do G.A. foi fruto das práticas operadas pelo seu fundador, José Luciano Cabral Duarte, o qual almejava na perspectiva dos entrevistados o desenvolvimento da educação em Sergipe.

#### 4 ESPAÇOS DA MEMÓRIA

Na perspectiva de compreender as percepções dos estudantes egressos, foram priorizados fundamentalmente, nesta seção, os discursos e representações historicamente produzidos em torno do G.A. O foco principal é trazer à tona lugares da memória que primordialmente foram evidenciados nas entrevistas, com a perspectiva de identificar como se dava a convivência além do espaço da sala de aula, ou seja, para conhecer a realidade social por meio das memórias coletivas, ora silenciadas pela historiografia oficial, mas priorizadas nesta investigação.

Le Goff (1990) foi representativo ao afirmar que “a memória [...] procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471), o que significa que o estudo da memória é primordial para a construção do conhecimento.

Sendo assim, no sentido de reconstrução do passado, almejando um conhecimento mais aprofundado acerca dos diversos acontecimentos que dizem respeito às práticas educativas e culturais do G.A., pautando-se na visão de Pollak (1989) “de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais”, a respeito dos saberes acumulados pelos ex-alunos. Deste modo, ao dar voz aos ex-alunos, privilegiando “a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989, p. 4).

Conforme Bosi (1994), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” [...] (BOSI, 1994, p. 54). Portanto, de acordo com a autora, a memória do indivíduo tem uma estreita relação com o meio social, sendo assim, os espaços da memória evocados pelos ex-alunos permitiram conhecer as interações cotidianas nas dependências do G.A., tais como: o convívio com os colegas, sobre o pátio do colégio, os professores, funcionários, a hora do recreio, enfim, os aspectos sobre o espaço escolar, as aulas de educação física, evidenciando as modalidades de esportes existentes na época e como estes se consolidaram no estado de Sergipe; as excursões a Recife, como uma proposta pedagógica extraclasse e de socialização entre os alunos; as festinhas particulares, em que os jovens se reuniam de maneira informal.

Desta forma, esta seção pretende mostrar por meio dos múltiplos olhares, as representações dos ex-alunos do G.A. a respeito dos anos em que estudaram numa instituição

educacional que teve como preceitos valores morais, religiosos e disciplinares que contribuíram para suas formações não só no sentido da ética e disciplina, mas para que tivessem uma carreira profissional exitosa. Julia (2001) afirma que “[...] a cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular” (JULIA, 2001, p. 10).

Sobre as práticas educativas desenvolvidas no G.A., o ex-aluno Jethro Duarte Moreira, sobrinho do fundador do G.A., rememorou que:

a metodologia do G.A era diferente do ensino primário, tinham professores específicos por matéria, o que dava uma base muito boa. Os professores geralmente eram da Faculdade de Filosofia, quando Dom Luciano criou o G.A. teve um cuidado muito especial, tanto que os diretores e professores foram escolhidos dentre os profissionais mais capacitados do estado e muitos até se tornaram amigos de Dom Luciano (MOREIRA, 2019).

Nesta perspectiva, os espaços evocados pelos ex-alunos possibilitaram analisar o funcionamento e as práticas educativas no colégio, bem como visitar o espaço escolar, enfim, parte da memória de uma época. Segundo Bencostta (2005, p. 15), “a localização e a disposição física dos espaços destinados a uma finalidade ou função determinada no seio de qualquer instituição refletem tanto sua importância como a concepção que se tem sobre a natureza, o papel e as tarefas destinadas a tal função”.

Portanto, a tarefa de rememorar o passado permite ampliar o conhecimento de forma mais aprofundada, isto é, ir além, não se restringindo apenas ao estudo de fatos isolados, mas de um contexto como um todo, de forma mais reflexiva e permeada de percepções individuais e coletivas. De acordo com Pollak (1989, p. 9), “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”.

#### 4.1 O JARDIM EM FORMA DE "U": O ESPAÇO ESCOLAR

O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no marco temporal deste estudo esteve vinculado à Faculdade de Filosofia, onde as atividades do colégio funcionavam no turno vespertino e a faculdade pela manhã e à noite. Desta maneira, o contexto em torno do G.A., isto é, o espaço escolar será analisado na perspectiva de se aprofundar sobre a realidade, pois rememorar o G.A. nos leva a refletir acerca da convivência dos agentes

fundadores deste colégio com a Faculdade de Filosofia, tendo como abordagem os pressupostos da história cultural no sentido de abarcar as vozes silenciadas, o que só é possível por meio da história oral. Percebe-se em Pollak (1989), que a abordagem da história oral privilegia a análise das memórias subterrâneas, englobando todo o contexto cultural, para o referido autor “estudar as memórias coletivas fortemente constituídas [...] dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]” (POLLAK, 1989, p. 9), logo, a história oral dá conta de conhecer os fatos de maneira que de outro modo não conheceríamos. Embora Alberti (2004) tenha apontado que a história oral não é a única forma de elaboração do real, mostra que “o passado só ‘retorna’ através de trabalhos de síntese da memória [...] como nenhuma interpretação é completa, haverá sempre espaço para novas possibilidades, que, novamente, não darão conta da totalidade” (ALBERTI, 2004, p. 17).

Diante destas reflexões teóricas sobre a importância de evocar o passado, serão privilegiadas nesta seção as memórias dos ex-alunos “no sentido de se investigar a memória lá onde ela não é apenas significado mas também acontecimento, ação” (ALBERTI, 2004, p. 36).

Dentre as vivências nas instalações físicas do G.A., o ex-aluno Jethro Duarte Moreira destacou que:

adorava estudar no G.A., o espaço, a liberdade porque eu tinha vindo de um colégio muito rígido e lá no G.A. tinha uma área imensa, hoje está lá o Ipes [...] era um espaço grande que funcionava perfeitamente, tinha espaço para professores, banheiros, funcionários, era um prédio muito bem estruturado, com uma área muito boa, que na verdade era um prédio feito para a faculdade, mas que funcionava o G.A. nas horas que não funcionava a faculdade [...] quando eu estava para sair houve uma mudança, uma construção de uns prédios na lateral, uma expansão com a arquitetura diferente da outra, se você for lá verá que a arquitetura do prédio anexo é diferente da original; mudou o estilo arquitetônico. A arquitetura antiga era um prédio em forma de U, 2 andares de lado e 3 andares na frontal e os prédios que foram feitos anexos não tinham nada a ver com a anterior; não preservaram o estilo, descaracterizando o espaço, fizeram uma parede de tijolinhos aparentes que não tinha nada a ver com o prédio original (MOREIRA, 2019).



**Figura 18** – Prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe



**Fonte:** Acervo fotográfico do Cemdap (1970).

Bosi (1994) destacou que “as histórias que ouvimos referem-se, do início ao fim, a velhos lugares, inseparáveis dos eventos neles ocorridos”, logo, a figura 18 retrata a memória institucional do G.A., mostrando a fachada do colégio, conforme foi lembrado pelo ginásio Jethro Duarte Moreira.

Ao analisar o espaço escolar do G.A. busca-se conhecer o universo vivenciado pelos ex-alunos, no qual ao longo da história desta instituição imprimiu-lhes uma identidade particular perante a sociedade sergipana no percurso de sua ação educativa. Ao questionar os ex-alunos sobre as lembranças que permanecem guardadas em suas memórias, foi mencionado o jardim do colégio como um lugar muito cativo, pois haviam vivenciado bons momentos de suas vidas. Por meio das memórias coletivas do grupo de ex-alunos entrevistados do G.A., os quais testemunharam e vivenciaram o cotidiano da instituição no período de sua fundação, a respeito do espaço escolar foi relatado que:

o G.A funcionava na rua de Campos onde hoje está locado o Instituto de Promoção e de Assistência à Saúde de Servidores do Estado de Sergipe (Ipesaúde). Era uma escola já no padrão moderno, numa arquitetura já geométrica, vamos dizer assim, em padrões geométricos, tinha uma coisa fundamental, ele era em forma de "U" onde no centro desse "U" tinha um belo jardim, com muitas árvores, bancos, ali era onde a gente se confraternizava, além de ter um local, no momento dos nossos intervalos de sala de aula, que a gente chamava ainda de recreio, nós fazíamos a convivência na cantina de dona Maura e seu Nelson, um local que a gente fazia nossos lanches, mas também a gente brincava, a gente ria, a gente se reunia nos bancos

normalmente em turmas. Cada turma tinha o seu local de preferência e também tinha as paqueras, os primeiros flertes, namoro, foi nesse ambiente que a gente viveu [...] Me veio à lembrança a sala do auditório, tinha uma imagem, um quadro belíssimo de uma cruz, tinha uma posição que você via ela de baixo pra cima, me parece que esse quadro está hoje no centro de ciências humanas, eu não tenho certeza, mas era um auditório que tinha algumas cadeiras, quando queriam fazer alguma reunião importante, os alunos eram chamados para lá (GARCEZ, 2018).

Eu me lembro que tinha um pátio, a construção era em forma de U, no fundo tinha a casa do pessoal que tomava conta dali, seu Nelson e dona... não lembro o nome dela, da lanchonete... pessoa boníssima, mãe de Luiz Mário e havia uma quadra de futebol de salão que eu me lembro no fundo, mas não me lembro de voleibol, basquetebol apesar de ter sido um grande atleta de basquete aqui no estado, eu fui até para a seleção sergipana de basquetebol [...] seu Nelson era espécie de bedel, fazia a limpeza, a gente sabia quando ele estava chegando por causa do cheirinho do cigarro [...] (GUERRA FILHO, 2019).

Julia (2001) destacou a importância de se compreender a cultura desenvolvida no pátio da escola, pois ao adentrar no seu interior é possível perceber como é estruturada a organização do espaço e os modos de pensar e agir que são difundidos naquele local. Observando as narrativas acima dos ex-alunos Rosa Maria Viana de Bragança Garcez e João Conrado Guerra Filho, é possível identificar que o pátio do G.A. serviu de palco para as experiências vividas por seus agentes pioneiros, pois na hora do recreio os alunos se reuniam pelo jardim do colégio, cujo modelo arquitetônico em formato de “U” permanece na memória da ex-aluna. Essas e outras impressões podem ser reconstruídas por meio da evocação das memórias daqueles que testemunharam o cotidiano da instituição. E em meio às narrativas dos ex-alunos, foi rememorado também sobre o local onde o prédio do G.A. estava instalado:

o prédio ainda existe, tá lá até hoje, funciona o Ipsaúde, [...] à época o prédio não era completo como é hoje, depois foram construídos alguns blocos, à época havia o prédio principal na forma de um C e no meio um jardim e ao fundo havia uma quadra de esportes, prédio próprio para escola e para a faculdade era o prédio da Faculdade de Filosofia. O Colégio de Aplicação funcionava no período da tarde porque no período da manhã funcionavam os cursos da Faculdade de Filosofia e à noite, no turno da tarde nós ocupávamos praticamente todos os espaços do prédio [...] depois foi construído um prédio à frente, que era o bloco da biblioteca e depois alguns blocos de sala de aula já adaptado nos prédios, de tijolo aparente um tipo de construção mais barata menos funcional..., mas era um prédio muito interessante no centro da cidade, perto de tudo na época em que eu adolescente podia ir da minha casa para a escola à pé e voltar à pé [...] uma biblioteca razoável nada excepcional, o material didático havia, mas era tudo bem mais simples do que é hoje, havia um laboratóriozinho e os livros em geral que eram passados, mas não sentíamos na época falta disso, havia algumas aulas práticas aqui ali [...]. (BRANDÃO, 2018).

O G.A. funcionou onde era a Faculdade Católica de Filosofia, não havia aquela parte da frente toda, estava completando, o restante era um descampado. Então a gente entrava pelo lado e lá no fundo havia a quadra de esporte e um local para guardar bicicletas, que aí eu estou falando das bicicletas porque eu andei muito de bicicleta, apesar de ser naquela época menina, era por necessidade porque eu precisava fazer exercício numa perna, o aconselhável era que eu fizesse bicicleta ou andasse de bicicleta, então eu já ia apesar do trecho ser perto com minha Monark cor de vinho, não tinha quadro porque era feminina. Então, tinha esse detalhe que a gente entrava e lá atrás tinha esse terreiro para colocar as bicicletas, vizinho à casa do seu Nelson que era o cuidador, digamos assim, o vigia da faculdade, o famoso seu Nelson, e ele tinha uma esposa e moravam lá (LISBÔA, 2019).

Conforme as impressões dos ginásianos sobre a localização do prédio do G.A. pode-se inferir que, apesar do tempo transcorrido, permanecem em suas lembranças aspectos sobre a cultura material. Os ex-alunos destacaram as configurações espaciais do prédio ao pontuarem as reformas estruturais, as paredes construídas de tijolinhos aparentes, a posição da quadra nos fundos do colégio, bem como outros detalhes sobre o espaço onde estavam inseridos. Logo, os aspectos evocados por meio das memórias coletivas dos ex-alunos trazem informações sobre a importância da conservação do patrimônio escolar. Na narrativa acima, do ex-aluno Paulo Roberto Dantas Brandão, ficou evidente a descaracterização da arquitetura original do prédio com a ampliação que foi realizada do prédio anexo, pois não preservou suas características tradicionais.

Em suma, mesmo que “a memória grupal sofra os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um” (BOSI, 1994 p. 420). Por meio das narrativas dos ex-alunos se pôde compreender o contexto social em torno do G.A., bem como tais acontecimentos foram representados nas lembranças afetivas dos ex-alunos. Ao falarem sobre as interações ocorridas no espaço escolar, foi possível conhecer detalhes sobre a história da instituição que poderiam estar nos documentos oficiais, mas não de maneira tão íntima e aprofundada como foram tratados por meio da história oral. Com isso, justificando a importância para o pesquisador de se debruçar nas diversas possibilidades de fontes para que se possa alcançar um maior entendimento da realidade em que se vive.

## 4.2 PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO DO G.A. (1960-1968)

Faz-se necessário, no estudo sobre a memória institucional da época da fundação do G.A., investigar as experiências vividas pelos agentes pioneiros deste processo, com o intuito de manter viva a história de uma instituição que no passado foi responsável pela formação escolar de jovens da sociedade sergipana provenientes de escolas renomadas que desenvolviam um trabalho pedagógico de qualidade. Deste modo, a ex-aluna Tânia Maria Sarmiento Melo destacou a importância acerca das práticas educativas vivenciadas naquele cenário educacional:

eu acho que o G.A. foi a base, me ensinou muita coisa além da parte instrutiva, disciplina e respeito. Eu acho que foi muito importante a parte religiosa também, a gente tinha que rezar antes das aulas todos os dias, na parte do civismo, a gente cantava o hino nacional acho que uma vez por semana (MELO, 2019).

Ao investigar as práticas e discursos que permearam o cotidiano do G.A. buscou-se reconstruir o passado a partir dos acontecimentos que marcaram a vida destes indivíduos, portanto, esta subseção priorizará demonstrar as atividades desenvolvidas no colégio, tais como as práticas esportivas, viagem, festa, semana da pátria e grêmio estudantil, por meio da memória coletiva dos ex-alunos, visando uma percepção mais ampla do presente, bem como de preservação da memória para que as gerações futuras possam refletir essas ações e aperfeiçoar suas práticas. Alberti (2004) corrobora neste sentido, ao dizer sobre a história oral:

é da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu - e, por isso dá vida a - as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos (ALBERTI, 2004, p. 14).

E com isso, os fatos trazidos pelos estudantes egressos do G.A. se constituíram em fontes de conhecimentos de um determinado período da história de uma instituição de ensino, a qual passou por transformações, mas que se consolidou no meio social e desempenha atividades em prol da melhoria da educação no estado de Sergipe, permanecendo viva até os dias atuais na memória de ex-alunos.

Entre as vivências relatadas, durante as atividades esportivas, viagem, festa, semana da pátria e no grêmio estudantil, pelos ex-alunos nas instalações do G.A., podemos constatar a maneira como tais recursos serviram de estratégia para fins pedagógicos e foram adotados pelo colégio com a finalidade de oferecer aos seus alunos um ensino de qualidade, tendo como princípios fundamentais da instituição de servir de campo de estágio para futuros licenciandos e de experimentação pedagógica.

Conforme as percepções dos ex-alunos, o G.A. teve uma contribuição significativa nas suas carreiras escolares e profissionais, atribuíram a sua boa formação escolar e o êxito da vida profissional ao trabalho desenvolvido pelos excelentes professores. A este respeito, a ex-aluna Rosa Maria Viana de Bragança Garcez contou que:

tivemos uma formação tão sólida, a gente tinha lá os melhores professores, tanto na área de Química como de Física com o professor Nonato, Biologia com o professor Geraldo Bezerra. Salvo minha memória a maioria passou com o ingresso no vestibular de primeira vez e com boas colocações, muitos foram para a UFS, eu mesmo galguei uma vaga em odontologia. Outra coisa que era um diferencial no colégio é que a gente tinha algumas atividades e uma disciplina que você não vê mais [...] era marcante o professor de desenho, a gente tinha desenho como disciplina, fazíamos desenho geométrico com o professor Manoel Messias de Vasconcelos, uma pessoa ímpar de uma personalidade marcante, de uma imposição na sala de aula e muito exigente no ensinar o desenho, que hoje a gente não vê mais como disciplina, e tínhamos aula de canto, e religiosas [...] (GARCEZ, 2019).

Ao questionar os ginásios sobre as práticas esportivas desenvolvidas no G.A, tendo em vista que se trata de uma atividade que faz parte da cultura escolar dos colégios de modo geral. Foi recordado que as atividades esportivas contribuíram para a socialização entre os alunos e auxiliavam o desenvolvimento do indivíduo através do esporte.

Foi dito pelos ex-alunos sobre as atividades esportivas e os momentos de interação social:

nunca foi o forte do colégio não, até porque como era um colégio pequeno a gente nunca podia competir com os colégios grandes como o Atheneu que ficava ao lado e tipo o Colégio Salesiano que sempre investiu mais nessa área de esporte, mas a gente tinha aula regular de Educação Física, onde se treinava, cantávamos nos jogos estudantis, “canja de preá, arranje outro time pra jogar com o G.A.” para rimar a gente inventou preá, me veio agora na lembrança, nunca vi canja de preá [...] Olhe eu nunca fui muito de esporte não e o que eu pratiquei, o que eu gostava era queimado, mas ele não fazia parte dos jogos, eu só jogava internamente ele não entrou na categoria (MENEZES, 2018).

Por mais que os jogos não fossem considerados o forte do colégio isso não anulava a dedicação dos alunos, pois como afirmam a ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende e o ex-aluno Paulo Roberto Dantas Brandão:

os jogos da primavera eram entre os colégios e muitos jogos foram lá na quadra do G.A. e a gente lutava feito umas loucas, os jogos da primavera é a lembrança mais forte que a gente tinha que aí existia uma interação muito grande na época, com os colégios Jackson de Figueiredo, Tobias Barreto, o Atheneu [...] acabava cada um se destacando, cada um querendo enaltecer mais seu nome da escola (REZENDE, 2019).

Era como hoje, esses jogos estudantis, o colégio fazia times e disputava, tinha a premiação com medalhas, disputa de tudo até de xadrez, eu sei porque eu fui atleta de xadrez e era do time de handebol, mas da reserva. Os jogos eram disputados entre os colégios, G.A., o Salesiano também era bom, o Atheneu e sempre nessas disputas nós tínhamos desvantagens porque nós éramos numericamente menores, era complicado (BRANDÃO, 2019).

Outro ex-aluno, João Conrado Guerra Filho, também revelou na sua narrativa o envolvimento de toda a equipe, se disponibilizando em ajudar o grupo, pois já tinha certa experiência em competições, portanto mesmo o G.A. não sendo um dos colégios favoritos dos jogos estudantis devido ao seu porte diante das outras escolas, havia cooperação entre os alunos, o que nos faz inferir que o sentimento latente entre os alunos no campeonato era de prazer e alegria por poder estarem participando e representando sua escola, conforme podemos ver no relato que segue:

na época do G.A. eu fui para a seleção juvenil, mas do estado, a gente treinava no clube do trabalhador, um time patrocinado pelo estado, já era juvenil já fazia parte da seleção de voleibol e basquetebol no estadual [...] eu tinha vindo do colégio militar com uma formação muito boa, então para mim foi mel na sopa porque eu já estava preparado, só que eu ainda estava começando a aprender e eu transferi para algumas pessoas o que eu sabia (GUERRA FILHO, 2019).

O sentimento de pertencimento também estava presente na memória dos estudantes egressos do G.A. A ex-aluna Jane Ribeiro Lisbôa lembrou acerca do jogo de queimado entre as escolas, que havia uma certa aluna, “uma loirinha” que representava o Colégio São José que era a mais temida entre os competidores, reconhecendo que cada equipe representava sua escola e carregava em si determinadas características perante as competições, uns com uma identidade mais agressiva e outros menos expressivas, imprimindo características culturais próprias para

cada escola. Sendo assim, os jogos estudantis proporcionavam, aos alunos, conhecer uma diversidade de realidades culturais e sociais.

Nos desfiles dos jogos da primavera não tinha uma banda igual, chega o coração disparava, as competições entre o Jackson Figueiredo, o Colégio Estadual e a Escola Normal, brigavam. Eram bem acirrados, era uma coisa emocionante, perfeito e até hoje eu me lembro da abertura da banda do Atheneu, vem na lembrança assim, uma coisa linda [...] mas independente disso porque o desfile já era digamos assim entre as escolas, a prática esportiva lá dentro do G.A., por exemplo, as meninas gostavam muito de jogar queimado na época e os meninos eram futebol, vôlei, tínhamos um competidor difícil que era o Colégio São José no queimado, as meninas de lá eram bem treinadas, tinha uma loirinha que era o furacão, todo mundo corria para não levar a bola dela (LISBÔA, 2019).

A partir dos relatos dos ex-alunos sobre os jogos da primavera é possível identificar que o sentimento que permanece presente em suas memórias revela as emoções vivenciadas no passado durante as competições escolares. Ao recordar a banda, a ginásiana Jane Ribeiro Lisbôa se manifestou com entusiasmo, lembrou-se de situações que só por meio da reconstrução do passado foi possível recordar, a exemplo do jogo de queimado e da aluna que se destacava nas partidas. Ao visitar os lugares da memória foi possível retratar os fatos vivenciados nos referidos jogos da primavera.

Uma outra atividade também que não era uma atividade esportiva, mas diferente e tinha o seu papel era a famosa banda de música, os colégios disputavam e se apresentavam para sociedade. O Colégio de Aplicação tinha uma das bandas digamos assim mais bem aparelhadas, isso rivalizava com a do colégio Arquidiocesano e com a do Atheneu. Eu me recordo que foi feito um convênio, um acordo com o 28 BC e comecei tocando clarinete, corneta [...] e veio alguém de lá para nos ensinar e depois eu passei para o tarol que também é chamada de bateria; foi muito interessante e nós tínhamos também algumas surpresas porque o colégio Arquidiocesano inventava um toque que naturalmente tinha por trás algum instrutor para fazer o diferencial (CARDOSO FILHO, 2018).

Ao evocar sobre as práticas esportivas praticadas pelos ex-alunos do G.A. nos primeiros oito anos de sua fundação foi relatado por um ex-aluno que a banda ficou marcada na memória, pois foi uma experiência marcante vivenciada nos jogos estudantis, “tínhamos uma banda, até toquei bumbo” (SANTOS, 2019). Meihy e Holanda (2015, p. 131) apontam que “a memória coletiva e a identidade social se fundem para dimensionar o social, e mais do que objetos isolados de estudos elas se constituem no fundamento da história oral”.

A participação dos alunos nos jogos representava momentos prazerosos de aprendizagem e socialização entre os discentes, pois o envolvimento de outras instituições, o desejo de vencer o campeonato acabava contagiando todos os competidores. Logo, os jogos consistiam numa prática escolar de cunho pedagógico que contribuiu, apesar das disputas entre as escolas, para unir jovens provenientes de diversas classes sociais num mesmo pódio. Nem sempre a escola representada por alunos com maior poder aquisitivo se saía melhor nas competições, valorizando as potencialidades dos alunos vindos de outros estratos sociais.

Buscando investigar outros tipos de práticas educativas e de socialização desenvolvidas pelo G.A. no período compreendido entre 1960 e 1968 foi questionado, durante as entrevistas, a respeito das atividades extraclasse, e foi dito que no final da 4ª série do ensino ginásial o colégio organizava uma viagem para Recife, a qual representou, para o grupo de ex-alunos que viveram aquelas experiências, momentos de muitas alegrias e divertimento. No tocante à viagem, foi dito pelos ex-alunos que:

eu me lembro que quando a gente se formou na oitava série teve um passeio para Recife, nós fomos de ônibus, foi o padre João de Deus que era na época nosso professor de religião que nos acompanhou e ficamos lá, foi muito bom passeio, nunca me esqueci, marcou (REZENDE, 2019).

Recordo que a nossa turma do quarto ano fez uma viagem para Recife e o professor que foi com o grupo, numa viagem de ônibus, tem colegas meus que tem fotos, a gente saindo, chegando em Recife com faixa no ônibus. Então, era uma viagem escolar, foi o professor Antônio Freitas que foi o responsável e Arlene que era a secretária do colégio que infelizmente não tá mais com a gente, mas era uma pessoa muito mansa, “vamos meninos, vejam que eu tô aqui para ordenar vocês, não me desobedeçam”, então a gente tinha um pouco de peraltice também, mas sem perder o respeito com aqueles que eram responsáveis pelo ordenamento [...] lembro das nossas saídas, além dessa viagem, a gente ia muito naquela época às festinhas de garagem que alguém fazia e a gente ia para os aniversários dos nossos colegas, festinhas de 15 anos [...] (GARCEZ, 2019).

Sobre a participação no grêmio estudantil apenas a ex-aluna Eliana Costa Lima Rezende informou a participação e, ao ser questionada sobre a atuação no movimento no âmbito social, a ginásiana pontuou que:

fui diretora do Grêmio e liderava, quando eu me candidatei Osvaldo Gilson também se candidatou e empatamos. Os votos empataram porque ele dizia aos meninos que eu ia tirar os jogos, aí os meninos votaram em peso nele e as meninas votaram em mim, mas algumas também nele, eu sei que empatou e dona Rosália desempatou porque eu era mais velha, alguns meses mais velha (REZENDE, 2019).



E ao questionar os ex-alunos sobre outros tipos de atividades extraclases que contribuíram para a formação escolar, foi lembrado que:

eu lembro que a gente fez campanha para Jânio e Lote, quer dizer a gente participou né, não fez campanha para Jânio e Lote, a gente participou assim... mais ativamente da eleição do período político deles porque, sei lá, era uma coisa muito de menino mesmo. Eles distribuíram uns brochinhas, bem pequenininhos. Antigamente a farda tinha uma gravata tanto as dos meninos quanto das meninas e era uma vassourinha, era uma coisinha linda o brochinho, de Jânio e uma espada a de Lote, aí a gente achava um máximo botar na gravata e aí dependendo do que ouvisse em casa ou nas redondezas “ai, eu sou de Lote, eu sou de Jânio!” cantava as músicas, mas sem nenhuma conotação maior (MENEZES, 2018).

Eu me recordo que na semana da pátria a gente cantava o hino nacional todos os dias antes de entrar na sala de aula, isso antecedia os desfiles como a gente era um colégio pequeno então sempre havia uma disputa nos ensaios da banda que era entre o Colégio de Aplicação e o Atheneu (GARCEZ, 2018).

Enfim, ao identificar as práticas escolares do G.A., se verifica que estas deixaram marcas significativas nas memórias dos ex-alunos, os saberes difundidos pela instituição aliados à metodologia de caráter experimental, conforme foi demonstrado por meio das atividades extraclasse, associaram os conhecimentos teóricos com a participação dos alunos, possibilitando um aprendizado mais eficiente. De acordo com Pollak (1989):

a fronteira entre o divisível e o indivisível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea [...] de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária [...]. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado (POLLAK, 1989, p. 8).

Os ginasianos atribuíram o seu crescimento profissional aos valores morais e aprendizado assimilado no G.A., o que corroborou para influenciar suas visões de mundo. O ginasiano Paulo Roberto Dantas Brandão, na entrevista concedida, conferiu ao G.A. que: “grande parte da minha carreira profissional, devo a formação que eu tive lá no GA, a gente preserva e quando encontro com a turma, a gente gosta de fazer parte dessa tradição” (BRANDÃO, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve como propósito inicial realizar um estudo de cunho historiográfico sobre as percepções de estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe ao longo de suas trajetórias escolares, no período compreendido entre 1960 e 1968. O G.A., como ficou popularmente conhecido entre os ginásianos, foi fundado em 1959 para atuar como referência no âmbito do ensino secundário em Sergipe e com base nos princípios que nortearam sua criação para servir como campo de estágio acadêmico e experimentação pedagógica, conforme fora idealizado por todo o Brasil e vinculado à Faculdade de Filosofia.

A importância deste estudo se deve à trajetória histórica consolidada pela instituição e ao sentimento de pertencimento eternizado nas lembranças dos ex-alunos até os dias atuais, em razão das experiências vivenciadas na instituição, assim como ao bom desempenho escolar obtido no decorrer de suas carreiras estudantis, favorecendo que grande parte de sua clientela alcançasse uma carreira profissional exitosa. Observou-se, a partir das memórias coletivas dos ex-alunos, que os ginásianos que conseguiam acompanhar os métodos de ensino do colégio não tiveram dificuldades para prosseguir seus estudos na instituição.

Os caminhos trilhados na pesquisa permitiram constatar que as vivências escolares foram primordiais para a construção da identidade em torno do G.A., visto que o sentimento de pertencimento permanece latente em suas recordações. As lembranças dos ex-alunos ampliaram as possibilidades de se fazer uma leitura sobre a realidade, pois ao conhecer a cultura escolar do colégio foi possível constatar o compromisso com o ensino, resultado do trabalho sério desenvolvido por profissionais bem qualificados no cenário educacional sergipano, e, deste modo, os resultados não poderiam ser diferentes.

Observou-se também que o ambiente onde o G.A. estava instalado também foi propício para consolidar uma imagem de confiança perante a sociedade, pois estava situado no mesmo prédio da Faculdade de Filosofia, considerada um campo do saber, possibilitando ao corpo docente exercer no dia a dia, com certa autonomia, atividades escolares numa perspectiva que favorecia maiores resultados para os alunos. Conforme foi lembrado pelos ex-alunos, a grande maioria dos egressos galgou profissionalmente posições de destaque e isso se deve à boa formação adquirida no G.A.

Ao reunir, por meio desta pesquisa, informações a respeito da história do Ginásio de Aplicação ao longo do período demarcado, por meio do olhar dos indivíduos que vivenciaram as mudanças ocorridas no processo de consolidação da instituição, foi possível também

preservar a memória institucional, ao levantar os aspectos da cultura escolar e cultura material sobre as práticas ali desenvolvidas.

Embora em Sergipe tenha sido difundida a ideia de renovação em torno dos Ginásios de Aplicação, as práticas educativas rememoradas pelos ginásianos no período da fundação do G.A. não se diferenciavam de outras escolas congêneres da época, as aulas eram organizadas nos moldes tradicionais e o cotidiano escolar com vivências que não se caracterizava como tão inovadoras. No que tange às atividades pedagógicas eram distribuídas entre aulas expositivas, recreios, aulas de educação física, passeios extraclasse, etc. Entretanto, o que o fez se distinguir das demais instituições de sua época foi o rigoroso acompanhamento junto aos alunos, fato este que tornou o G.A. reconhecido pela excelência no ensino. Aos alunos eram preparados para sobressair entre seus pares. Em sua maioria eram provenientes de famílias de estratos sociais mais elevados, as quais confiaram a educação de seus filhos naquele estabelecimento de ensino recém-criado.

O processo seletivo para ingressar no G.A. caracterizava-se como um divisor classificatório, visto que era realizado mediante a realização de uma prova de conhecimentos para se concorrer a um número de vagas restritas, gerando uma elevada concorrência entre os participantes. Constatou-se que os alunos aprovados no exame admissional eram provenientes das melhores escolas do estado e de uma origem familiar de estratos sociais mais elevados, filhos de advogados, médicos, funcionários públicos e empresários, sendo assim, a herança cultural favoreceu para que as gerações mais novas permanecessem em posições sociais semelhantes às de seus pais, e por isso as famílias apostavam numa educação de alto padrão como um meio de garantir a apropriação dos saberes necessários para não perder prestígio social. Outro aspecto que foi identificado por meio das memórias dos ex-alunos e que evidenciou a posição social dos estudantes, foi o fato de que a maioria deles residia nas proximidades do colégio, considerada uma região bem valorizada pelo mercado imobiliário da cidade, bem centralizada e onde residiam famílias com maior poder aquisitivo.

No tocante ao percurso da pesquisa, vale ressaltar a importância de preservar o patrimônio histórico e cultural institucional, pois ao visitar o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), percebe-se o zelo com a conservação do acervo sobre a memória do G.A., atualmente conhecido como Colégio de Aplicação da UFS (Codap).

Diante do exposto, a presente pesquisa demonstrou, a partir da trajetória individual de estudantes do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968), a identidade construída naquele contexto escolar e que permanece guardada nas

lembranças de seus ex-alunos até os dias atuais, como também trouxe à tona os lugares da memória que hoje conhecemos, mas que se não fosse revisto o passado de outra forma não seria possível constatar, pois só quem viveu, experienciou, é capaz de evocar. As experiências vivenciadas pelos ex-alunos se constituíram em fontes de conhecimento, pois a partir dos múltiplos olhares e inferências dos agentes sociais pioneiros, outros pesquisadores, estudantes e demais interessados podem fazer uso destas informações para uma melhor percepção da realidade.

Percebe-se, ainda, que ao fazer uso da metodologia da história oral foi possível compartilhar a memória coletiva de estudantes egressos que frequentaram as primeiras turmas do G.A., suscitando no decorrer do estudo, novos questionamentos com a necessidade de ampliar o conhecimento sobre o colégio, tais como: qual a contribuição do Educandário Brasília para o ensino primário na cidade de Aracaju? Quais são as percepções de estudantes egressos oriundos de classes sociais menos favorecidas do contexto educacional no período compreendido entre 1960 a 1968? Como eram desenvolvidas as produções literárias na Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores? Quais são os tipos de documentos que compõem o acervo do arquivo escolar do Codap? Qual a configuração histórica dos exames de admissão no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe? Por fim, resta demonstrado que esta investigação contribui para o campo da história cultural, permitindo uma visibilidade mais ampla a partir das percepções dos indivíduos indistintamente e, com isso, permitindo novas possibilidades de conhecimento e o uso de diversificados tipos de fontes.

## **FONTES**

### **1 ENTREVISTAS**

#### **1.1 Entrevistas do acervo audiovisual do Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS**

BARRETO NETO, Arnaldo Dantas. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistador: José Genivaldo Martires. São Cristóvão/SE, 12/09/2018.

CARDOSO FILHO, Rubens Ribeiro. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistador: Joaquim Tavares da Conceição. São Cristóvão/SE, 31/07/2018.

DANTAS, Paulo Roberto. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistadora: Laísa Dias Santos. São Cristóvão/SE, 12/09/2018.

ESPINHEIRO, Ana Maria Nunes. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistadora: Aristela Arestides Lima. São Cristóvão/SE, 22/08/2018.

GARCEZ, Rosa Maria Viana de Bragança. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistadora: Aristela Arestides Lima. São Cristóvão/SE, 22/08/2018.

LEITE, Sergio Duarte. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistador: Joaquim Tavares da Conceição. São Cristóvão/SE, 31/07/2018.

MENEZES, Lídia Maria Lisboa de. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistadora: Laísa Dias Santos. São Cristóvão/SE, 05/09/2018.

PRUDENTE, Suzana de Menezes Faro. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevistadora: Aristela Arestides Lima. São Cristóvão/SE, 22/08/2018.

#### **1.2 Entrevistas realizadas pela autora**

GUERRA, João Conrado. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 29/05/2019.

LISBÔA, Jane Ribeiro. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 17/09/2019.

MELO, Tânia Maria Sarmiento. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 16/05/2019.

MOREIRA, Álvaro José Paes. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 24/05/2019.

MOREIRA, Jethro Duarte. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 16/09/2019.

PORTO, Eliana Andrade. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 13/05/2019.

REZENDE, Eliana Costa Lima. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 24/05/2019.

SANTOS, Josenildo Fontes. Entrevistadora: Joelza de Oliveira Santos. Aracaju/SE, 17/06/2019.

## **2 DOCUMENTOS**

### **2.1 Documentação do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS**

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Documentos da Fundação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe, 1959. (pacotilha 94).

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Histórico do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe. (pacotilha 95).

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Livro de Atas das Reuniões do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe, 1960a. (pacotilha 03).

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Tabela de preços das mensalidades para 1960 do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe, 1960b. (pacotilha 25).

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Regimento interno do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe, 1960c. (pacotilha 25).

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Recibos das Mensalidades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe. Acervo Digital do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS.

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Caderneta Escolar do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe. Acervo Digital do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS, 1962-1967.

Cemdap. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. Caderno de Memórias 25 Anos (1967-1992): Jubileu de Prata, 1992. (pacotilha 22).

## 2.2 Documentação Diversa

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942. **Lei orgânica do ensino secundário.** Disponível em : [http:// https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html](http://https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html). Acesso em: 15 maio. 2018.

BRASIL. Decreto Lei nº 9.053/46 de 12 de março de 1946. **Cria um ginásio de aplicação nas Faculdades de Filosofia do País.** Disponível em:<http://https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9053-12-marco-1946-417016-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 maio. 2018.

BRASIL. Decreto Lei nº 269 de 28 de fevereiro de 1967. **Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade Federal de Sergipe e dá outras providências.** Disponível em: [http:// https:// https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-269-28-fevereiro-1967-378094-publicacaooriginal-1-pe.html](http://https://https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-269-28-fevereiro-1967-378094-publicacaooriginal-1-pe.html). Acesso em: 15 maio. 2018.

BRASIL. Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: [http://https://http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L4024.htm](http://https://http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm). Acesso em: 15 maio. 2018.

BRASIL, Universidade Federal de Sergipe. Resolução nº31/CONSU, de 08 de outubro de 2008. Aprova Regimento do Colégio de Aplicação. **Conselhos Superiores.** Secretaria dos Conselhos Superiores, São Cristóvão, SE. Disponível em: <https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/public/colegiados/resolucoes.jsf>. Acesso em: 19 out. 2019.

BRASIL, Universidade Federal de Sergipe. Resolução nº31/CONSU, de 08 de outubro de 2008. Aprova Regimento do Colégio de Aplicação. **Conselhos Superiores.** Secretaria dos Conselhos Superiores, São Cristóvão, SE. Disponível em: <https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/public/colegiados/resolucoes.jsf>. Acesso em: 19 out. 2019.

Livro de Ata da Reunião de Instalação Provisória do Conselho de Pais do Ginásio do Salvador, 02/03/1964, acervo pessoal de France Robertson Pereira da Silva.

## 3 JORNAIS

*A Cruzada*, Ano XXIV, nº 695 de 01 de abril de 1951.

*A Cruzada*, Ano 50, nº 1.566 de 02 de novembro de 1968.

*A Cruzada*, Ano XXV, nº 1.170 de 17 de dezembro de 1960.

*A Cruzada*, Ano XXIV, nº 1.121 de 12 de dezembro de 1959.

*A Cruzada*, Ano XXVII, nº 1.411 de 07 de dezembro de 1963.

*A Cruzada*, Ano XXV, nº 1.203 de 27 de maio de 1961.

*A Cruzada*, Ano XXIV, nº 1.167 de 29 de agosto de 1959.

#### **4 SITES CONSULTADOS**

<http://www.mapa.guia.com.br/Aracaju-SE>

<http://cpdoc.fgv.br>.

<http://catalogodeteses.capes.gov.br>

<http://sistema.bibliotecas-bdigital.fgv.br>

[bibliotecas.ufs.br](http://bibliotecas.ufs.br)

[jornaisdesergipe.ufs.br](http://jornaisdesergipe.ufs.br)



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANDRADE, Maria Clarete Borges de. **Cultura escolar no Ginásio de Aplicação/UFSC década de 1960**. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARBALHO, Duarte de Magalhães. **O Colégio de Aplicação – CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa: histórias de sucesso (memórias e identidade)**. 2008. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2008.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAVALCANTI, Patrícia Biotto. Escolas de Aplicação: um capítulo na história da formação de professores no Brasil. In: SOUZA, J.E; DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira (Org.). **Instituições e práticas escolares no Brasil: reflexões na história**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013. p. 421-453.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; MONTEIRO, R. R. S. ; MELO, R. C. Produção de documentação oral e preservação da memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. **RIDPHE R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, v. 4, p. 379-395, 2018.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Centro de pesquisa documentação e memória no espaço escolar e possibilidades para o ensino de história. **Instrumento - Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 18 n. 2 (2016): Especial Ensino de História.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; NOGUEIRA, M. M.C.M.; Preservação e organização documental: O Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação – Cemdap. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº 48, 2018.

COSTA, Maria Antônia Teixeira da. A educação secundária brasileira no ensaio de Jayme Abreu, anos de 1950. In: VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTANA, José Rogério; FLORÊNCIO, Lourdes Rafaella Santos; RODRIGUES, Rui Martinho; VÍCTOR, Dijane Maria Rocha; OLIVEIRA, Stanley Braz de (Org.). **História e Memória da Educação do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 39-56.

COSTA, Geraldo Sampaio. **Colégio de Aplicação: celeiro de líderes?** Dissertação (Mestrado em Administração) - Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 1995.

GUIMARÃES, Mariza Alves. **Um olhar sobre a história da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1959-1996)**. 2016. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: SBHE/Editora Autores Associados, n. 1, p. 9-44, 2001.

KINPARA, Minoru Martins. **Colégio de Aplicação: instituição escolar e a prática de ensino: questões atuais**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997.

LEAL, R. de C. D. **O primeiro Jardim de Infância de Sergipe: contribuição ao estudo da educação infantil (1932-1942)**. In: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/Se, 2004.

LE GOFF, J. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. [original: 1985].

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003, p. 419-476.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2009.

LIMA, Valeska Alessandra de. O processo seletivo para ingresso no Colégio de Aplicação da UFRGS: lembranças de professoras (1954-1983). In: **Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral**. Comunicações individuais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

LIMA, **Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o Arquivo e a Memória Oral (1954-1981)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2016.

LUCIANO JUNIOR, Ademir Soares. **Cultura Escolar e Perfil Discente no Colégio de Aplicação da UFSC (1966-1973)**. 2010. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. 2010.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)**. 2016. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

MARTIRES, José Genivaldo. **Flagrando a vida: trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014)**. 2016. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte**. Aracaju/SE. J. Andrade, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares (tradução: Yara Aun Khoury). **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Colégio de Aplicação da UFS: memórias de um ginásio de ouro**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 219.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **A formação do professor de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdos (1951-1962)**. Editora UFS, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3- 15, 1989.

PROST, Antoine. As questões do historiador. In: PROST, Antoine. **Doze Lições sobre história**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 53-73.

RIOS, Diogo Franco. **Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de uma instituição modernizadora**. 2012. 505f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Feira de Santana, Feira de Santana/BA. 2012.

SILVA, France Robertson Pereira da. **Educação e preceitos de fé: o Colégio do Salvador (Aracaju 1935-1959)**. 2016. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Modelos para a formação de professores nas páginas do Teachers College Record (1900-1921). **Hist. Educ. [Online]**, Porto Alegre v. 20 n. 48 Jan./abr., 2016, p. 55-73.

XAVIER, Libânia Nacif. **Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)**. São Paulo: Ed. Bragança Paulista/SP, Edusf, 2002.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Roteiro de entrevista****Entrevistado:** \_\_\_\_\_**Data da realização da entrevista:** \_\_\_\_\_**Informações sobre o entrevistado:**

- 1- Identificação do entrevistado. (Nome completo, local e data nascimento)
- 2- Família, nomes dos pais.
- 3- Trajetória escolar. (nome das instituições escolares, lembranças da trajetória escolar)
- 4- Ingresso no Colégio de Aplicação e/ou Ginásio de aplicação.  
-Data do ingresso (seleção, exame de admissão, em que série entrou, se concluiu no G.A., você gostava de estudar no G.A.?)  
-Onde cursou o primário?
- 5- O espaço escolar (onde funcionava o Colégio no momento do seu ingresso?)  
Quais as suas lembranças desse espaço?  
Onde você morava? Como era o trajeto para a escola? Houve mudanças físicas?
- 6- Relações do Colégio com a Faculdade de Filosofia: estágios, havia contato com os alunos e funcionários?
- 7- Quais as mudanças no Colégio de Aplicação com a incorporação à Universidade Federal de Sergipe?
- 8- Qual o perfil dos alunos (condição socioeconômica, grau de adiantamento) do Colégio de Aplicação?
- 9- Qual a lembrança da condição socioeconômica de sua família na época do ingresso no G.A.?
- 10- Como se dava a preparação para o exame de admissão?
- 11- Outras pessoas da família frequentaram o G.A.? Por que a sua família optou pelo G.A.?
- 12- Na sua lembrança qual era, em geral, a condição socioeconômica dos seus colegas do G.A.; Onde moravam (bairros)?  
-Lembrança dos colegas, atividade política, trotes...
- 13- Professores e funcionários (lembranças)  
-Lembrança de professores que encontrou no momento do ingresso no Colégio?  
-Funcionários  
-Práticas docentes (exames, aulas, atividades extraclasse, utilização de livros ou manuais, avaliações)

-Diretor(a): quem era? Quais as suas lembranças? Controle disciplinar? Houve mudança na direção? Como os alunos encaravam tais mudanças? Quais disciplinas você mais gostava:

14- Em relação às outras escolas da sua época, quais são as lembranças?

15- Atividades culturais e/ou religiosas, esportivas, pedagógicas.

-Praticou esporte na escola? Competiu?

-Relação com estudantes de outras escolas

-Atividades culturais fora da escola (clubes, cinema...)

16- Depois do Colégio de Aplicação quais as suas atividades de formação escolar?

-Atividades profissionais?

17- Lembra de Dom Luciano no G.A. na sua época de estudante?

18- Qual a frequência que os ex-alunos se reúnem?

19- Qual a importância que você atribui ao G.A. para sua formação?

20- Quais ensinamentos você guarda até hoje? Quais você atribui ao G.A.?

21- Como você define a educação naquele período? Qual influência a família exerce?

22- Comparando a educação daquela época com os dias atuais, o que você destaca?

Algumas práticas mereceram destaque? Quais?

23- Como agente pioneiro há alguma experiência que queira registrar?

24- Defina o sentimento despertado ao ser convidado para participar da entrevista.

25- Fale sobre a importância de conceder essa entrevista (Projeto memória/ Cemdap).

26- Autorização de uso de som, imagem, voz e nome (assinatura do termo de autorização)

## APÊNDICE B – Termo de autorização para realização da pesquisa

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, RG N° \_\_\_\_\_, CPF N° \_\_\_\_\_, AUTORIZO Joelza de Oliveira Santos, RG \_\_\_\_\_ órgão expedidor \_\_\_\_\_ e CPF \_\_\_\_\_, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação, no curso de Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Sergipe–UFS, matrícula institucional n° \_\_\_\_\_, a realizar entrevistas com ex-alunos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, para a realização do Projeto de Pesquisa **MEMÓRIAS DE ESTUDANTES EGRESSOS SOBRE O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1960-1968)**, que tem por objetivo primário: compreender as percepções de estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe sobre as práticas educativas e culturais vivenciadas ao longo de suas trajetórias escolares, no período compreendido entre 1960 e 1968.

A pesquisadora acima qualificada se compromete a:

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_